

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Edison Lucas Fabricio

A PRODUÇÃO DO ESPECTRO COMUNISTA: IMPRENSA,
POLÍTICA E CATOLICISMO.
(BLUMENAU 1960-1964)

Dissertação submetida ao Programa de
Pós-Graduação em História da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de
Mestre em História Cultural.
Orientador: Prof. Dr. Rogério Luiz de
Souza.

Florianópolis
2011

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

F126p Fabricio, Edison Lucas

A produção do espectro comunista [dissertação] : imprensa, política e catolicismo. (Blumenau 1960-1964) / Edison Lucas Fabricio ; orientador, Rogério Luiz de Souza. - Florianópolis, SC, 2011.

177 p.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História.

Inclui referências

1. História. 2. Comunismo. 3. Imprensa - Blumenau (SC). 4. Catolicismo. I. Souza, Rogério Luiz de. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU 93/99

Edison Lucas Fabricio

**A PRODUÇÃO DO ESPECTRO COMUNISTA: IMPRENSA,
POLÍTICA E CATOLICISMO.
(BLUMENAU 1960-1964)**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em História Cultural.

Florianópolis, 18 de março de 2011.

Eunice Sueli Nodari

Prof^a. Dr^a.

Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rogério Luiz de Souza

Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Adriano Luiz Duarte

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Norberto Dallabrida

Universidade do Estado de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Foram muitas as pessoas que apoiaram e me incentivam para a realização deste trabalho. Gostaria de mencionar algumas dessas pessoas e tributar minha gratidão a elas.

Primeiramente gostaria agradecer a Deus por todos os benefícios com os quais tem enriquecido a minha vida, este é apenas mais um. Agradecer também à minha companheira e esposa, Ana Paula. Foram muitas horas de ausência em viagens, estudos e trabalho. Sou grato pela sua paciência, carinho e afeto nestes tempos dedicados ao curso. Aqui também registro o apoio e incentivo dos meus pais, Doraci Fabricio e Oracília Fabricio.

Quando está pesquisa era apenas uma ideia vaga e o mestrado um sonho distante, recebi palavras incentivadoras de muitos professores. Aos quais não poderia esquecer de agradecer: Cristina Ferreira, José Roberto Severino, André Fabiano Voigt, Sueli Petry e Marcelo Caresia.

Sou grato também ao professor Rogério Luiz de Souza pela cuidadosa orientação. Sua generosidade e suas palavras de incentivo deram-me a segurança e a liberdade necessária para escrever o texto, para conduzir a pesquisa e para realizar o estágio docente.

Agradeço também os professores membros da banca examinadora, Adriano Luiz Duarte e Norberto Dallabrida. Ao professor Norberto meu duplo agradecimento, pois já estive presente na banca de qualificação. Agradeço também ao professor Valberto Dirksen que também participou da banca de qualificação.

Não poderia deixar de mencionar os professores Artur César Isaia, Joana Maria Pedro, Henrique Espada Lima, Claudete Beise Ulrich, Mariana Joffily que enriqueceram minha formação através das disciplinas ministradas no Programa de Pós-Graduação.

Sou agradecido também à professora Sueli Petry e aos funcionários do Arquivo Histórico de Blumenau, sempre foram muito pacientes e atenciosos para comigo quando deles necessitei.

Agradeço também aos meus entrevistados, Sr. Alfredo Gonçalves, Sr. Francisco José Pereira e o Sr. Horácio Rebelo, que abriram as portas de suas casas ou de seus locais de trabalho para me receber e forneceram informações valiosas para meu trabalho.

Nesta jornada construímos muitos laços. Nildo, um grande amigo que escancarou as portas de sua casa para me receber em Florianópolis enquanto eu frequentava as disciplinas do mestrado, nunca vou esquecer o que fizeste por mim. Edílson, um paranaense que descobri na Ilha de

Santa Catarina, muito obrigado por sua generosidade, amizade e por tudo que aprendi em nossas conversas. Thiago, também uma grata surpresa da Ilha, levarei comigo sua amizade para sempre, nunca esquecerei das nossas conversas “cafeinadas”.

Pela estrada também construímos e fortalecemos vínculos. Agradeço aqui a amizade do professor Luciano Florit, que através de muitas caronas de Floripa a Blumenau me proporcionou conversas com as quais aprendi muito. As mesmas palavras poderiam ser estendidas ao amigo Allan, trocamos muitas ideias e nossa amizade se fortaleceu em nossas inúmeras idas e vindas à Florianópolis. Não posso esquecer de registrar a presença do meu irmão Elito, que muitas vezes nos deu o prazer de sua companhia na direção.

Um agradecimento especial ao jornalista Marcos Espíndola, do Jornal Diário Catarinense, pela indicação das fontes judiciais utilizadas neste trabalho.

Finalmente, meus agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação em História, ao pessoal da secretaria que sempre me atendeu com atenção. Registro também minha gratidão à CAPES, pela bolsa de estudos que me proporcionou no último ano do curso, sem a qual este projeto encontraria sérias dificuldades de execução.

Muito obrigado a todos que de muitas formas e em muitos momentos me ofereceram palavras de apoio e incentivo.

O que fabrica o historiador quando “faz história”? Em que trabalha? Que produz? Interrompendo seu passeio erudito nas salas dos arquivos, separa-se por um momento de seu estudo monumental, que o possibilitará ser classificado entre seus pares, e, saindo para a rua, se pergunta? O que é este trabalho?

(Michel de Certeau, 1979).

RESUMO

Esta dissertação é resultado de uma investigação sobre a inserção do Partido Comunista em Blumenau e a constituição de um imaginário anticomunista durante os anos de 1960 a 1964. O trabalho foi baseado na leitura e interpretação de jornais da época, depoimentos orais, processos judiciais e fotografias. A imprensa foi a principal arena de combates entre comunistas e anticomunistas para o controle do imaginário. Os jornais foram poderosos instrumentos para a mobilização de imagens, mitos e símbolos do imaginário social. A frenética campanha anticomunista levou as autoridades a tomarem medidas de apoio ao Golpe de Estado de 1964. O episódio do golpe precipitou uma onda de intolerância política, os principais membros do Partido Comunista foram aprisionados por representarem uma suposta ameaça à segurança nacional. A cidade de Blumenau viveu este contexto de forma singular, sendo uma cidade industrial, as autoridades viam no comunismo uma forma de desintegração da comunidade e um perigo para a mistificada harmonia de classes. A luta contra o comunismo foi empreendida por jornalistas, empresários, sacerdotes e antigos combatentes integralistas. Ações também foram executadas no sentido de legitimar a intervenção militar no processo político. Em Blumenau foi realizada a “Marcha da Família com Deus e pela Liberdade”, onde grupos e classes conservadoras louvaram a intervenção militar. Outra medida que simbolizava o apoio civil ao Golpe de 1964 foi a “Campanha do Ouro para o Brasil”, também realizada por líderes políticos e religiosos da cidade.

Palavras-chave: Anticomunismo, imprensa, catolicismo.

ABSTRACT

This dissertation is the result of an investigation about the insertion of the Communist Party in Blumenau and the constitution of an imaginary anticommunist during the years 1960 to 1964. The work was based on reading and interpretation of newspapers of the time, oral testimony, court proceedings and photographs. The press was the main arena of fighting between communist and anticommunist for control of the imaginary. The newspapers were powerful instruments for mobilization of images, myths and symbols of the social imaginary. The frenetic anticommunist campaign led people to take actions in support of the coup d'Etat of 1964. The episode of the coup precipitated a wave of political intolerance, the principal members of the Communist Party were imprisoned. The city of Blumenau lived this context singularly, being an industrial city, the authorities saw in communism a form of disintegration of community and a danger to the supposed harmony of classes. The fight against communism was undertaken by journalists, businessmen, priests and old fighters integralistas. Actions have been taken to legitimize the military intervention in the political process. In Blumenau was performed with the March of the Family with God and Freedom, where conservative social groups and classes praised the military intervention. Another measure that symbolized the support for the coup of 1964 was the "Campaign of Gold for Brazil" also undertaken by political and religious leaders of the city.

Keywords: Anticomunism, press, catolicism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Foto de Francisco José Pereira publicada no Jornal Ronda Barriga Verde.	59
Figura 2. Capa da edição de fevereiro do Jornal Folha Catarinense do PCB catarinense.	87
Figura 3. Representações do imaginário anticomunista.	94
Figura 4. Militares na rua XV de novembro.	98
Figura 5. Autoridades civis e militares na rua XV de novembro.	100
Figura 6. Homenagem a Frei Efreem por seus 25 anos de sacerdócio.	124
Figuras 7; 8. Caminhões vindos de Porto Alegre com donativos da Cáritas (EUA).	134
Figura 9. Panfleto-convite para a Marcha da Família com Deus e pela Liberdade.	143
Figura 10. Sra. Asta Zadrosny discursando na Marcha da Família.	146
Figuras 11; 12. Marcha da Família com Deus e pela Liberdade.	151
Figura 13. A Marcha da Família noticiada pelo jornal <i>A Nação</i>	156

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AHJFS	Arquivo Histórico José Ferreira da Silva
AIB	Ação Integralista Brasileira
ANL	Aliança Nacional Libertadora
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
DOPS	Delegacia de Ordem Política e Social
IPM	Inquérito Policial Militar
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PCUS	Partido Comunista da União Soviética
PLC	Partido Liberal Catarinense
PRC	Partido Republicano Catarinense
PRP	Partido de Representação Popular
PSD	Partido Social Democrático
PSP	Partido Social Progressista
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
UDN	União Democrática Nacional

SUMÁRIO

RESUMO	VII
ABSTRACT.....	VIII
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	IX
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	X
SUMÁRIO	XI
1 INTRODUÇÃO.....	13
2 COMUNISMO E ANTICOMUNISMO NA IMPRENSA DE BLUMENAU	31
2.1 O POMO DA DISCÓRDIA: A INSERÇÃO DO PCB EM BLUMENAU	45
2.2 ANTICOMUNISMO E IMPRENSA: UMA ARENA DE DISPUTAS	52
2.3 OS COMUNISTAS E A IMPRENSA: OU COMO COMBATER COM PALAVRAS.....	76
3 A IMPRENSA CATÓLICA E O IMAGINÁRIO ANTICOMUNISTA	109
3.1 O ANTICOMUNISMO NO PERIÓDICO CATÓLICO LUZEIRO MARIANO E NAS AÇÕES DO CLERO DE BLUMENAU	119
3.2 A MARCHA DA FAMÍLIA COM DEUS E PELA LIBERDADE..	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS	157
REFERÊNCIAS	161

1 INTRODUÇÃO

*Nesse campo onde idéias, imagens, representações e ações se digladiam, o historiador adentra e se sente em casa. Afinal, antes das modernas histórias social, do cotidiano, da vida privada, das sensibilidades, da cultura erudita e popular, da mulher e das minorias, a história foi simplesmente **história política**.*
(S. Bresciani)

O interesse em realizar esta pesquisa surgiu no ano de 2005, quando procuramos cumprir as exigências da monografia de conclusão de curso de graduação em História através de uma temática inovadora na historiografia local. No início presenciamos uma lacuna sobre a história e atuação do Partido Comunista em Blumenau, imaginávamos que o fato de tal atuação ser breve (1960-1964) não poderia ser indigna de ocupar um lugar na memória da cidade. Desta forma, nos dispusemos então a pesquisar e escrever sobre o tema. Todavia, ao realizarmos uma breve pesquisa bibliográfica e documental sobre o assunto, notamos que havia, no período, um intenso combate às idéias comunistas em Blumenau, tanto por parte de indivíduos, quanto por instituições e grupos. Daí em diante nossos questionamentos foram alterados deslocando-se para a problemática do imaginário anticomunista, entre 1960 e 1964, na cidade de Blumenau.

O anticomunismo vem ganhando relevância historiografia política dos últimos anos, uma vez que, enquanto um fenômeno do século XX, no Brasil esteve ligado a rupturas políticas importantes, como a de 1937 que instaurou o Estado Novo e a de 1964 que desencadeou a ditadura militar – um dos períodos mais sombrios de nossa história política. A partir dos anos 30 indivíduos e instituições empreenderam uma forte campanha anticomunista, nela mobilizaram energias para a construção de um imaginário anticomunista, manipulou-se símbolos, criou-se representações do que seriam os comunistas e o comunismo. Tratava-se de associar os comunistas às “hordas satânicas”, a indivíduos potencialmente violentos, desprovidos de razão, propensos à vida dissoluta e imoral, indivíduos destruidores da família e da religião. O anticomunismo foi um dos mais fortes argumentos para intervenções autoritárias.¹

¹ Existe uma vasta produção historiográfica sobre o anticomunismo. Dentre os trabalhos que foram pioneiros neste campo e que nos inspiram mui especialmente citamos: RODEGHERO, Carla Simone. **O diabo é vermelho**: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964). Passo Fundo: EDIUPF, 2003; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**. O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2002. A estes trabalhos acrescentamos os seguintes: SILVA, Carla Luciana. **Onda**

O nosso objetivo é estudar o anticomunismo numa perspectiva historiográfica regional e, portanto, contribuir para a inserção do tema na história regional de Blumenau. Assim, buscamos enfatizar a importância das especificidades do contexto local na construção de um imaginário anticomunista.

A história regional tem sido beneficiada por certo esgotamento das macro-abordagens, das grandes sínteses, as quais se mostraram insuficientes diante de estudos mais particularizados.² Ao preconizar um estudo de história regional, no caso, o imaginário político anticomunista em Blumenau, a intenção não é ignorar a história nacional ou história geral e abordar o regional de forma estanque. Pelo contrário, é no âmbito local que as questões de ordem nacional podem repercutir ou mesmo reverberar. O que pretendemos enfatizar é que a região está historicamente inserida no todo, mas, todavia, este todo nacional não é necessariamente a soma das partes. A história geral ou nacional não é o somatório das histórias regionais. É preciso estar atento para o constante devir e intercâmbio entre as histórias local e nacional, elas são relacionais. A história local é, ao mesmo tempo, determinada do exterior e reelaborada internamente, segundo sua particularidade, memória, identidade, etc. Para este estudo adotamos um conceito de região que ultrapassa o caráter meramente físico e geográfico, concordamos que “o âmbito regional possui uma história própria, um conjunto de relações sociais delimitadas, um espaço de memória, de formação de identidades

Vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001; GONÇALVES, Marcos. “**Os Arautos da Dissolução**”: mito, imaginário político e afetividade anticomunista, Brasil 1941-1947. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004. Numa perspectiva que privilegiou os jornais a partir da abordagem lingüística temos o trabalho de MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa**. Os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAMP, 1998. Em Santa Catarina, temos KASPARY, Alceu. **O discurso católico em Santa Catarina no período de 1960/1964 e sua relação com a legitimação do golpe de Estado**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002. Privilegiando os jornais temos os trabalhos: Almeida, Maria Isabel de Moura. **O anticomunismo na imprensa goiana: 1935-1964**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003; e o de NOGUEIRA, Maristel Pereira. **O anticomunismo nos jornais: Correio do Povo, Diário de Notícias e Última Hora, Uma perspectiva de análise**. Tese de Doutorado em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009. Recentemente o tema ganhou uma reflexão também numa coletânea sobre o problema da intolerância em Portugal. Ver. REAL, Miguel. Anticomunismo. A figuração de um inimigo interno ao serviço de um interesse grande interesse estrangeiro. In: MARUJO, Antônio; FRANCO, José Eduardo (cord.) **A dança dos demônios. Intolerância em Portugal**. Portugal: Circulo de Leitores, 2009.

² RECKZIEGEL, Ana Luíza Setti. História Regional: dimensões teórico-conceituais. **Historia: debates e tendências**. V. 1, n. 1, 1999.

e de práticas políticas específicas”³. Desta forma, o regional será visto aqui como um espaço onde determinados valores são aceitos e partilhados socialmente, onde há uma mobilização em torno de uma identidade específica.

A historiografia regional de Blumenau tem sido bastante proffcuca, principalmente a partir de fins dos anos 70, quando começou a surgir uma historiografia sobre Blumenau produzida no espaço acadêmico, principalmente a partir do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Julgamos importante contextualizar está produção. Sem pretender realizar uma análise exaustiva podemos dividi-la cronológica e tematicamente.

No final da década de 1970 temos alguns trabalhos sobre a economia do Vale do Itajaí como de Luiz Vendelino Colombi e Anselmo Antônio Hillesheim. Neste mesmo período o trabalho da professora Sueli Maria Vanzuita Petry, sobre os clubes de caça e tiro na região de Blumenau, introduziu na historiografia a abordagem sobre o papel da cultura e destoou dos anteriores.⁴

Na década de 1980, a história econômica ainda era um tema de grande importância na historiografia regional, como atesta o trabalho de Maria Luiza Renaux.⁵ Todavia, ao lado de temas referentes à industrialização, à economia, emergiu o sindicalismo como objeto na historiografia de Blumenau, inicialmente através do trabalho de Maria de Fátima Sabino Dias e, posteriormente, na década de 1990, o tema foi revisitado por Aparecida Beduschi Schwab.⁶

A década de 1990 também foi marcada pela introdução de novos temas, sujeitos e objetos na historiografia local. Os trabalhos de Cristina

³ Idem, p. 20.

⁴ COLOMBI, Luiz Vendelino. **Industrialização de Blumenau: O Desenvolvimento da Gebrüder Hering (1880/1915)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1979. HILLESHEIM, Anselmo Antônio. **O crescimento do Mercado Interno numa Colônia do Império - O Caso de Blumenau (1850-1880)** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1979. PETRY, Sueli Maria Vanzuita. **Os Clubes de Caça e Tiro em Blumenau**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1979.

⁵ RENAUX, Maria Luiza. **Colonização e Indústria no Vale do Itajaí: O modelo catarinense de desenvolvimento**. Blumenau: Editora da FURB, 1987

⁶ DIAS, Maria de Fátima Sabino. **Sindicalismo e Estado corporativista: o caso do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Blumenau- 1941-1950**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1985. SCHWAB Aparecida Beduschi. **O Movimento Operário: Evolução do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Blumenau (1950-1988)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1991.

Scheibe Wolff e Maria Luiza Renaux procuraram discutir o papel e o lugar das mulheres na história de Blumenau, abordando temas relativos ao trabalho, à cultura, ao cotidiano, etc.⁷ No final da década de 1990 entra em cena uma nova geração de historiadores, surgiram novos estudos procurando abordar objetos antigos, mas revisitados sob novas perspectivas e novos questionamentos. Temas como etnicidade, cidadania e identidade cultural no contexto da colonização e períodos posteriores passaram a ocupar a historiografia local. Dentre os autores destacamos: Méri Frotscher, Cristina Ferreira e André Fabiano Voigt.⁸

Nesta atual década temos presenciado uma profusão de novos temas e novas abordagens na historiografia local. O trabalho de Marcelo Roberto Caresia buscou, através de anúncios publicitários veiculados na cidade entre 1935 e 1955, analisar as referências à tecnologia e à saúde no cotidiano, percebendo o que chama de “metáforas da vida cotidiana”. O recorte temporal escolhido pelo autor é marcado por questões candentes como os conflitos em torno da identidade cultural germânica, a campanha de nacionalização e as repercussões da Segunda Guerra, numa região construída sob a égide da imigração européia.⁹

Ellen Annuseck em sua dissertação de mestrado buscou investigar o cotidiano dos operários da Empresa Industrial Garcia (uma das mais antigas da cidade, fundada ainda no século XIX) enfatizando as formas de lazer e sociabilidade num bairro operário no período de 1940 a 1950. A narrativa da autora procurou analisar elementos até então silenciados pela historiografia. Através dos festejos do centenário de fundação da cidade intentou-se suprimir os problemas do operariado e buscou-se construir uma imagem harmônica da cidade, principalmente

⁷ WOLFF, Cristina Scheibe. **As mulheres da Colônia Blumenau**. Cotidiano e trabalho. 1850-1900. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. PUC/SP. São Paulo, 1991. RENAUX, Maria. Luiza. **O Outro Lado da História: O papel da mulher no Vale do Itajaí 1850-1950**. Blumenau: Editora da FURB, 1995.

⁸ FROTSCHER, Méri. **Etnicidade e trabalho alemão**: outros usos e outros produtos do labor humano. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1998. FERREIRA, Cristina. **Cidadania e identidade na sociedade teuto-brasileira**: José Deeke e os embates interétnicos no Vale do Itajaí. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1998. VOIGT, André Fabiano. **Imigrantes entre a Cruz e a Espada**. Imigração alemã, confissão religiosa e cidadania no Vale do Itajaí/SC (1847 - 1863) Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1999.

⁹ CARESIA, Roberto Marcelo. **Ícones da Vida Moderna: Tecnologia e Saúde nos Anúncios Publicitários Veiculados em Blumenau. (1935-1955)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

entre operários e patrões. Todavia, a greve no ano do centenário (1950) veio aflorar questões sensíveis sobre a identidade da cidade.¹⁰

O trabalho de Ricardo Machado também procurou questionar a construção de uma imagem de cidade. Ao tematizar a colônia Blumenau buscou questionar a instauração de uma nova racionalidade de organização do espaço em fins do século XIX e início do século XX. A preocupação do autor foi demonstrar a construção da ordem urbana através da gestão dos indivíduos, dos espaços e da mobilidade.¹¹

Carla Fernanda da Silva se debruçou sobre a narrativa visual da cidade de Blumenau contida na Revista *Blumenau em Cadernos*, periódico que enfatiza a história catarinense, ressaltando o papel do Vale do Itajaí. Segundo a autora a revista e seu fundador, José Ferreira da Silva, contribuíram para uma certa imagem harmônica de Blumenau, onde alguns personagens tinham seu lugar salvaguardado na memória social e outros eram invisibilizados e esquecidos. Para a autora, durante muitos anos foi recorrente certa narrativa visual na revista, que enfatizava certos personagens, a colonização européia, um mito fundador para a cidade. O recorte temporal privilegia imagens produzidas entre o século XIX e metade do século XX, ocasião do centenário de fundação. Para a autora, o discurso presente nas imagens evidencia a construção de uma narrativa do progresso, onde o presente enaltece o passado glorioso do esforço colonizador.¹²

O contexto da Segunda Guerra Mundial e da Campanha de Nacionalização do Estado Novo foi pesquisado por autoras como Meri Frotscher e Cynthia Campos. Meri Frotscher investigou, entre 1929 e 1950, os conflitos presentes nos discursos sobre a identidade das populações do Vale do Itajaí. Segundo a autora houve um deslocamento das concepções identitárias anteriores. As elites econômicas da cidade passaram a preconizar uma política de “integração nacional”, passou-se “da celebração da etnicidade teuto-brasileira à afirmação da brasilidade”. Ainda no contexto da nacionalização, Cynthia Campos procurou compreender as tensões e resistências em torno da proibição da

¹⁰ ANNUSECK Ellen. **Nos Bastidores da Festa**: outras histórias, memórias e sociabilidades em um bairro operário de Blumenau (1940-1950). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História: Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005

¹¹ MACHADO, Ricardo. **De Colônia a Cidade**: Propriedade, Mobilidade e Ordem Pública em Blumenau de Fins do Século XIX. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História: Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006

¹² SILVA, Carla Fernanda da. **Grafias da luz**: A Narrativa Visual Sobre a Cidade na Revista Blumenau em Cadernos. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História: Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008

língua alemã. A autora tomou como referência as cidades de Blumenau e Joinville para retirar conclusões mais gerais sobre a política de nacionalização nas áreas de colonização alemã no sul do Brasil.¹³

Há que ressaltar ainda a importância da pesquisa coordenada por Maria Bernadete Ramos Flores sobre as festas de outubro. Em *Oktoberfest*, a autora procura, na perspectiva da invenção das tradições, perscrutar a construção das várias festas de outubro no Estado de Santa Catarina, revelando as representações e o imaginário construídos por habitantes e turistas em torno das identidades culturais.¹⁴

Todavia o campo historiográfico local também é marcado por tensões, conflitos e busca de legitimidade. O exemplo mais visível foi a organização de uma coletânea de artigos sobre a história de Blumenau pelos cientistas sociais, Ivo Theiss, Marcos Mattedi e Fabricio Tomio.¹⁵ Como o próprio título evidencia, a coletânea foi, indiscutivelmente, uma significativa contribuição para a história de Blumenau. Mas, embora seja um trabalho historiográfico, não houve presença alguma de historiadores. No mesmo ano foi publicada uma outra coletânea, dirigida por Cristina Ferreira e Meri Frotscher, desta vez com contribuições somente de historiadores. Este trabalho também se mostrou fundamental para a historiografia local, abrindo novas perspectivas de análise, questionando e desconstruindo mitos da história do Vale do Itajaí.¹⁶

Após este breve percurso sobre a historiografia da cidade podemos, provisoriamente, realizar alguns apontamentos. A historiografia sobre Blumenau privilegiou, num primeiro momento, temas relativos à economia, industrialização e sindicalismo. Posteriormente, foram introduzidos novos sujeitos, objetos e formas de abordagem na historiografia local, o exemplo da história das mulheres e a utilização da categoria “gênero” atestam uma mudança significativa nas perspectivas de análise. Outro tema bastante recorrente foi a questão das identidades étnicas e os conflitos produzidos em torno delas. Os

¹³ CAMPOS, Cynthia Machado. **A política da língua na era Vargas**: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2006. FROTSCHER, Méri. **Da celebração da etnicidade teuto-brasileira à afirmação da brasilidade**: ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950). 2003. Tese de Doutorado. Programa de pós-graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003

¹⁴ FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Oktoberfest**. Turismo, Festa e Cultura na estação do chopp. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

¹⁵ THEIS, Ivo Marcos; MATTEDI, Marcos Antonio; TOMIO, Fabricio Ricardo de Limas.(orgs). **Nosso passado (in) comum**: contribuições para o debate sobre a historia e a historiografia em Blumenau. Blumenau: Ed. da FURB : 2000.

¹⁶ FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Meri. **Visões do Vale**: Perspectivas historiográficas recentes. Blumenau: Nova Letra, 2000.

estudos realizados sobre o contexto da imigração e colonização buscaram revelar e problematizar os conflitos, as tensões e embates inter-étnicos até então silenciados ou pouco tematizados.

Além do século XIX, a década de 1930 e 1940 ganhou destaque na historiografia. Este período ganhou grande atenção dos historiadores notadamente por questões relativas à Segunda Guerra Mundial e os reflexos da Campanha de Nacionalização do Governo Vargas nas populações do Vale do Itajaí, especificamente aquelas de origem alemã e italiana. A década de 1950 também mereceu destaque em virtude das comemorações do centenário de fundação da cidade e dos embates em torno da construção de uma memória. Por outro lado, um campo de estudos sobre as festas típicas originadas na década de 1980 e sua relação com uma identidade cultural, divide espaço com novos sujeitos (operários), novas fontes (fotografia), etc. No entanto, presenciamos uma lacuna historiográfica, uma ausência de trabalhos sobre a década de 1960 em Blumenau. Aqui, ressaltamos a importância da nossa pesquisa sobre os primeiros anos da década de 1960 e da inserção de novos temas de estudos na historiografia local.

A década de 1960 foi marcada por uma intensa produção de imaginários políticos. No plano internacional EUA e URSS digladiavam-se através de uma retórica por vezes apocalíptica no período que ficou conhecido como “Guerra Fria”.¹⁷ No Brasil, o início dos anos 60 foi um período de grandes mudanças políticas: renúncia de Jânio Quadros, defesa da legalidade constitucional e a conseqüente posse de João Goulart na presidência, instauração do regime parlamentarista de governo; no plano econômico ocorreu uma estagnação do crescimento e uma aceleração da inflação. Neste período os movimentos sociais se radicalizaram em nome das Reformas de Base. Por outro lado, os setores conservadores das elites, da Igreja e das Forças Armadas se organizam e no dia 31 de março de 1964 concretizaram o planejado golpe de estado que depôs João Goulart.¹⁸

Nos conturbados primeiros anos da década de 1960 o Partido Comunista ganhou um destaque relevante. O XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, realizado em 1956, ficou marcado pelas denúncias, feitas por Nikita Kruschev, dos crimes políticos no período totalitário do governo Stálin. A credibilidade do socialismo no plano internacional foi duramente abalado. Tudo indicava que o PCB, ilegal na

¹⁷ HOBBSAWN, Eric. **Era dos extremos**. O breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 224.

¹⁸ TOLEDO, Caio Navarro de. **O governo Goulart e o golpe de 64**. 15ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 7-115

época, estaria fadado ao fracasso. No entanto, “por ironia do destino”, nos anos que se seguiram até o golpe militar o PCB atingiu uma popularidade e força política nunca antes vistas.¹⁹

Em Blumenau, a partir do ano de 1960, começou a ser estruturado, clandestinamente (pois ilegal desde o Governo Dutra [1947]), o Partido Comunista Brasileiro, através do advogado Francisco José Pereira. O partido teve participação considerável nas questões trabalhistas e chegou até mesmo a editar um jornal. Não demorou muito para que a imprensa se tornasse o principal palco de disputas e combate ao comunismo, foi através dela que percebemos as primeiras retaliações à ação dos comunistas, seja por parte dos agentes do empresariado, dos partidos, da Igreja ou do Exército. Afinal, a idéia comunista circulando pelo Vale do Itajaí soava como uma afronta, há mais de um século a tradição rezava que o capitalismo em Blumenau havia triunfado, graças ao esforço e trabalho dos imigrantes alemães e seus descendentes. A industrialização e o sucesso econômico haviam transformado a cidade numa “pérola do capitalismo”.

Nossa pesquisa visa mostrar que Blumenau não estava isolada do contexto nacional neste período, muito pelo contrário, a cidade, principalmente através da imprensa, vivenciava intensamente estes momentos de mudanças no Brasil. Mas a cidade também vivia este período de forma diferenciada, com as particularidades inerentes a sua história. Através da imprensa escrita constitui-se um imaginário político anticomunista, nomearam-se os inimigos, construíram-se os aliados.

Nosso principal objetivo é analisar os elementos constitutivos do imaginário anticomunista em Blumenau entre os anos de 1960 e 1964. Este recorte temporal não é operado aleatoriamente, ele diz respeito ao período de constituição do Partido Comunista em Blumenau e sua desestruturação pelas prisões de seus integrantes, por ocasião do golpe de 1964.

Assim, nossa intenção é buscar compreender os principais argumentos, idéias, símbolos e imagens usados para caracterizar e combater o comunismo, identificar os principais grupos, indivíduos e instituições comprometidas com o combate às idéias comunistas e retratar as práticas discursivas enquanto práticas sociais simbólicas. Partimos do pressuposto que o discurso anticomunista em Blumenau era uma das maiores expressões do conservadorismo político da cidade. Tal discurso não admitia a diversidade ou pluralidade de visões de mundo

¹⁹ SEGATTO, José Antônio. **Reforma e Revolução**. As vicissitudes políticas do PCB (1954-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995, pp. 28, 29.

ou de organização social. Neste sentido, o discurso, e o imaginário por ele veiculado, se mostram excludentes e, não raro, intolerantes.

Por outro lado, intentamos estudar o grupo comunista da cidade através de seu discurso, seu imaginário e suas práticas políticas. Torna-se bastante vago falar em anticomunismo sem retratar seu objeto referencial, os comunistas. Assim, buscamos historiar a diversidade dos indivíduos que compunham o núcleo comunista de Blumenau, suas estratégias de inserção na sociedade, nas disputas políticas e sindicais. Procuramos também descrever o impacto que o Golpe de 1964 causou nas trajetórias dos membros do PCB, as prisões, o afastamento de suas famílias, e no período posterior à prisão as dificuldades em obter emprego e estruturar a vida novamente.

Neste trabalho o anticomunismo será tratado como parte de uma história política mais ampla, cujos contornos buscam privilegiar a dimensão simbólica da política, admitir o caráter polissêmico da palavra política, retratar as paixões, crenças, valores e mitos que permeiam a experiência política. Nossa pesquisa seguirá de perto a formulação de Pierre Rosavallon, para quem o campo político é “o lugar onde se articulam o social e sua representação, a matriz simbólica onde a experiência coletiva se enraíza e se reflete ao mesmo tempo”.²⁰

Neste sentido, o estudo das representações sociais ganha centralidade na abordagem do anticomunismo, pois, estas representações são construídas sempre visando o interesse de determinadas instituições e grupos sociais. Seguindo as indicações de Roger Chartier, buscamos destacar que as disputas políticas em torno da classificação, delimitação e imposição das representações legítimas da ordem social são tão relevantes quanto as lutas econômicas, trata-se de “localizar os pontos de afrontamento tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais”.²¹ O estudo das representações anticomunistas, visto desta perspectiva, busca resignificar o modo pelo qual as diversas instituições, agentes e grupos sociais demarcavam suas posições políticas e sociais, atribuíam a si mesmos uma determinada identidade social e, conseqüentemente, outra identidade aos seus inimigos políticos.

Estes embates políticos em torno das definições legítimas da ordem social não deixam de serem conflitos em torno da gestão do

²⁰ ROSANVALLON, Pierre. Por uma história conceitual do político (nota de trabalho). *Revista Brasileira de História*. V. 15, nº 30. 1995, p. 12

²¹ CHARTIER, Roger. *A história cultural*. Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1990, p. 17

imaginário coletivo. Bronislaw Baczko nos ensina que o imaginário é “uma das forças reguladoras da vida coletiva”. E, portanto, “uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controle da vida coletiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder. Ao mesmo tempo, ele torna-se o lugar e o objeto dos conflitos sociais”.²²

A gestão dos conflitos sociais e manejo do imaginário tornam-se tanto mais importantes nos momentos de crise social, quando a “anomia” se instala e a ordem social torna-se vulnerável e parece vacilar. Estes contextos de perturbação política são marcados pela “efervescência mitológica” que reedifica os temas da conspiração, da busca de uma idade de ouro, da revolução redentora, da unidade.²³ No início da década de 1960 alguns setores sociais importantes alicerçaram suas disputas sobre os mitos da instabilidade social, da infiltração e conspiração comunista e em nome de tais mitos mobilizaram o imaginário na busca de uma “revolução” que restabelecesse a unidade social e a ausência de conflitos.

Outro autor que nos ajuda a pensar o imaginário anticomunista é Michel Maffesoli. Para este autor, o imaginário ultrapassa o indivíduo e impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo. Na sua definição, “o imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-Nação, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social”.²⁴ Deste ponto de vista é inteligível a integração e o estado de euforia de parcelas significativas da população durante a “cruzada” anticomunista do período Goulart. O imaginário anticomunista congregava os indivíduos numa coletividade e lhes proporcionava os valores pelos quais deviam lutar.

Neste sentido, Maffesoli nos ensina que o imaginário vai além dos elementos racionais, ele trabalha através outros parâmetros, como “as construções mentais potencializadoras das chamadas práticas. De algum modo, o homem age porque sonha agir. O que chamo de ‘emocional’ e de ‘afetual’ são dimensões orgânicas e do agir a partir do espírito”.²⁵ O discurso político, por onde é veiculado o imaginário, é construído por elementos que seduzem, emocionam, alimentam sonhos e utopias, provocam paixões..

²² BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. **Enciclopédia Einaudi**. Portugal: Imprensa Nacional; Casa da Moeda. 1985, p. 310

²³ GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

²⁴ MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**. n° 15, agosto 2001. p. 79.

²⁵ Idem, p. 77

Não podemos nos furtar de incluir o anticomunismo na dimensão das paixões políticas. O anticomunismo, permeado por sentimentos religiosos, dogmas políticos e valores de classe demonstra toda sua dimensão afetiva quando as manifestações políticas são marcadas pelo medo, pelo furor, pela cólera, pelo ressentimento. Pierre Ansart também nos ajuda a pensar a questão da afetividade política. Segundo o autor, trata-se de perceber “as paixões não como sintomas de irracionalidade, mas como dimensões essenciais da experiência histórica”.²⁶ Neste sentido, é relevante ressaltar como os afetos direcionam e incitam ações.

A tarefa que se nos impõe é perceber a materialidade das paixões no domínio do imaginário, ou seja, como os discursos que veiculam os imaginários e sua dimensão afetiva ganharam determinado suporte e deixaram indícios, pois “a vida social produz, além de bens materiais, bens simbólicos e imateriais, um conjunto de representações, cujo domínio é a comunicação, expressa em diferentes tipos de linguagem, discursos que se materializam em textos ‘imagéticos’, iconográficos, impressos, orais, gestuais etc”.²⁷ Assim, distinguimos o domínio da comunicação como um “locus privilegiado de produção do imaginário social”.

Nesta perspectiva, para a investigação do imaginário anticomunista ganha centralidade a fonte impressa e uma modalidade especial de mídia, o jornal. A imprensa escrita, na sua forma jornal, será nossa principal fonte para a construção da narrativa sobre o imaginário anticomunista. Sobre este tipo de fonte vamos tecer alguns comentários.

Tânia Regina de Luca assinala que até a década de 1970 eram poucos os trabalhos que se valiam de jornais e revistas como fontes históricas. A difusão da imprensa no país trouxe consigo uma preocupação e uma valorização de tais impressos para a escrita da história da imprensa. Todavia, mantinha-se uma desconfiança em relação à “escrita da história por meio da imprensa”.²⁸

O nosso trabalho procura inserir-se entre aqueles que tomam a imprensa como fonte privilegiada para a escrita da história, ou seja, procuramos construir não uma história da imprensa, mas uma narrativa por meio da imprensa. Comungamos da perspectiva de Capelato e Prado, quando afirmam que a imprensa deve ser entendida “como

²⁶ ANSART, Pierre. Em defesa de uma ciência social das paixões políticas. **História: Questões & Debates**, nº 33. 2001. p. 150

²⁷ SWAIN, Tânia Navarro. Você disse imaginário? In: ____ (org.). **História no plural**. Brasília: UNB, 1994, p. 46

²⁸ LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-153.

instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois aquelas perspectivas que a tomam como mero ‘veículo de informações’, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere”.²⁹

Assim, nossa intenção é perceber a fonte jornalística como documento/monumento, inserido-a nas próprias tramas que o constituíram. Na perspectiva de Jacques Le Goff o documento é “um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”. O documento é monumento, pois “resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias”.³⁰ A partir desta assertiva pretendemos ir além, e captar a imprensa como constitutivo e instituinte do social, perceber as relações entre imprensa e sociedade, política e imaginário. “A imprensa como linguagem constitutiva do social”.³¹

Na perspectiva de Habermas a imprensa ocupa um lugar fundamental na esfera pública. Habermas chama de esfera pública literária a imprensa e os meios onde se forjam a opinião pública. A esfera pública, instituição característica das sociedades modernas, constitui um espaço de mediação entre a sociedade civil e o estado. A esfera pública pode ser concebida “como a esfera em que as pessoas privadas se juntam enquanto um público”. Para o autor os impressos são capazes de produzir um debate que abrange os mais diversos sujeitos sociais. A separação ou o desconhecimento desses sujeitos entre si não impede a concretização de uma esfera pública, donde podemos auferir que uma esfera pública só pode existir se for imaginada como tal. Assim, “os jornais passaram de meras instituições publicadoras de notícias para, além disso, serem porta-vozes e condutores da opinião pública, meios de luta política partidária”.³²

A imprensa na esfera pública burguesa passou a prolongar a discussão de um público politizado, ao mesmo tempo em que mediava e potencializava tal discussão. Todavia, a esfera

29 CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O Bravo Matutino**: Imprensa e Ideologia no Jornal O Estado de São Paulo. São Paulo: AlfaOmega, 1980, p. XIX.

³⁰ Para a noção de documento/monumento ver. LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1994, p. 545, 548

³¹ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**. v. 1, 2007, p. 258.

³² HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003, p. 42, 214.

pública literária não deve ser desvinculada dos interesses políticos e econômicos que a amalgamam. Afinal, segundo Habermas, o capitalista proprietário do jornal é alguém que “esconde as suas intenções comerciais sob o papel de alguém interessado no bem comum”.³³

Os jornais utilizados neste trabalho foram consultados na coleção de periódicos do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. Os periódicos são os seguintes: “Ronda Barriga Verde”, “Lume”, “A Nação”. “A Tribuna” “A Cidade de Blumenau”, “O Combate”; dentre os jornais com conteúdo religioso ou confessional, destacamos o “Luzeiro Mariano” e “Elo”; o “Mensageiro Artex”, de uma empresa textil; e o jornal do Partido Comunista “Folha Catarinense”.

Embora as fontes jornalísticas sejam as mais destacadas neste trabalho não poderíamos fugir da análise de outros tipos de fontes históricas, que serão tratadas, assim como as fontes jornalísticas, enquanto indícios, fragmentos de uma época, representações. Assim, nossa pesquisa procurou incorporar as fontes orais, a fotografia, os processos judiciais, etc. Façamos um inventário preliminar dessas fontes.

Quanto às fontes fotográficas, elas foram coletadas junto ao acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. As fotografias foram incorporadas ao texto como documentos importantes da época, pois evidenciam acontecimentos, mais que ilustram. Elas também podem ser enquadradas na noção de documento/monumento, uma vez que é a tentativa de uma determinada sociedade em perenizar sua representação, seus códigos e *status quo*. Segundo Boris Kossoy, por muito tempo a fotografia não foi considerada um documento e ainda ela não atingiu o *status* de documento histórico. Para este autor a importância da fotografia, “como artefato de época”, ainda não foi devidamente percebida.³⁴ Como os outros documentos, a fotografia é um “resíduo do passado, um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade”.³⁵ Nesta mesma linha de raciocínio caminham as reflexões de Ana Maria Mauad, para a autora a fotografia deve ser “considerada como testemunho: atesta a existência de uma realidade”. Daí a “idéia de indício, de resíduo da realidade sensível impressa na imagem fotográfica”.³⁶ Para Mauad a fotografia, juntamente com os outros documentos, compõe a “textualidade de uma época”.

³³ Idem, p. 226.

³⁴ KOSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2ª ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 28

³⁵ Idem, p. 45.

³⁶ MAUAD, Ana Maria Através da imagem: fotografia e história: interfaces. **Tempo**. v. 1, nº. 2, 1996, p. 73-98.

Outra fonte significativa para a construção de nossa narrativa é o processo judicial que tramitou no Superior Tribunal Militar, em que os comunistas foram enquadrados na Lei de Segurança Nacional. Esta documentação se encontra fotocopiada na sede da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) de Santa Catarina, em Florianópolis. O processo contém 1952 páginas e está dividido em oito volumes. Apesar de estar bastante comprometida pelo tempo, a documentação nos oferece detalhes importantes dos membros e da organização do partido na cidade. Numa avaliação *à posteriori*, podemos dizer que, curiosamente, a justiça militar ao produzir provas contra os acusados, através da coleta de documentos, acabou, ainda que de forma involuntária, por preservar também fragmentos da história do partido.³⁷

Outros documentos importantes para nossa pesquisa foram as fontes orais. A busca das fontes orais é sempre envolvida em dificuldades, no nosso caso as dificuldades se agravaram por se tratar de um período da história que deixou marcas profundas na memória daqueles que o vivenciaram. A fonte oral sofre recorrentes objeções, sendo que a principal diz respeito à sua própria natureza, ou seja, a fonte oral é uma fonte construída, “provocada” pelo historiador. No entanto, devemos argumentar que as fontes escritas também não “puras”, também são construídas e sob múltiplas coerções. Um dos aspectos mais importantes na construção da fonte oral é a solicitação da testemunha à memória, este fenômeno é bastante complexo, ainda mais quando se trata de acontecimentos que deixaram marcas afetivas na testemunha. A memória pode evocar emoções, sentimentos, ressentimentos, ódios e ao historiar memórias o historiador não raro se depara com esquecimentos, silêncios, ocultamentos, lapsos, não-ditos.³⁸ Uma vez que tais memórias são marcadas pela violência simbólica e psicológica, em casos extremos pela violência física.

³⁷ As fontes judiciais vêm adquirindo grande relevância na pesquisa histórica. Segundo Keila Grinberg, devemos encarar os processos judiciais como fontes fundamentalmente oficiais, produzidas pela justiça de um determinado contexto histórico, segundo o entendimento do que era crime ou violação da lei. Assim, a produção do documento judicial não objetiva reconstruir um acontecimento, mas “buscar produzir uma verdade, acusando e punindo alguém. Nessa perspectiva, todos os depoimentos seriam ‘ficções’, papéis desempenhados por personagens, cada qual procurando influenciar os desfecho da história”. GRINBERG, Keila. Processos Criminais. A história nos porões dos arquivos judiciários. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 119-139.

³⁸ Cf. POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. V. 2, n. 3, 1989, p. 3-15; ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.) **Memória e (res)sentimento**. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. pp. 15-36.

Em nossa pesquisa foi possível realizar três entrevistas. Duas delas como militantes e ex-presos políticos, a saber: Francisco José Pereira e Alfredo José Gonçalves. Também conseguimos o depoimento do major do Exército Horácio dos Santos Rebelo, atualmente na reserva, mas na época capitão e responsável pelo Inquérito Policial Militar (IPM), cuja finalidade era investigar as atividades do núcleo comunista de Blumenau.

O nosso trabalho está dividido em dois capítulos. No primeiro buscamos contextualizar a história de Blumenau através de sua historiografia, ressaltando alguns elementos que evidenciam as peculiaridades sociais, econômicas e políticas da cidade. Em seguida, através de indícios e escassas fontes, procuramos descrever o surgimento do Partido Comunista na cidade. Num momento seguinte procuramos analisar como a imprensa construiu o espectro do comunismo e como os jornais disseminavam o anticomunismo. Por outro lado, procuramos perceber também a imprensa como uma arena de disputas, pois os comunistas não assistiram passivamente a campanha anticomunista e trataram de mobilizar um arsenal discursivo na luta pelo imaginário comunista, seja em resposta nos jornais ou no próprio jornal do Partido. Num último momento buscamos compreender como o imaginário alimentou e incitou diversas práticas e posturas, como foi o caso da prisão dos comunistas efetuadas pelos próprios civis na ocasião do golpe civil-militar de 1964.

No segundo capítulo retratamos o catolicismo como uma das mais importantes forças do anticomunismo. Através do jornal “Luzero Mariano”, mostramos a importância do jornal na construção do imaginário católico sobre o comunismo, identificamos os principais símbolos utilizados pelo clero no combate ao comunismo, reproduzimos discursos de autoridades religiosas sobre a situação política brasileira e o constante medo da infiltração comunista na nação. Na imprensa católica o comunismo representava o fim da religião, por esta razão a Igreja Católica conservadora abençoou o Golpe de 1964, assinalando-o como uma medida salvadora. Neste capítulo ainda nos detemos sobre a Marcha da Família com Deus e pela Liberdade, ocorrida no dia 21 de Abril de 1964 para selar a vitória da “revolução” sobre o comunismo.

Neste capítulo vamos privilegiar o imaginário anticomunista veiculado pelo discurso religioso por entendermos que ele possui peculiaridades distintas dos outros discursos, sejam eles empresarial, militar, político, etc. Na conjuntura política dos anos sessenta ele ganhou uma relevância tal, que até mesmo os discursos acima citados se

apropriaram dos elementos e símbolos religiosos para construírem sua argumentação, desta forma, sacralizando a política.

Procuramos entender a imprensa católica como veiculadora de um imaginário religioso. Este imaginário estrutura a cada instante a experiência social e engendra comportamentos, condutas, práticas, ao mesmo tempo em que atua “no campo da plausibilidade”.³⁹ Na perspectiva de Peter Berger, a religião ocupa um lugar destacado na construção e manutenção humana do mundo, os seres humanos se relacionam com a sociedade através de um processo dialético de exteriorização, objetivação e interiorização. A interiorização é um aspecto fundamental da relação indivíduo/sociedade, através dela ocorre o aprendizado dos papéis sociais, das normas e da importância das instituições. A religião desenvolve um papel fundamental na socialização deste mundo construído enquanto “nomos” e “cosmos”, ou seja, estrutura plausível oposta à “anomia”, ao “caos”. O mundo nomizado é aquele que aparece como estável, evidente, cuja ordem parece estar inscrito na natureza, ele é uma barreira contra a instalação da desordem, da instabilidade, das forças do caos.⁴⁰ Neste ponto o “nomos” ou ordem social é legitimado pelas instituições, dentre as quais destacamos a religiosa, essencial na construção de uma estrutura de plausibilidade.

No estudo sobre o imaginário católico anticomunista não podemos nos furtar da análise dos lugares sociais ocupados por agentes e instituição religiosa, tal como veiculado pela imprensa. Encaramos o discurso religioso enquanto um discurso de alguém que se coloca como mediador entre Deus e os homens, de alguém que está investido das insígnias da ordem, um discurso carregado de autoridade e poder simbólico. Para Pierre Bourdieu, o poder simbólico é um “poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário”.⁴¹

No caso do discurso clerical devemos estar atento para a relação entre o agente religioso e a instituição que representa, uma vez que o poder do discurso não reside nas palavras de quem as pronuncia, mas é exterior a elas. Pois segundo Bourdieu, “um enunciado performativo

³⁹ PINTOS, Juan Luis. El Imaginario Social de la religión. In: **Los imaginarios sociales**. La nueva construcción de la realidad social. Madrid: Sal Terrae; Instituto “Fe y Secularidad”, 1995, p. 20

⁴⁰ BERGER, Peter. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2004, p. 36-37

⁴¹ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 6ª ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2003, p. 14

está condenado ao fracasso quando pronunciado por alguém que não disponha do ‘poder’ de pronunciá-lo”, ou seja, “as diferentes formas de argumentação estão condenados ao fracasso quando não logram estabelecer a relação entre as propriedades do discurso, as propriedades daquele que pronuncia e as propriedades da instituição que o autoriza a pronunciar”.⁴²

Outra distinção importante do discurso religioso se encontra na noção de não-reversibilidade. Segundo Eni Orlandi, uma das condições para existência do discurso é a noção de reversibilidade, a troca de papéis, a interação, sem a reversibilidade não há interlocução e, conseqüentemente, discurso. O discurso religioso, assim como o autoritário, comunga da ilusão da reversibilidade, pois não cria condições de troca entre locutor e ouvinte, se apresenta como absoluto e incontestável.⁴³

Escrever sobre o contexto do golpe de 1964 não é tarefa fácil, trata-se de um período recente e sensível de nossa história. Uma das principais dificuldades se encontra no fato de ser um período que deixou muitas feridas abertas, um passado que não passou totalmente.⁴⁴ Muitos dos envolvidos neste processo histórico preferem manter o silêncio, pois são lembranças desagradáveis, afinal suas trajetórias de vida foram totalmente alteradas pela repressão que se abateu. Com todas essas condicionantes não ambicionamos estabelecer a “Verdade” sobre o período, fazer história não é estabelecer um tribunal para confrontar inocentes e culpados, todavia, entendemos que não é possível eliminar nossa subjetividade da narrativa. Na perspectiva de Peter Gay entendemos a história como arte, como ato criativo.⁴⁵ A narrativa histórica é construída através de fontes, todavia é o historiador que as utiliza para construir seu enredo ou sua trama. A história como forma narrativa é composta de elementos que são realçados em detrimento de outros que são suprimidos, ao preferir uma estratégia descritiva o historiador está demonstrando que o texto que ele constrói é constituído a partir de certa perspectiva.

Os documentos certamente dão crédito à pesquisa histórica, ainda que eles não falem por si. A mediação, interpretação, inquirição e

⁴² BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 89.

⁴³ ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso**. 2ª ed. revista e aumentada. Campinas: Pontes, 1987. p. 239-262.

⁴⁴ SCHMIDT, Benito Bisso. 2007. Cicatriz aberta ou página virada? Lembrar e esquecer o Golpe de 1964 quarenta anos depois. **Anos** 90, 14(26):127-156.

⁴⁵ GAY, Peter. **O estilo na história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

escolha dos documentos dependem do historiador, é ele que elege algumas prioridades e não outras. Desta forma, revela as possibilidades e os múltiplos caminhos para ler e construir representações do passado. O historiador não é imparcial, sua prática é feita de escolhas e suas escolhas denunciam o lugar de onde pronuncia suas palavras. É preciso assumir a parcialidade e esquecer a quimera da totalidade, só iremos apreender um acontecimento por meio de documentos ou de testemunhos, ou seja, a partir de indícios. Paul Veyne nos ensina que “[...] a História é senão respostas a nossas indagações, porque não se pode materialmente fazer todas as perguntas, descrever todo o porvir e, porque o progresso do questionário histórico se coloca no tempo e é tão lento quanto o progresso de qualquer ciência, sim, a história é subjetiva, pois não se pode negar que a escolha de um assunto para um livro de história seja livre”.⁴⁶

São as nossas escolhas que traçam nosso itinerário de pesquisa, que constroem nossas tramas, nosso enredo. Daí, Veyne comparar a história a um cleidoscópio, pois nunca poderemos ver todas as faces ao mesmo tempo de um objeto. A observação do objeto está condicionada à subjetividade do observador, ainda que façamos conexões entre documentos, vestígios, indícios, a história sempre poderia ser escrita de outra forma. “[...] os acontecimentos não são coisas, objetos consistentes, eles são um corte que realizamos livremente na realidade, um aglomerado de procedimentos em que agem e sofrem substâncias em interação, homens e coisas”.⁴⁷

⁴⁶ VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora da UnB, 1982, p. 37

⁴⁷ Idem, p.30.

2 COMUNISMO E ANTICOMUNISMO NA IMPRENSA DE BLUMENAU

A história de Blumenau possui peculiaridades interessantes. Fundada como colônia particular do farmacêutico alemão Hermann Otto Blumenau no século XIX, no nordeste da Província de Santa Catarina, sob a égide da colonização européia, principalmente dos grupos alemães e italianos, construiu para si mesma a epopéia do progresso baseado no labor dos colonizadores. Estes, sempre vistos pela historiografia tradicional como heróis, pois se embrearam na mata, sofreram os revezes das enchentes do rio Itajaí, enfrentaram os perigos da floresta, foram vitoriosos no confronto com os indígenas. Enfim, construíram, apesar de toda sorte de dificuldades, uma nova vida na nova pátria.

A historiografia tradicional, os governos e os meios de comunicação têm construído a uma imagem de Blumenau ao longo de sua história que tem caracterizado os blumenauenses como um “povo ordeiro”, “amante do trabalho”. Tal sentença sempre vem justificada pela origem germânica ou teuto-brasileira, como se essas propriedades lhes fossem inerentes como que por natureza. O culto aos heróis da colonização e aos industriais com “espírito empreendedor” tem ocasionado um esquecimento dos outros sujeitos históricos, principalmente os trabalhadores que construíram a riqueza da região. Em nome de uma imagem harmônica da cidade tem-se procurado diluir os conflitos e as desigualdades sociais, como se fosse fragrante a solidariedade entre patrões e operários e a paz social reinasse absoluta.

Nosso objetivo neste tópico é salientar alguns aspectos da história de Blumenau para repensarmos a construção da história da cidade e do imaginário sobre o comunismo e os comunistas. Não queremos afirmar que o anticomunismo é algo imanente à história de Blumenau, intentamos apenas mostrar que em vários momentos de crise recorreu-se a argumentos anticomunistas para nomear os inimigos da “boa sociedade” e manter a coesão social. Também não pretendemos realizar uma análise do imaginário anticomunista antes dos anos de 1960, isso demandaria outra pesquisa, procuramos tão somente evidenciar a existência de práticas anticomunistas no período anterior aos anos de 1960, deixando para o futuro ou para outros pesquisadores uma incursão mais exaustiva neste período.

Para entendermos a emergência de sujeitos políticos na esfera pública da cidade cumpre sabermos o lugar social desses sujeitos. Foi ainda no final do século XIX que surgiram as primeiras indústrias

têxteis na região, juntamente com um incipiente comércio. Assim, desde a municipalização da Colônia Blumenau, o poder político esteve vinculado aos interesses desses comerciantes e industriais, que formaram a classe empresarial. Segundo Vilma Margarete Simão havia uma hegemonia de comerciantes e industriais sobre as atividades políticas da cidade, desta forma não é difícil imaginar a dificuldade encontrada por atores políticos alheios aos interesses empresariais.¹

A vinda de novos imigrantes no final do século XIX contribuiu significativamente para o surgimento e fortalecimento das indústrias em Blumenau. Muitos desses imigrantes traziam em sua bagagem o conhecimento técnico necessário para estruturar as bases de pequenos empreendimentos familiares. Ironicamente, as duas grandes guerras mundiais, ocasiões de derrotas da nação alemã, foram as melhores oportunidades para o crescimento industrial na área de colonização do Vale do Itajaí e do conseqüente comércio com o exterior.

Todavia não se pode afirmar que Blumenau já era uma cidade industrial. Segundo o Censo de 1920, Blumenau, que contava com 72.213 habitantes, possuía “a mais rica economia agrícola do Estado”.² O desenvolvimento econômico do município também foi favorecido pela construção de vias de transporte para escoar a produção, como Estrada de Ferro Santa Catarina, que inaugurou seu primeiro trecho antes da Primeira Guerra Mundial e a edificação do cais do porto de Blumenau, em 1924.³ No entanto, aos poucos a indústria e seus produtos ganham espaço e inserção no mercado nacional e internacional e nesse contexto surgem as primeiras reivindicações dos trabalhadores têxteis.

Em 1920 ocorreu o primeiro movimento específico da classe trabalhadora, uma greve dos empregados têxteis da Empresa Industrial Garcia que buscavam melhores salários. Segundo a imprensa do período, os líderes grevistas eram anarquistas e incitavam os trabalhadores à subversão, inclusive a boicotar o fornecimento de energia da Empresa de Força e Luz Santa Catarina. Todavia, para Rute Coelho Zendron tais grevistas foram acusados de anarquistas, o que não significava que doutrinariamente o fossem, pois não há indícios

¹ SIMÃO, Vilma Margarete. **Blumenau**: da indiferenciação étnica à diferenciação de classe. São Paulo, 1995. Dissertação de Mestrado em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

² SINGER, Paul. **Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana**. Análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Editora da Universidade de São Paulo, 1968, p. 120

³ SIMÃO, Vilma Margarete. **Blumenau**. Op. Cit. p. 30

concretos de sua ligação com o movimento anarquista. Se levarmos em conta que os contornos do comunismo e do anarquismo no movimento operário no início do século XX ainda não eram bem definidos poderemos entender melhor a confusão de denominações. O que interessa neste caso é que foi uma das primeiras tentativas, ainda que não declarada, mas passível de se ler, de romper com as ideologias pangermanistas que diluíam os conflitos de classes em nome do consenso étnico.⁴ Em resposta o empresariado se organizou para “combater qualquer possibilidade de infiltração de ideologias comunistas na sociedade civil e no governo local”.⁵ Deste episódio resultou a expulsão dos líderes grevistas, Fritz Koch e Georg Sterneck e suas famílias, do território brasileiro. A legislação da época permitia a deportação de estrangeiros que oferecessem risco à “segurança nacional”.

A imprensa da cidade publicou elogios às decisões das “autoridades locais no interesse da família blumenauense, da população ordeira e trabalhadora deste município e da integridade nacional”. Ao mesmo tempo manifestava o conservadorismo político, a intolerância à alteridade política e a confusão quanto à filiação ideológica dos grevistas: “tanto quanto sabemos são os primeiros alemães que são expulsos do território nacional por atitudes socialistas ou bolchevistas [...] já constatamos anteriormente que o marxismo e anarquismo, se dão muito bem”.⁶

⁴ O Pangermanismo foi um movimento político surgido no século XIX, tinha na expansão alemã o argumento da conquista do espaço vital e na crença da superioridade do sangue ariano suas principais justificativas. O Pangermanismo no contexto imperialista do final do século XIX e até o início da I Guerra Mundial acentuou uma espécie de nacionalismo étnico, buscando expandir a nacionalidade alemã até mesmo aos alemães que viviam no exterior, procurando conservar nas colônias a cultura e a língua alemã. Desta forma, o pangermanismo funcionava como um cimento social nas colônias de imigrantes alemães, pois congregava e proporcionava coesão social para as comunidades através dos costumes preservados e difundidos pelos clubes de caça e tiro, a Igreja Luterana e as escolas alemãs. Sobre o Pangermanismo consultar: MAGALHÃES, Marionilde Brepohl. **Pangermanismo e Nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998; SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e Identidade Étnica**. A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

⁵ SIMÃO, Vilma Margarete “Da hegemonia passiva à hegemonia ativa”. In: THEIS, Ivo Marcos; MATTEDI, Marcos Antonio; TOMIO, Fabricio Ricardo de Limas.(orgs). **Nosso passado (in) comum**: contribuições para o debate sobre a história e a historiografia em Blumenau. Blumenau: Ed. da FURB : 2000. pp. 37, 38. Cf. ZENDROM, Rute. Anarquismo e anarquistas em Blumenau. In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Méri (Orgs.) **Visões do Vale**. Perspectivas historiográficas recentes. Blumenau: Nova Letra, 2000, p. 131-146.

⁶ Citações de Jornal do Brasil e Der Urwaldsbote. Cf. SIMÃO, Vilma Margarete. **Blumenau: da indiferenciação étnica à diferenciação de classe**. Op. Cit. p. 93-94

Esta ocorrência não pode ser desvinculada de seu contexto ideológico. O espectro da revolução rondava a Europa e os ecos da Revolução Russa amedrontavam o mundo capitalista. A articulação dos trabalhadores em movimentos sociais era visto com apreensão e exigia medidas urgentes para a manutenção da ordem produtiva, política e social.

Nos anos vinte e trinta a indústria blumenauense cresce de forma vertiginosa, a crise de 1929 não afetou significativamente o desenvolvimento industrial. Juntamente com a Malharia Hering, a Empresa Karsten, e a Tecelagem Garcia, existentes já a partir do século XIX, surgiram em 1926, a Tecelagem Kuelnrich e ano de 1927 a indústria de Cadarços Haco. No ano de 1935, foram fundadas as empresas Eletro-Aço Altona e a fábrica de Gases Medicinais Cremer; em 1936 a fábrica de Artefatos Artex; e depois da Segunda Guerra Mundial, em 1947, a Sul Fabril Malhas.

A emergência do empresariado enquanto classe teve repercussões fundamentais na esfera pública e no espaço político-institucional. Não se quer afirmar aqui que o espaço político reflete necessária e mecanicamente as demandas das estruturas econômicas. Todavia, devemos levar em conta a vantagem de grupos economicamente dominantes em “formar e impor consensos nos diversos campos de interação e de lutas, sendo o campo político um espaço central dessas relações de poder, apesar de sua autonomia relativa junto ao campo econômico”.⁷

Durante a década de 30 a cidade de Blumenau esteve envolvida em acontecimentos políticos relevantes, tanto em nível estadual quanto nacional. O vale do Itajaí historicamente, desde a República Velha, foi um reduto privilegiado do Partido Republicano Catarinense (PRC). O PRC era um partido caracteristicamente oligárquico, congregava lideranças políticas do litoral, nordeste e Vale do Itajaí; tinha na família Konder seu principal representante. Por outro lado, a partir dos anos 30, tinha como principal opositor o Partido Liberal Catarinense (PLC), liderado pela oligárquica família Ramos do planalto catarinense.

Após a revolução de 1930 a política estadual passou por momentos de instabilidade e com repercussões fundamentais no Vale do Itajaí. Nomeado por Vargas, o general gaúcho Ptolomeu de Assis Brasil

⁷ TOMIO, Fabricio Ricardo de Limas. Breve história da burguesia industrial têxtil blumenauense (constituição, ação política e organizações de classe) In: THEIS, Ivo Marcos; MATTEDI, Marcos Antonio; TOMIO, Fabricio Ricardo de Limas.(orgs). **Nosso passado (in) comum**: contribuições para o debate sobre a historia e a historiografia em Blumenau. Blumenau: Ed. da FURB : 2000, p. 78

assumiu o governo no estado e ficou até 1932, sendo substituído pelo novo interventor, seu irmão, o major Rui Zobarán. Após um período de três anos de gestão gaúcha, finalmente, após muito pressionar, um catarinense, Aristiliano Ramos foi nomeado Interventor Federal em Santa Catarina, em 1933. A nomeação de um interventor da família Ramos não deixou de ter repercussões desfavoráveis no Vale do Itajaí. Uma das medidas de Aristiliano Ramos foi decretar o desmembramento de Blumenau e a conseqüente emancipação de quatro novos municípios. Assim, “o território de Blumenau que, em 1930, contava com 10.375 km², ficou em 1934 reduzido a 1.650 km²”.⁸

A perda da hegemonia junto à política estadual acarretou o enfraquecimento das elites políticas do Vale do Itajaí. Poderíamos questionar qual seria a relação desse contexto com a construção de um imaginário anticomunista? A resposta se encaminha pela percepção de que diante da crise de representatividade das tradicionais elites política emerge um movimento de massas profundamente anticomunista: o integralismo.

O processo crescente de industrialização e urbanização pelo qual passava Blumenau na década de 1930 criou condições de possibilidade para penetração da Aliança Integralista Brasileira na região. A AIB mostrou-se como uma nova opção na polarizada política estadual.

A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi criada em 1932 e tinha como chefe nacional Plínio Salgado. Era movimento inspirado nos fascismos que vigoravam em alguns países europeus, defendia um ideário nacionalista, antiliberal, anti-semita e anticomunista. A AIB congregava elementos das camadas médias urbanas como intelectuais, católicos, funcionários públicos, militares, etc. Seu lema era “Deus, Pátria e Família”. Este ideário atraiu a simpatia de importantes pensadores como Alceu Amoroso Lima e o engajamento de sacerdotes como Dom Helder Câmara.⁹ A AIB mantinha laços ideológicos com o governo de Vargas no que dizia respeito ao antisemitismo, nacionalismo, antiliberalismo e anticomunismo.

No estado de Santa Catarina a AIB constituiu núcleos a partir de 1934.¹⁰ Segundo Luiz Felipe Falcão, os fundadores do movimento

⁸ FROTSCHER, Méri. **Da celebração da etnicidade teuto-brasileira à afirmação da brasilidade: ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950)**. 2003. Tese de Doutorado. Programa de pós-graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003. p. 48-49

⁹ SERBIN, Kenneth P. **Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. pp. 84, 125

¹⁰ Sobre o integralismo em Santa Catarina destacamos os trabalhos de FALCÃO, Luís Felipe. **Entre o ontem e amanhã: diferença cultural tensões sociais e separatismo em Santa Catarina**

integralista no estado tinham um profundo envolvimento religioso, eram católicos fervorosos e pareciam ter em Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima as principais inspirações, uma vez que estes autores primavam, desde aos 20 e 30 por “um nacionalismo de orientação católica e de feição visceralmente anticomunista”.¹¹

No Brasil dos anos 30, como mostrou Eliana Dutra, havia um clima propício à emergência de governos autoritários. Os acontecimentos do final da década de 1920 criaram um grande descrédito com a forma liberal de governo, ganhou força a crença num estado forte e interventor, ao mesmo em que o contexto internacional trazia muitas incertezas.¹² A citação abaixo parece sintetizar as apreensões políticas dos conturbados anos 30.

O Brasil não poderá ficar alheio à transformação que se opera no mundo. A democracia agoniza em toda parte. Duas longas estradas se abriram, neste século, para a humanidade: o comunismo e o fascismo. Por uma delas o Brasil há de fatalmente enveredar. A primeira é incompatível para os nossos sentimentos, com a nossa educação, com as tradições da nossa história, e será, se encontrar prosélitos, combatida a ferro e fogo. A segunda, vive latente entre as nossas populações, desde o intelectual das cidades até o caboclo rústico, que já aprendeu a admirar Hitler e Mussolini.¹³

Em Santa Catarina o integralismo conquistou adeptos principalmente entre alemães, italianos, ítalo-brasileiros e teuto-brasileiros.¹⁴ Blumenau durante a década de 1930 tornou-se um dos

no século XX. Itajaí: Editora da Univalli, 2000; GERTZ, René. **O fascismo no Sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

¹¹ FALCÃO, Luiz Felipe. A guerra Interna (integralismo, nazismo e Nacionalização). In BRANCHER, Ana Alice. **História de Santa Catarina**: estudos contemporâneos. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999, p. 177

¹² DUTRA, Eliana Freitas. **O ardil totalitário**. Imaginário político no Brasil dos anos 30. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. UFMG, 1997.

¹³ “Momento político”. O farol, 16 de dezembro de 1933. *Apud* FALCÃO, Luiz Felipe. A guerra Interna (integralismo, nazismo e Nacionalização). Op. Cit, p. 178-179.

¹⁴ A questão teuto-brasileira vem sendo estudada por muitos autores. Giralda Seyferth em sua tese de doutorado buscou problematizar os teuto-brasileiros enquanto um grupo étnico bastante homogêneo até a Campanha de Nacionalização do Governo Vargas, no final da década de 30. Neste período há uma maior interação com outras etnias. Para esta autora a comunidade teuto-brasileira do Vale do Itajaí-Mirim buscou fundamentar sua identidade étnica na ideologia nacionalista germanista. A idéia de germanidade até a década de 30 era veiculada pela imprensa teuto-brasileira no sul do Brasil. Mas também preservada por instituições como os

maiores focos do movimento integralista. Em 1934, foi organizado o núcleo da AIB em Blumenau através de articulações de seu próprio líder nacional, Plínio Salgado.

Valendo-se da afinidade que os teuto-brasileiros atribuíam ao Integralismo e ao Nacional-Socialismo, os dirigentes do movimento Integralista buscavam, na região, novos adeptos. Plínio Salgado, visitando Blumenau como dirigente nacional do Partido Integralista, reuniu-se com os líderes do grupo nazista da cidade e, por haver afinidade entre os dois movimentos, declarava que a luta contra os inimigos comuns era imprescindível.¹⁵

Na eleição para o governo municipal de 1936, os integralistas elegeram 11 dos 15 vereadores e Alberto Stein como prefeito municipal.¹⁶ Conforme Méri Frotscher, a maioria desses vereadores integralistas era oriunda da classe média e não das tradicionais elites industriais, ficando nítida as mudanças políticas e sociais do período. “Dos 11 vereadores, apenas um era indicado como industrial, ou melhor, era filho de um fabricante de cerveja. Os demais eram de segmentos da classe média”.¹⁷

Era com desconfiança que as antigas elites dominantes viam os novos movimentos políticos. Um sintoma deste desconforto pode ser

clubes de caça e tiro, as escolas e a Igreja Luterana. Cf. SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**. Op. Cit. André Fabiano Voigt, numa análise conceitual, refletiu sobre aquilo que comumente tem se chamado de “teuto-brasileiro”. Para este autor a década de 30 é marcada pela discussão acerca da construção da identidade nacional, é também neste período que o trabalho se torna um dos mais fortes argumentos de integração nacional. Os imigrantes alemães, não miscigenados, do sul do Brasil agora poderiam ser integrados à comunidades nacional através do trabalho. Neste período também surge cientistas humanos preocupados com a questão étnica do sul do Brasil, são eles que forjaram o conceito de “teuto-brasileiro” para atender à necessidade de incluir esta cultura à cultura nacional. Emilio Willems usa o conceito de “assimilação” para caracterizar este processo de “inclusão cultural” pelo qual passaram os alemães no sul do Brasil. O conceito de “teuto-brasileiro” que antes tinha uma conotação política passa a ter agora uma conotação científica, segundo os ditames da Antropologia Cultural. Cf. VOIGT, André Fabiano. **A invenção do teuto-brasileiro: imagens discursivas de uma construção identitária (1930-1946)**. Anais do III Simpósio Nacional de História Cultural. Florianópolis, 2005.

¹⁵ SIMÃO, Vilma Margarete “Da hegemonia passiva à hegemonia ativa”. Op. Cit. p. 40

¹⁶ Além de Blumenau, o integralismo galgou as prefeituras de Joinville, Jaraguá do Sul, Brusque, Timbó, São Bento do Sul, Rio do Sul e Hamônia (atual Ibirama). Todavia, tiveram pouca expressão em municípios como Lages, Itajaí e Florianópolis.

¹⁷ Idem, p. 63

percebido no discurso de Marcos Konder na promulgação da constituição catarinense, em agosto de 1935. Para o político, a democracia corria riscos à esquerda e à direita, pois integralismo e o comunismo seriam “dois exércitos bem organizados e municiados” que rumavam “contra a cidadela democrática”.¹⁸ O comunismo na sua acepção era uma “capa disfarçada de bolchevismo russo”, já o integralismo um “travesti brasileiro, e inadaptável às nossas condições, do fascismo italiano ou do Nacional-Socialismo alemão”.¹⁹

Mas não foi somente a descrença nas antigas elites políticas que ocasionou todo o sucesso eleitoral dos integralistas. O fascínio pelo integralismo era produto também de sua similaridade com os fascismos europeus, através da “militarização” da população, característica dos desfiles de milicianos uniformizados, da saudação *Anauê*, do uso do sigma, culto ao chefe carismático, etc. Um exemplo do sucesso integralista em Blumenau pode ser observado no I Congresso Integralista das Províncias Meridionais, em outubro de 1935. Através de 4 trens fretados, 210 caminhões, 250 ônibus, 318 carros e um incalculável número de bicicletas, carroças e cavalos os integralistas, em número aproximado de 30.000, tomaram as ruas com suas inconfundíveis camisas verdes e com as braçadeiras do sigma.²⁰

Paralelamente à AIB é fundada a Aliança Nacional Libertadora (ANL), em 1935, organização inspirada nas propostas das frentes populares surgidas em diversos países da Europa com o objetivo de combater o avanço do nazi-fascismo. A ANL congregava comunistas, socialistas, liberais e católicos. Pregando a formação de um governo popular, nacional e revolucionário, transformou-se, assim como a AIB, num grande movimento de massas. De seu programa faziam parte à luta contra o latifúndio e o imperialismo, a defesa da reforma agrária e das liberdades democráticas, a suspensão do pagamento da dívida externa brasileira e o combate ao nazi-fascismo. Luiz Carlos Prestes, dirigente comunista, foi escolhido presidente de honra da entidade. Segundo Celso Martins, a partir de junho de 1935 foram constituídos núcleos da ANL em Florianópolis, Itajaí, Tubarão, Laguna, Canoinhas, Porto União

¹⁸ KONDER, Marcos. Democracia. Integralismo. Comunismo. Discurso proferido na Assembléia Constituinte de Santa Catarina no dia 25 de agosto de 1935. *Apud* FROTSCHER, MÉRI. Op. Cit. p. 61

¹⁹ KONDER, Marcos. Democracia. Integralismo. Comunismo. Discurso proferido na Assembléia Constituinte de Santa Catarina no dia 25 de agosto de 1935. *Apud* FALCÃO, Luiz Felipe. Op. Cit. p. 190

²⁰ FALCÃO, Luiz Felipe. Op. Cit. p. 191

e Lages.²¹ Em Blumenau, até onde conseguimos averiguar não houve núcleo da ANL, o que não surpreende.

No início da década de 1930 Prestes estava na União Soviética, voltou para o Brasil em 1935 incumbido pela direção da Internacional Comunista de promover um levante armado, que posteriormente ficou conhecido pejorativamente como a “Intentona Comunista”. No ano de 1935 a ANL promoveu manifestações públicas para comemorar o aniversário dos levantes tenentistas de 1922 e 1924. Nessa ocasião, contra a vontade de muitos, foi lido um manifesto de Prestes sugerindo a derrubada do governo e exigindo “todo o poder à ANL”. Vargas aproveitou a grande repercussão do manifesto para, com base na Lei de Segurança Nacional, ordenar o fechamento da ANL. Na ilegalidade, a ANL não podia mais realizar grandes manifestações públicas e perdeu o contato com a massa popular que com ela se entusiasmava. Ganharam então força em seu interior os membros do Partido Comunista dispostos a deflagrar um levante armado para depor o governo. Em novembro de 1935 estourou em Natal (RN) um levante militar em nome da ANL. Em seguida ao movimento em Natal, que obteve apoio popular e chegou a assumir o controle da cidade por quatro dias, foram deflagrados levantes em Recife e no Rio de Janeiro.²² O governo federal não teve dificuldades para dominar a situação, iniciando logo a seguir intensa repressão contra os mais variados grupos de oposição atuantes no país, vinculados ou não ao levante. Vargas como hábil e ardiso político instituiu a homenagem anual aos militares mortos na Intentona. Este ritual, celebrado religiosamente todos os anos, era uma forma de manter acessa a chama de repúdio ao “comunismo assassínio”.²³

Em 1936 foi criada a Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo. Para as elites civis e militares do país, o comunismo tornou-se o inimigo número um. Instituiu-se o Tribunal de Segurança Nacional para julgar os acusados de envolvimento com a insurreição de 1935. O anticomunismo varguista ainda estaria na base da deflagração do golpe de 1937. O oficial do Exército Olímpio Mourão Filho (integralista), forjou um falso plano comunista de insurreição (Plano Cohen), Vargas através deste documento argumentou e fundamentou a

²¹ MARTINS, Celso. **Os comunas**: Álvaro Ventura e o PCB catarinense. Florianópolis: Paralelo 27; Fundação Franklin Cascaes, 1995, p.71-76

²² VIANNA, Marly A. G. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935.. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida N. (Org.). **O Brasil Republicano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v. 2, p. 63-105

²³ GONÇALVES, Marcos. Para nunca mais esquecer: elementos do mito da conspiração no imaginário anticomunista brasileiro. **Revista História Hoje**. Nº 4, 2004.

necessidade da instauração do Estado Novo (1937-1945). Posta na ilegalidade através do Estado Novo, que aboliu os partidos políticos, a AIB apelou para um golpe de Estado em 1938, que acabou sendo frustrado.

No período do Estado Novo Nereu Ramos assumiu como interventor no Estado de Santa Catarina. Em Blumenau o prefeito integralista Alberto Stein foi substituído pelo presidente da câmara dos vereadores, José Ferreira da Silva, curiosamente um ex-integralista. Os outros dois prefeitos nomeados posteriormente, Afonso Rabe e Alfredo Campos, assim como Ferreira da Silva, não eram integrantes das antigas elites industriais e comerciais que dominavam a cena política anterior à Revolução de 1930.²⁴

Até a década de 1930 a identidade étnica em Blumenau era um fator de agregação, havia uma hegemonia da cultura germânica. Todavia, com a implantação do Estado Novo e da Campanha de Nacionalização Brasileira essa hegemonia foi rompida. No ano de 1939 foi instalado o 32º Batalhão de Caçadores (atual 23º BI - Batalhão de Infantaria), era uma das medidas para garantir a eficácia da Campanha de Nacionalização. Neste período, os jornais impressos em alemão tiveram que mudar o idioma ou deixar de circular, muitas entidades culturais, como os clubes de caça e tiro, as sociedades de canto e ginástica, foram fechadas, as escolas alemãs, que ministravam aulas no idioma alemão cerraram suas portas e foram substituídas por escolas estaduais que passaram a lecionar em português. O governo Vargas buscou construir uma homogeneidade cultural ao mesmo tempo em que suprimia a diversidade. Era o investimento do estado sobre a sociedade civil no sentido de padronizar as condutas e as práticas culturais segundo aquilo que acreditava ser a brasilidade.²⁵

A Campanha de Nacionalização cumpria com os objetivos de neutralizar os regionalismos e promover – muitas vezes de forma violenta – a integração nacional. Assim, a década de 1940 foi marcada pela ruptura com um passado germânico que impregnava a cidade, era necessário livrar-se do estereótipo de “cidade alemã” e, portanto, associada ao nazismo.²⁶

²⁴ FROTSCHER, Méri. *Op. Cit.* p. 196

²⁵ Sobre a campanha de nacionalização e a proibição da língua alemã ver: CAMPOS, Cynthia Machado. **A política da língua na era Vargas**: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2006.

²⁶ CARESIA, Roberto Marcelo. Blumenau e a modernização urbana: alterando costumes (1940-1960). In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Meri. **Visões do Vale**: Perspectivas Historiográficas recentes. Blumenau: Nova Letra, 2000, p. 173

Na década de 1940 a urbanização continuou crescendo no município. Segundo Paul Singer, “a população que se dedica à agricultura cai de quase a metade, em 1940, a um quinto da população ativa, em 1950”. Depois do desmembramento do município ficou mais evidente o crescimento urbano e industrial, no período entre guerras Blumenau houve um crescimento de 165% dos trabalhadores na indústria.²⁷ De todas as regiões catarinenses, o Vale do Itajaí apresentava em 1960 a maior concentração populacional urbana. A densidade demográfica da região era de 33,5 hab./ Km² ao passo que no estado todo não passava de 22,6 hab. / Km².

Todavia, todo este crescimento urbano e desenvolvimento industrial não conseguiam esconder as tensões, os conflitos, os enormes contrastes e desigualdades sociais. A riqueza produzida pelo setor industrial, o acúmulo de capital na mão dos patrões e a conseqüente pauperização da classe trabalhadora produziu muitos movimentos grevistas. No ano de 1945, os trabalhadores Empresa Industrial Garcia cruzam os braços reivindicando um aumento de 50% nos salários. A greve é deflagrada sem o apoio do sindicato, organicamente vinculado ao estado corporativista e ao patronato. Era a primeira depois do episódio da expulsão do país dos líderes grevistas de 1920. Na época Empresa Industrial Garcia tinha cerca de mil operários e era considerada uma das mais importantes do sul do Brasil.

A greve teve início em 09 de outubro de 1945 e curiosamente, neste contexto também é registrada uma manifestação de repúdio ao comunismo. Sigamos a descrição do jornal A Nação:

Quando era intenso o movimento de populares na nossa principal artéria, domingo à tarde, um grupo de pessoas de diversas classes sociais, num gesto de repúdio ao comunismo, que bem define os nossos sentimentos democráticos e as tradições morais e cristãs do povo brasileiro, irrompeu em protestos contra a fixação de cartazes de propaganda da doutrina comunista na fachada de um dos nossos estabelecimentos comerciais, arrancando-os e queimando-os. Essa atitude teve a solidariedade e a simpatia de nossa população, que jamais teve tendências para a ideologia da foice e do martelo, portanto a sua índole e os seus

²⁷ SINGER, Paul. **Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana**. Análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Editora da Universidade de São Paulo, 1968, p. 130-131

sentimentos cristãos só podem ter afinidades com o espírito democrático das ações livres e cristãs.
28

Falta-nos dados para analisar este movimento mais detidamente esse caso. Todavia, a leitura que podemos fazer deste indício nos direciona para a existência de conflitos latentes no tecido social e, ao mesmo tempo, certo receio quanto à penetração do comunismo nas lutas operárias de Blumenau. Afinal, desde o início do ano, Vargas havia sinalizado no sentido realização de eleições sob um regime democrático com a legalização de todos os partidos políticos, anistia aos presos políticos, inclusive aos comunistas. A legalização do partido através do registro no Tribunal Superior Eleitoral ocorreu ainda no mês de outubro, fechando um ciclo de 18 anos de ilegalidade.

1945 foi marcado pelo fim do Estado Novo e a consequente redemocratização com a volta das eleições e dos partidos políticos. Esquemáticamente os novos partidos agrupavam os antigos grupos políticos. O PSD (Partido Socialista Democrático) havia sido organizado por Vargas a partir das interventorias estaduais, tinha um eleitorado predominantemente rural. O PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) também com forte presença de Vargas procurou aglutinar os operários, teve como suporte principal a estrutura sindical e o Ministério do Trabalho. A UDN (União Democrática Nacional) constituiu a principal força de oposição ao varguismo.²⁹ O ano de 1945 também é significativo para o PCB, pois finalmente é legalizado. A euforia dura pouco, pois em 1947, o então presidente general Eurico Gaspar Dutra torna-o ilegal novamente. Maria de Fátima Sabino Dias ao analisar a história da Associação Têxtil de Blumenau, entidade fortemente cooptada pelo corporativismo estatal e pelos interesses patronais, assinala que:

A política anticomunista desenvolvida por Dutra teve o total apoio da Associação têxtil de Blumenau, que se manifestou encaminhando telegrama ao presidente da República, posicionando-se favorável ao combate à ideologia comunista no Brasil. Foi enviado também um outro telegrama ao Ministério do Trabalho manifestando o apoio da associação às medidas

²⁸ *A Nação* 10/11/1945 apud SIMÃO, Vilma Margarete. **Blumenau**. Da indiferenciação étnica à diferenciação de classe. Op. Cit., p. 98-99

²⁹ CARREIRÃO, Yan de Souza. **Eleições e sistema partidário em Santa Catarina**. (1945-1979). Florinópolis: Ed. da UFSC, 1990, p. 32-33.

'de preservação das tradições cristãs' e apoiando o Supremo Tribunal Eleitoral no cancelamento do registro do PCB.³⁰

Em Santa Catarina o PSD congregava os membros do antigo Partido Liberal Catarinense, liderado oligarquia Ramos do planalto catarinense. A UDN aglutinava a elite industrial e em Santa Catarina tinha nas famílias Konder e Bornhausen seus principais representantes. O PTB teve uma estrutura muito frágil inicialmente, mas até o golpe de 1964 cresceu e teve um papel destacado na cena política estadual, sendo muitas vezes o fiel da balança em muitas disputas eleitorais.³¹

A pesquisa de Patrícia Zumblick May sobre as redes político-empresariais de Santa Catarina nos ajuda a pensar as inter-relações entre os grupos econômicos e a política partidária. Segundo a autora, no período da redemocratização a UDN e o PSD despontaram como os principais partidos do estado, sendo a principal característica destes partidos o comando de empresários. Os empresários detinham grande parte dos meios de comunicação e tiveram importância significativa no golpe de 1964.³²

No vale do Itajaí, a redemocratização trouxe novas lideranças políticas, o empresariado retorna à cena com outros personagens e assume a hegemonia no governo municipal. A UDN torna-se o símbolo deste novo momento político, pois entre 1947 e 1966 sucederam-se cinco prefeitos representantes da UDN.

Na década de 1950 as tensões entre patrões e empregados persistiam. Um dos exemplos mais evidentes foi uma greve de trabalhadores ocorrida no ano de 1950. O movimento grevista foi o maior até então registrado em Blumenau, a paralisação durou 29 dias e envolveu trabalhadores das indústrias Gazes Medicinais Cremer S.A., Chapéus Nelsa, Algotex, Gráfica Catarinense e Empresa Garcia. A

³⁰ DIAS, Maria de Fátima Sabino. *Sindicalismo e Estado corporativista: o caso do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Blumenau- 1941-1950*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1985, p. 87

³¹ Todavia, todo este esquema foi perdendo ser poder explicativo ao longo dos anos e deve ser relativizado. Nas eleições de 1960, por exemplo, o governador eleito era Celso Ramos, presidente da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (PSD) e Doutel de Andrade (PTB). Já não era mais possível classificar os partidos à partir de suas bases rurais ou urbanas, ou classificar os candidatos como latifundiários ou industriais.

³² MAY, Patrícia Zumblick Santos. **Redes político-empresariais de Santa Catarina (1961-1970)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1998.

reivindicação era por melhores salários e seguiu à revelia do sindicato da categoria, na época atrelado corporativamente ao estado e patronato.

Esta greve ganhou especificidade por ocorrer no ano dos festejos do centenário de fundação da cidade. A festa do centenário era um momento propício para reafirmar a imagem idealizada da cidade, enquanto uma cidade do progresso, ordeira, trabalhadora, onde o amor ao trabalho era como que uma característica natural de seus moradores. Novamente se recorre ao recurso da infiltração comunista. Segundo Ellen Annuseck, o jornal *A Nação* acusou os grevistas de manter uma relação implícita com o comunismo. Todavia, não havia indícios da participação de comunistas na greve. Segundo a autora, “a categoria ‘comunista’ foi um recurso utilizado para desmoralizar o movimento operário e assim legitimar a atuação do DOPS, bem como, legitimar futuras punições. Esse recurso era utilizado desde o início do governo de Eurico Gaspar Dutra, em 1946, para confundir os movimentos grevistas surgidos nesse período e delinear um programa de contenção social”.³³

Nos anos 50, Blumenau continua expandindo a indústria em ritmo intenso, sendo que o principal ramo é o têxtil, que representava 42% da produção total. O crescimento econômico colocou o município, no ano de 1955, entre os cinco “municípios brasileiros de maior progresso”, segundo o Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM).³⁴

Para Roberto Caresia este período é marcado pelo discurso da modernidade em Blumenau. Tratava-se de superar aquilo que era considerado antigo, tradicional, antiquado e atrasado em nome do novo e do moderno. Construções antigas, como o hotel Holetz e a Igreja matriz São Paulo Apóstolo, em estilo próximo ao gótico, foram demolidas e em seus lugares foram erigidas construções modernas segundo um modelo arquitetônico racional e retilíneo, que pouco lembrava os modelos europeus. Neste contexto do pós-guerra, houve uma ruptura com o passado germânico que impregnava a cidade, pois o exemplo a ser seguido não era o de uma Europa devastada pela guerra, mas sim o de um país como os Estados Unidos, país avançado tecnologicamente, “terra da liberdade” e da livre iniciativa – a típica sociedade de consumo. De forma sutil os produtos *made in USA* passam a penetrar no mercado local, os hábitos de consumo começam a se modificar. Desde produtos alimentares como a *Coca-Cola*, até os

³³ ANNUSECK Ellen. **Nos Bastidores da Festa**: outras histórias, memórias e sociabilidades em um bairro operário de Blumenau (1940-1950). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História: Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005, p. 48-49

³⁴ SIMÃO, Vilma Margarete. “Da hegemonia passiva à hegemonia ativa”. Op. cit. p. 78-79

automóveis *Ford*, eletrodomésticos como *Frigidaire*, o melhor emblema desta mudança é inauguração da loja comercial *Casa do Americano*.³⁵ Todos estes elementos trazidos pelo modelo americano modificaram o estilo de vida da população local, as práticas cotidianas e mesmo os valores políticos. Neste contexto de Guerra Fria os estadunidenses emergiram como o emblema da liberdade e da prosperidade e os soviéticos, chineses e depois cubanos carregavam sobre si a insígnia da “miséria”, do autoritarismo, da violência e da desumanidade.

2.1 O POMO DA DISCÓRDIA: A INSERÇÃO DO PCB EM BLUMENAU

A década de 50 marca uma ruptura na história no PCB. As denúncias dos crimes do período stalinista feitas por Krushev no XX congresso do PCUS acabaram criando uma crise no comunismo internacional. No Brasil, o PCB contornou a crise a partir de um processo de renovação entre os anos de 1958 e 1960. Principalmente, a partir de 1960 o partido comunista começou a adotar o discurso da via democrática para a construção da revolução, conseguindo assim grande inserção no movimento sindical urbano e rural, estudantil, entre os intelectuais, nas campanhas por reformas, na luta nacionalista e antiimperialista. A ilegalidade do partido não impedia sua atuação junto à sociedade civil e política, o que levava seus membros a avaliar a situação como “uma legalidade de fato”.

A ordem do dia no PCB era inserir-se nas lutas e reivindicações dos trabalhadores. Parece ter sido isso o principal motivo da constituição do comitê do PCB em Blumenau. Afinal, como já mostramos acima, Blumenau tinha uma das maiores concentrações de operários do estado, mas, todavia, ainda não possuía uma organização do PCB na cidade. Ainda que no estado o partido já fosse relativamente bem estruturado.

A historiografia sobre o PCB em Santa Catarina ainda é bem reduzida. A escassez de documentos, por ocasião da ilegalidade do partido, tem ocasionado dificuldades para escrever a história do partido no Estado. A maioria dos estudos vem utilizando a história oral e os jornais como fontes para a construção da narrativa.³⁶

³⁵ CARESIA, Roberto Marcelo. Blumenau e a modernização urbana: alterando costumes (1940-1960). In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Meri. **Visões do Vale: Perspectivas Historiográficas recentes**. Blumenau: Nova Letra, 2000.

³⁶ São os casos da dissertação de VIEIRA, Jaci Guilherme. **História do PCB em Santa Catarina: Da sua gênese à Operação Barriga Verde – 1922 a 1975**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina.

Segundo Vieira³⁷ o surgimento do PCB em Santa Catarina esteve atrelado à construção da Ponte Hercílio Luz, em Florianópolis, e não com a formação da Aliança Nacional Libertadora, como afirmava categoricamente a historiografia política catarinense. Segundo o autor a construção do partido iniciou-se entre 1922 e 1926 com a construção da Ponte Hercílio Luz em Florianópolis, tendo os estivadores à frente do processo. Dentre os membros destacavam-se Porfírio Gonçalves, militar; Manoel Alves Ribeiro (Mimo), eletricitista; Álvaro Ventura, estivador; Hipólito do Vale Pereira, contador; Mustafá, comerciante; João Brugnn, militar. No entanto o partido se constituiu oficialmente, através de estatutos, somente em 1939.³⁸

Esse grupo que se constituiu nos anos 20 se intitulava “comunista”, ainda que não tivesse contato algum com o Comitê Central do partido no Rio de Janeiro. Foi a partir da constituinte em 1934 que os laços com o Comitê Central começaram a se estreitar, pois Álvaro Ventura havia sido eleito deputado classista para a Assembléia Constituinte.

Desde muito cedo houve grande dificuldade do partido em construir bases nas áreas de colonização alemã e italiana em Blumenau, Joinville, Rio do Sul, Brusque e alguns outros municípios no Vale do Itajaí. Uma das principais razões era a presença e a forte influência do integralismo, como vimos acima, um dos principais opositores ao comunismo. Segundo Vieira, os integralistas tinham “uma forte penetração no interior, enquanto o partido comunista catarinense agia mais coesamente no litoral, e com uma penetração mais acentuada no sul, como Criciúma por exemplo”.³⁹

A partir da II Guerra Mundial, principalmente entre 1943 e 1944, o PCB iniciou uma reestruturação e mobilização em torno da busca pela legalidade do partido. Alinhado ao Comitê Central, o PCB catarinense fundou neste período vários diretórios municipais, em Concórdia, São Francisco do Sul, Criciúma, Lages, Tubarão, Mafra, Caçador, Laguna e

Florianópolis, 1994. E também do livro de MARTINS, Celso. **Os comunas**: Álvaro Ventura e o PCB catarinense. Florianópolis: Paralelo 27; Fundação Franklin Cascaes, 1995, um ex-militante do partido. Há ainda o livro de memórias de RIBEIRO, Manoel Alves. **Caminho**. Edição do autor, Florianópolis 1990. Alves foi um dos fundadores do partido no estado. Recentemente foi produzida uma dissertação que privilegiou as fontes judiciais, ver TORRES, Mateus Gamba. “**A justiça nem ao diabo se há de negar**”: a repressão aos membros do partido comunista brasileiro na Operação Barriga Verde (1975-1978). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em história. Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

³⁷ VIEIRA, Jaci Guilherme. Op. Cit., p. 6.

³⁸ MARTINS, Celso. Op. Cit., p. 132.

³⁹ VIEIRA, Jaci Guilherme. Op. Cit., p. 14.

Itajaí. Celso Martins menciona inclusive a constituição de um diretório em Blumenau, mas não descreve detalhes do trabalho realizado pelo grupo na cidade. Os integrantes eram Paulo Borba, Hélio Cabral Teive, Victor Cascaes Figueiredo, Antonio D'Avila e Altir Ramos.⁴⁰

Com o fim da ditadura Vargas e do Estado Novo iniciou-se um novo processo democrático no país, como eleições e a elaboração de uma nova constituição. A legalidade do partido comunista brasileiro também foi reconhecida em 10 de novembro de 1945. Entre 1945 e 1947 o PCB catarinense atingiu o número 400 filiados. Também fundou um jornal chamado *Folha Catarinense*.

No contexto da Guerra Fria o Brasil alinhou-se aos EUA e rompeu relações com a União Soviética. O Supremo Tribunal Federal classificou o PCB como uma organização estrangeira e internacionalista determinando o encerramento de suas atividades e a cassação de seu registro. Apesar da constante vigilância sobre o PCB, o partido conseguiu eleger alguns vereadores na capital do estado durante a década de 1950, através da legenda do PSP (Partido Social Progressista). No período anterior ao golpe militar o PCB catarinense viveu uma das melhores fases, conseguiu reeditar o jornal, a “Folha Catarinense”. Este jornal circulou entre novembro de 1963 e março de 1964.

Escrever a história do PCB em Blumenau ainda é um desafio, diante das escassas fontes de pesquisa. A inexistência de documentos se deve, em grande medida, à ilegalidade do partido. Por outro lado, o uso da história oral nos permite construir uma narrativa, ainda que a maioria dos militantes já tenha falecido. No decorrer desta pesquisa descobrimos uma documentação valiosa para a história do PCB de Blumenau, trata-se do processo judicial que tramitou no Superior Tribunal Militar, em que os comunistas foram enquadrados na Lei de Segurança Nacional.⁴¹ Esta documentação, apesar de estar bastante comprometida pelo tempo, nos oferece detalhes importantes dos membros e da organização do partido na cidade.

O comitê do PCB em Blumenau começou a ser organizado ainda em 1960 por Francisco José Pereira, ou como era denominado na imprensa “o Chico comunista”. Nascido em Florianópolis no ano de 1933, Pereira, na sua adolescência presenciou a criação da célula Luiz Carlos Prestes em sua casa. Seu pai não fazia parte do Partido, mas

⁴⁰ MARTINS, Celso. Op. Cit., p. 169.

⁴¹ Esta documentação se encontra fotocopiada na sede da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) de Santa Catarina, em Florianópolis. O processo tem 1952 páginas e está dividido em oito volumes.

como simpatizante cedeu a casa para as reuniões dos militantes. Já na sua juventude começou a cursar Direito na Faculdade de Direito de Florianópolis, nesta instituição teve contato com outros jovens militantes da União da Juventude Comunista e logo foi convidado para integrar a Juventude. Quando ingressou no Partido em 1955, tinha 22 anos de idade, começou atuando na Juventude Comunista, passando mais tarde a responsável por esta organização nos morros do Nova Trento e do Céu (Florianópolis) e logo depois em Criciúma.

Quando entrei para a Juventude fiquei sabendo do processo, observava o comportamento, na época o partido era ilegal, muito perseguido, tanto pela policia civil como pela militar. Então depois de ter sido testado fui convidado para entrar para o Partido Comunista. Em 1964, na oportunidade do Golpe, eu era um dirigente do partido, fazia parte do secretariado do partido.⁴²

Logo que concluiu sua formação Francisco foi designado pelo partido a trabalhar em Criciúma, junto com Aldo Pedro Dietrich, outro advogado membro do Partido. Em Criciúma suas atividades giravam em torno do movimento grevista dos mineiros. Na greve de vinte e nove dias, realizada no mês de janeiro de 1960, muitos mineiros foram demitidos, Francisco trabalhou nos processos de demissão sem justa causa, quando o direito de greve era ignorado.

Na ocasião da greve o jovem advogado Francisco Pereira, com apenas 26 anos de idade, foi incumbido de liderar uma comissão de mineiros para negociar a situação dos trabalhadores no carvão de Criciúma. No Rio de Janeiro fez importantes contatos e denunciou a situação penosa dos mineiros.

No Rio, a comitiva buscou na sede do PSD apoio político, e no Ministério da Guerra fez “denúncias dos atos arbitrários praticados pelo 14º Batalhão de Caçadores”. Em seguida os mineiros se avistaram com o marechal Lott, a quem o jovem advogado denunciou o empresário Diomício Freitas, “por adotar uma ostensiva política de desemprego. Lott anotou a informação”. Pereira foi levado ao marechal pelo deputado José Joffily (irmão do juiz de direito Irineu Joffily, um dos

⁴² PEREIRA, Francisco José. Depoimento concedido ao autor. Florianópolis, 08 de maio, 2005.

maiores estudiosos do carvão nacional), que também o acompanhou numa audiência com o vice-presidente João Goulart, na residência de S. Thiago Dantas. Na segunda visita ao vice foi acompanhado por Doutel de Andrade, no Palácio Monroe. O advogado se avistou com Prestes, assim que chegou ao Rio, através dele conseguindo os contatos com parlamentares para que fossem denunciadas na Câmara as violências contra os grevistas.⁴³

Francisco Pereira voltou do Rio de Janeiro com a garantia de a greve tinha sido vitoriosa, os mineiros receberiam a taxa de insalubridade sobre os vencimentos. De Criciúma Francisco rumou à Blumenau, ainda no ano de 1960. Em Blumenau, não havia nenhum filiado ao Partido, apenas simpatizantes.

A história da constituição do PCB em Blumenau é bastante curiosa. Havia em Blumenau um relojoeiro chamado Erwin Loeschner, que tinha conhecido um senhor de nacionalidade tcheca, residente no caminho entre Blumenau e Brusque, este homem o fornecia semanalmente um exemplar do jornal oficial do PCB, *Novos Rumos*. Loeschner criou um grupo de leitura do jornal junto com Hilton Zimmermann, ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, e mais alguns simpatizantes das ideias do Partido. Posteriormente, o tcheco desapareceu e os integrantes do grupo se viram diante da necessidade de escrever uma carta para a redação do *Novos Rumos*, solicitando mais informações e manifestando vontade em conhecer o Partido. “... é claro que o comitê central deu um puxão de orelha no diretório municipal [estadual], afinal de contas Blumenau era uma das maiores concentrações operárias e ainda hoje é, e eles estavam pedindo para conhecer o Partido. Daí eu fui destacado para ir para lá, organizar o partido, como advogado.”⁴⁴

Logo que chegou à cidade Francisco instalou seu escritório na rua XV de novembro junto ao então edifício Nossobanco. Imediatamente começou a trabalhar na área do direito trabalhista, começou a orientar o pequeno núcleo de comunistas e também assumiu a função de redator-chefe do jornal *Novos Dias*, dirigido em Florianópolis por Mário Bastos.⁴⁵

⁴³ MARTINS, Celso. *Os comunas* Op. Cit., p. 198.

⁴⁴ PEREIRA, Op. Cit.

⁴⁵ MARTINS, Celso. *Os comunas*. Op Cit., p. 200.

O Inquérito Policial Militar (IPM), uma das peças do processo judicial em que os comunistas estavam arrolados como acusados, nos dá detalhes importantes da organização do comitê em Blumenau. O IPM foi instaurado com base no artigo 8 do ato institucional 19 de abril do ano de 1964. O capitão Horácio Santos Rebelo ficou encarregado de realizar a investigação, colher material probatório, inquirir testemunhas e juntar documentos para a elaboração do relatório.

Segundo o relatório havia em Blumenau

Um “comitê municipal do partido comunista”, com a finalidade precípua de tentar mudar a ordem política ou social estabelecida na constituição, mediante ajuda dos países socialistas, ajuda esta feita por meio de material de propaganda, como sejam: filmes, slides, livros, revistas e postais coloridos, bem como financiando viagens de pessoas, de ideologia socialista comunista e outras que poderiam interessar a propaganda, nos países socialistas. O referido “comitê” era composto da seguintes pessoas: Francisco José Pereira, Herbert Georg, Erwin Loeschner, Hilton Zimmermann, Afonso Schirmer, Alfredo José Gonçalves, Manoel de Souza, Edeluí Farias.[...] O “comitê municipal de Blumenau” tinha jurisdição sobre todo o vale do Itajaí, sendo seu chefe o Dr. Francisco José Pereira, tendo como primeiro-secretário o sr Erwin Loeschner e como o segundo secretário o sr Hilton Zimmermann. [...]. **O movimento liderado em Blumenau por Francisco José Pereira, Herbert Georg, Erwin Loeschner, Hilton Zimmermann, propagava a ideologia “socialista e comunista” e a subversão da ordem, principalmente em no seio dos trabalhadores, tendo sua missão altamente facilitada pela corrupção administrativa vigente em todo o território nacional. O “comitê” reunia-se semanalmente e das reuniões eram emanadas ordens que deveriam ser executadas pelos membros participantes. O partido comunista dispunha de um jornal, “A Folha Catarinense”, que era um dos maiores condutores da desordem, subversão e propagação da ideologia comunista. Os**

elementos integrantes do “comitê” pagavam uma mensalidade para o partido, que variava com as possibilidades de cada um. O doutor Herbert Georg era o presidente do Partido Socialista Brasileiro, em Blumenau tendo cooperado sobremaneira com o Partido Comunista, principalmente como agente encarregada de remeter e receber informações e material de propaganda dos países socialistas. Em virtude do “comitê” possuir dois advogados, e ter a cooperação do agente encarregado do ministério do trabalho, que não por ter ideologia comunista, mas por ganância de projeção política, lhes enviava trabalhadores necessitados de justiça, teve certas facilidades em conseguir adesões, pois as causas trabalhistas eram apreciadas, estudadas e executadas com dedicação, grande parte das mesmas, sem qualquer remuneração, para que o trabalhador, normalmente pobre e sem cultura, fosse uma presa fácil a introdução da ideologia comunista. Ultimamente, observava-se que as atitudes dos comunistas estavam se expandido sobremaneira, tanto na parte interna, como no tocante às ligações com o exterior. A propaganda dos países socialistas, motivado pelo número crescente de pessoas que viajavam para a zona comunista, aumentava e melhorava sensivelmente. Foram ministradas aulas para todos os simpatizantes sobre o “curso básico do comunismo”. Como prova de valor inestimável e que não podem ser refutadas pelos indiciados, temos os relatórios e o depoimento do sr Horst Krischnegg, a gente R-11 da Dops de Porto Alegre, que conseguiu se introduzir no “comitê municipal de Blumenau” e, durante quase dois anos, testemunhou todas as atividades dos comunistas militantes.⁴⁶

Através das fontes judiciais podemos afirmar que o núcleo dos comunistas em Blumenau estava bem estruturado. Na época, Francisco José Pereira, principal líder do grupo, era também o secretário executivo do PCB em Santa Catarina. Os documentos probatórios juntados no IPM

⁴⁶ Tribunal Superior Militar. Auditoria da 5ª Região Militar (Paraná e Santa Catarina). Processo 251. Volume 1, p. 77-82.

atestam a expansão dos contatos entre os comunistas de Blumenau e os países comunistas. As correspondências apreendidas nas residências e escritórios dos membros do partido revelam a comunicação entre eles e indivíduos de países como União Soviética, Cuba, Alemanha Oriental, China, etc.

Segundo o IPM, o núcleo central do grupo comunista de Blumenau era de origens sociais diversas. Havia dois advogados, Herbert Georg e Francisco José Pereira; Hilton Zimmermann era ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos e mecânico, Erwin Loerschner era relojoeiro, Edeluí Farias comerciante. Alfredo Gonçalves cobrador da Companhia de Energia Elétrica Força e Luz, Manoel de Souza funcionário da Companhia de Energia Elétrica Força e Luz; Afonso Schirmer, ex-empregado da empresa têxtil Artex.

O trabalho de Francisco Pereira, como afirmamos acima, se concentrava na área do direito trabalhista. Segundo o advogado, em Blumenau havia um problema em relação aos trabalhadores menores de idade, pois os patrões, principalmente da indústria têxtil, pagavam apenas a metade do salário para os menores, mesmo que a lei não autorizasse tal prática. A CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) previa que não poderia haver diferença salarial por causa de sexo, cor, religião e idade. Com o passar do tempo os trabalhadores foram informados e passaram a procurar os serviços de Francisco. “Aí, meu escritório virou assim uma romaria de trabalhadores”, afirma o advogado. Logo, tal postura começou a encontrar a resistência dos indivíduos mais conservadores da imprensa. De todas as formas se procurava desprestigiar o trabalho feito pelo advogado e estigmatizar sua imagem de homem público.

2.2 ANTICOMUNISMO E IMPRENSA: UMA ARENA DE DISPUTAS

O nosso objetivo neste tópico é identificar os principais elementos do imaginário anticomunista veiculados nos jornais de Blumenau durante os anos de 1960 e 1964. Por imaginário anticomunista entendemos o conjunto de imagens, signos e símbolos manipulados e mobilizados no combate aos comunistas, neste sentido “as suas funções são múltiplas: designar o inimigo no plano simbólico;

mobilizar as energias e representar as solidariedades; cristalizar e ampliar os temores e esperanças difusos”.⁴⁷

Segundo René Remond o campo político tem ampliado seus termos. “O político não tem fronteiras naturais. Ora ele se dilata até incluir toda e qualquer realidade [...]. Ora ele se retrai ao extremo”.⁴⁸ Os meios de comunicação, por exemplo, não são objetos propriamente políticos, mas, todavia, “podem tornar-se políticos em virtude de sua destinação”.⁴⁹ Para Maria Helena Capelato a imprensa é uma importante fonte para compreensão das lutas políticas e sociais. “Nos vários tipos de periódicos e até mesmo em cada um deles encontramos projetos políticos e visões de mundo representativos de vários setores da sociedade”. Para Capelato a interpretação dos discursos veiculados nos jornais permite acompanhar a circulação de idéias numa determinada época. O jornal “permite ao pesquisador captar, com riqueza de detalhes, o significado da atuação de diferentes grupos que se orientam por interesses específicos”.⁵⁰

Nossa intenção é detectar a emergência do discurso anticomunista naquilo que Habermas chama de esfera pública literária, procurando estabelecer os vínculos entre imprensa e sociedade, grupos econômicos e partidos políticos. Entendemos que a imprensa esta imersa nos jogos da política, amalgama os interesses econômicos de uma empresa capitalista, o jornal, com as demandas da construção de uma opinião pública.⁵¹

Um dos periódicos mais empenhados no combate ao comunismo era o *Ronda Barriga Verde*. O jornal era uma publicação semanal, tinha como Diretor Proprietário Nagib Sebastião Barbieri. Os números existentes no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva datam de ferreiro de 1962 a dezembro de 1964. No entanto, no único volume existente alguns números foram perdidos e outros são repetidos. Neste jornal havia artigos de opinião escritos por militares, industriais e etc.

O Jornal Ronda Barriga Verde era o periódico mais empenhado na difamação do líder comunista. É possível identificar as críticas no interior de artigos de opinião, bem como em pequenas frases ao longo

⁴⁷ BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. **Enciclopédia Einaudi**. Portugal: Imprensa Nacional; Casa da Moeda. 1985, p. 316.

⁴⁸ RÉMOND, René. Do político. In: ____ (Org.) **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UFRJ; FGV, 1996. p. 442

⁴⁹ Idem, p. 441

⁵⁰ CAPELATO, Maria H. R. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988, p. 34.

⁵¹ HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003, p. 225

das páginas. O trabalho do advogado gerava muitos desconfortos, como o que reproduzimos a seguir:

O Chico é advogado. Até aí, nada de mais, mas por que têm tantos clientes? Como pode viver se suas causas pouco rendem? Como se sustenta, se sua capacidade profissional é bem medíocre? A resposta é clara – o Chico comunista consegue tudo isto, por que não cobra pela tabela. É isso mesmo – ele cobra conforme o cliente, e quando este não pode pagar, é atendido do mesmo modo. Ele ganha um amigo, consegue mais um elemento sobre o qual faz verter toda sua propaganda comunista. Os outros cobram, às vezes preços altos para a bolsa do pobre e o pobre corre então para o Chico. Em breve teremos outros chicos. [...] dispostos a prestarem “assistência social ao proletariado” tudo dentro das normas comunistas. E no dia em que esta terra for pisada pelas botas de Moscou, iremos por as mãos na cabeça e lamentar o que não fizemos por comodismo. Ainda que voltemos ao gozo de nossa liberdade, a mancha de nossa imprevidência, de nossa incapacidade de debelar o mal, estará sempre presente em nossa memória.⁵²

Tal comentário se inseria no interior de um artigo escrito por Paulo de Tharso. Este autor se propõe a analisar o problema da miséria e conclui que a solução “está em darmos um pouco mais e não procurarmos ‘receber tanto’”, se todos estiverem unidos contra a miséria o comunismo não seria este pesadelo que lhes assombrava. O trabalho feito por Francisco, conforme Paulo de Tharso se inseria nesta lacuna deixada pelo comodismo diante da miséria. Francisco ainda foi classificado como “advogado medíocre” que somente fazia trabalho de “assistência social” ao proletariado para “verter sua propaganda comunista”. O autor ainda apela para uma “memória futura”, ou seja, a consciência não estaria em paz se por causa da imprevidência o mal viesse a se instalar através das pisaduras das “botas de Moscou”. O autor ainda incita o leitor a pensar o comunismo como um regime político escravista, como se historicamente o Brasil fosse um idílio da liberdade republicana, tanto o passado (período varguista) quanto o futuro (regime

⁵²THARSO, Paulo de. Ainda o Problema Comunista. **Ronda Barriga Verde**. 14/02/1962, p. 4.

militar) foram uma demonstração da fragilidade de nossas instituições democráticas.

Paulo de Tharso vai mais longe, em outro artigo e afirma que “o comunismo não pode dominar, não deve dominar e, se por acaso, vier a dominar, será por pouco tempo, pois este Brasil é grande e não hão de faltarem brasileiros dispostos à lutar contra os Chicós e os Erwins. Inclusive este que vos escreve”.⁵³ Esta manifestação de repúdio, que aqui se limitava a representações e ameaças, se concretizou num amplo apoio ao golpe militar, inclusive na formação de um corpo de voluntários encarregados de efetuar as prisões dos comunistas. Isso é indicativo de que as práticas se nutrem das representações. Para o autor a violência física seria o meio mais eficaz no caso do insucesso da violência simbólica. Segundo Chartier, é no processo “de erradicação e de monopolização da violência, que é necessário inscrever a importância crescente adquirida pelas lutas de representações, onde o que está em jogo é a ordenação, logo a hierarquização da própria estrutura social”.⁵⁴

Na entrevista que nos concedeu Francisco Pereira admite que preferia conduzir as ações na justiça de forma individualizada, pois assim podia ter contato com os trabalhadores e esclarecer as razões intrínsecas da exploração capitalista. “[...] eu sempre fazia ação para um por vez e nunca fazia para mais de um, que era para eu ter contato com os trabalhadores e mostrar que essa exploração é inerente ao regime capitalista que sobrevive disso, que afinal de contas, o trabalho, o capital não é outra coisa senão o trabalho não pago”.⁵⁵

Outro jornal que se insurgiu contra o trabalho do advogado Francisco pereira foi o jornal *A Cidade de Blumenau*. O Jornal surgiu em 1924, fundado por José Ferreira da Silva e João Octaviano Ramos, que continuaram na direção até 1930, quando um consórcio adquiriu-o. Com dificuldades, no ano de 1933, o jornal “A Cidade” funde-se ao “Correio de Blumenau”, também fundado por Ferreira da Silva. O novo jornal passou a denominar-se “A Cidade de Blumenau”. Em 1958 Israel Costa, assume a direção de redação, da qual sai em 1961. Em 1962, a direção de redação é de Reinaldo Ferreira e o diretor-proprietário é Afonso Balsini, neste mesmo ano, com 38 anos de existência, o jornal cessou a publicação.

⁵³ THARSO, Paulo de. O comunismo no Vale do Itajaí. A solução do problema. **Ronda Barriga-verde**. Blumenau, 05 fev. 1962, p. 2. Erwin Loeschner também era um dos membros do partido.

⁵⁴ CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Entre praticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1990, p. 23

⁵⁵ PEREIRA, Op. Cit.

Segundo este jornal não havia contrariedade àqueles que queriam restabelecer os direitos dos empregados, dos oprimidos e injustiçados, todavia não concordava com a demagogia que poderia causar a desgraça a muitas pessoas através dos conflitos entre empregados contra patrões, o que o jornal considerava um ato criminoso. Era justamente nesta alcunha que se enquadrava o trabalho de Francisco Pereira, através de seus “boletins esclarecedores”. Segundo o jornal, o trabalho de Francisco era de alto cunho demagógico pois,

dizendo-se defensor intransigente dos operários, fomenta a ideologia bolchevista entre nós, menores já não encontram mais emprego, num verdadeiro contraste dos dias ido. [...] e o que já começamos a notar é que menores estão sendo demitidos, por culpa e risco do advogado em tela que, a exemplo do que fez em Criciúma, fomentou greves e acabou por deixar várias famílias em situação difícil. E ao que tudo indica, por aqui os efeitos de uma ação nefasta já começaram a surgir, porque, ao invés de procurar a harmonizar capital e trabalho, o doutor esse quer é confusão, discórdia e muito barulho! claro! também pudera: é o COMUNISMO EM MARCHA.⁵⁶

Outra forma de inserção política buscada pelo advogado Francisco Pereira foi através da Cooperativa Geral de Consumo. Esta entidade idealizada pelo engenheiro Nilton Borges dos Reis (presidente do PSP da cidade), pretendia fornecer produtos aos trabalhadores cooperados a preços mais satisfatórios, posteriormente ambicionava também construir casas populares. A cooperativa foi lançada em 1º de maio de 1961, dia do trabalhador, Francisco Pereira ocupava o cargo de consultor jurídico da entidade.

Nilton Borges dos Reis, o presidente da entidade também foi citado nos relatórios do agente Horst Krischnegg à DOPS de Porto Alegre. Segundo Krischnegg, Nilton Borges era também integrante do comitê municipal do PCB no período de formação da cooperativa, numa das reuniões teria com os outros membros do partido teria dito: “Só nós os comunistas mesmos poderemos, com nosso espírito de cooperativismo e amor, levar à vitória a nossa causa – esta cooperativa que representa uma das pedras fundamentais do proletariado

⁵⁶ Comunismo em marcha. **A Cidade de Blumenau**, 25 de julho, 1961, p. 1, 2

blumenauense”.⁵⁷ A inserção dos comunistas nos partidos políticos legais era comum neste período. Em Florianópolis, havia dois vereadores comunistas eleitos pelo PSP, Manoel Alves Ribeiro (Mimo) e Genésio Leocádio da Cunha. Em Blumenau, o comunista Alfredo Gonçalves também era membro do PTB. Nos anos de ilegalidade do PCB essa era uma prática comum, pois “o PTB era a atuação legal, politicamente legal”.⁵⁸

Com o passar do tempo, alguns membros da cooperativa foram se inteirando da filiação ideológica do consultor jurídico da entidade, o advogado Francisco Pereira. Isso causou muitos desentendimentos e abandonos da entidade por parte de alguns membros, uma vez que Francisco Pereira havia sido convidado para o cargo e não eleito, como os outros membros foram. Um destes membros, presidente do conselho fiscal, era o jornalista Israel Costa, diretor do jornal “A Cidade de Blumenau” e candidato a vereador pela UDN. O argumento do jornalista era de que a cooperativa havia entrado numa “fase de colapso originado pelas controvérsias a respeito da ideologia que professa o seu consultor jurídico, inclusive por alguns outros elementos que já identificaram plenamente com a causa vermelha”. A renúncia ao cargo também havia sido ocasionada pelo fato de Israel Costa ser candidato para o próximo pleito e, segundo suas palavras, estar obedecendo aos ditames da sua consciência, tendo em vista seu espírito patriótico e, sobretudo por ser um democrata convicto.⁵⁹

Segundo Celso Martins, Francisco Pereira também esteve envolvido numa outra situação embaraçosa. Um sujeito chamado Apolônio Fernandes, que durante algum tempo pertenceu ao PCB, contribuiu para a criação da cooperativa, ficando como tesoureiro. Durante o período de crise, motivada pela campanha difamatória, “o indivíduo Apolônio Fernandes, sem maiores explicações, pede irrevogável demissão e, [...] foi à polícia caluniar o Dr. Francisco José Pereira e o sr Erwin Loeschner, queixando-se de que os mesmos tentaram extorquir lhe dinheiro que eram fundos da cooperativa”.⁶⁰

O mesmo Apolônio, na noite de 6 de outubro de 1961, juntamente com outro sujeito, chamado Rufino Gaertner, invadiram o escritório do advogado, levaram vários documentos e processos

⁵⁷ Tribunal Superior Militar. Auditoria da 5ª Região Militar (Paraná e Santa Catarina). Processo 251. Volume I, p. 103

⁵⁸ GONÇALVES, Alfredo. Depoimento concedido ao autor. Blumenau, 13 de agosto de 2008.

⁵⁹ COSTA, Israel. Porque a minha renúncia da “Cooperativa Geral”. **A Cidade de Blumenau**, 25 de julho, 1961, p. 1

⁶⁰ MARTINS, Celso. **Os comunas**. Op. Cit. P. 201, 202.

trabalhistas contra importantes empresas da cidade e cerca de 500 exemplares de uma edição do jornal *Novos Dias*. Segundo Francisco Pereira, depois da prisão, o rapaz acabou confessando que “estava lá em função do frei, da Igreja Católica. Ele era aliado, não sei o que era lá esse rapaz e ele disse isso no depoimento, claro que eu não utilizei, mas o padre soube que eu sabia”.⁶¹

Outra forma de desprestigiar a imagem pública do advogado era demonstrar que havia certa incoerência entre sua ação e sua pregação. No jornal *Ronda* havia vários comentários dispersos, às vezes na parte inferior da página ou entre as matérias e artigos. Um destes comentários simplesmente intitulado “*Ronda-Várias*” traz um algo interessante: “Vem-se notando diariamente a presença do impecável Chico comunista nos ambientes elegantes da cidade, tais como – Socher Bife de Ouro, Gruta Azul, etc. Será que, por este meio, ele quer provar seus elevados princípios do proletarismo, emanados por Marx?”⁶²

Podemos interpretar que a tentativa do jornal era mostrar aos leitores que enquanto os trabalhadores estavam na labuta diária, o “Chico” estava se deleitando nos lugares mais elegantes da cidade. O jornal com este comentário buscava ironizar o estilo de vida do advogado, pois, segundo tal jornal, havia uma contradição entre suas ações e os princípios pregados pelo comunismo. A imagem a seguir ilustra como o jornal buscava inverter o discurso do comunismo, enquanto ideologia do partido que congregava os proletários, para um discurso que afirmava ser o “comunismo partido de ricos”.⁶³

⁶¹ PEREIRA, Francisco José. Depoimento. Op. Cit.

⁶² *Ronda-Várias*. **Ronda Barriga-verde**. Blumenau 14 fev. 1962, p. 12

⁶³ **Ronda Barriga-verde**. Blumenau 18 mar 1962, p. 2.



Figura 1. Foto de Francisco José Pereira publicada no Jornal Ronda Barriga Verde.

Fonte. Jornal Ronda Barriga-verde. Blumenau 18 mar 1962, p. 2. Coleção de Periódicos. AHJFS

Para Sandra Pesavento “as imagens estabelecem uma mediação entre o mundo do espectador e o do produtor [...], toda imagem comporta uma mensagem discursiva”.⁶⁴ Neste caso, a imagem acima não carece de grande abstração para decifrá-la, pois a mesma vem acompanhada de um texto que propõe explicá-la, obviamente era uma mensagem depreciativa, visava reforçar através do recurso visual aquilo que já havia sido dito no mês anterior apenas com palavras escritas. A foto era a prova de que Francisco freqüentava lugares chiques, portanto era um homem abastado, o que os autorizava a nomear o comunismo de “partido de ricos”.

A mesma imagem fora usada em outubro de 1964, pela segunda vez, quando Francisco se encontrava preso, através de outras palavras, mas agora com o tom vitorioso de quem já havia ganhado o combate. Sigamos a narração do jornal.

Ontem o Dr. Francisco José Pereira exercitava a liberdade contra a qual tramava; fazia parte de

⁶⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 86.

uma sociedade de ele mesmo abominava. Hoje deita na cama, sozinho, que quis arrumar para todos. Ao invés de jantar nos melhores restaurantes, como outrora, hoje come o pão que o Diabo amassou. Ele assim o quis e para tanto esforçou-se. No fundo do cárcere já deve ter aquilatado o quanto vale a liberdade contra a qual tanto lutara.⁶⁵

Conforme o Jornal Francisco tinha uma atitude contraditória para com a sociedade a qual pertencia, ele a abominava. Ainda podemos observar que o jornal denunciava Francisco como um “conspirador”, alguém que tramava contra a liberdade.

Mas antes de analisarmos a questão do golpe e suas implicações para os comunistas é necessário recuar alguns anos para analisarmos algumas outras questões. Para o jornal Ronda, Francisco era uma pessoa de confiança do presidente João Goulart: “Pessoa merecedora de crédito informou a direção deste jornal que o Chico é hoje a pessoa de confiança do Sr. Presidente da República. Ainda a poucos dias o Doutor Gentil Teles recorreu ao Chico para obtenção de favores junto ao Sr. João Goulart. E depois ainda dizem que o regime não funciona a contento”.⁶⁶

Este comentário deve levar em conta o contexto político do início dos anos 60. Neste período o PCB aproximou-se bastante dos outros partidos, principalmente do PTB, partido de Goulart. A direção do PCB passou a acreditar que o caminho para a revolução brasileira passava necessariamente pela confluência de várias forças políticas, por outro lado o PTB nos últimos anos havia se voltado mais para esquerda, para as propostas que visavam as Reformas de Base. Desta forma, podemos compreender melhor quando o jornal ironiza: “E depois ainda dizem que o regime não funciona a contento”. Para o autor havia uma aliança irredutível entre o PCB e o PTB na tarefa de “comunização” do Brasil.

Paulo de Tharso, o colunista já citado, escreveu uma série de artigos intitulados “O Comunismo no Vale do Itajaí”, infelizmente só tivemos acesso a dois deles, o primeiro com o subtítulo “A solução do Problema” e o segundo “Ainda o Problema Comunista”. Paulo de Tharso, ao que tudo indica era um pseudônimo, pois não encontramos

⁶⁵ **Ronda Barriga-verde**, Blumenau, out 1964, p. 5. Gentil Teles era deputado estadual.

⁶⁶ Várias. **Ronda Barriga-verde**. Blumenau 02 abr. 1962 p. 3. Gentil Teles foi fundador e diretor, juntamente com Evilásio Vieira, do jornal “A Tribuna” em 1957. Este jornal, seguindo uma orientação petebista combatia visceralmente os governos udenistas municipais e estadual. O jornal foi vendido em 1959.

nenhuma referência deste autor. A utilização de pseudônimos era bastante recorrente, outro autor que se valeu deste artifício foi o empresário Cássio Medeiros, sob a identidade de J. Justus. Tal prática denota a necessidade de manter a identidade individual sob sigilo, afinal na imprensa, arena de lutas sociais e simbólicas, quanto menos o combatente se revelasse menor seria a chance de ser atingido, como veremos adiante o empresário Cássio Medeiros foi alvo de cerradas críticas dos comunistas.

No primeiro artigo Paulo de Tharso se propôs a identificar a solução para o problema comunista. Começamos pela sua definição do comunismo: “O comunismo é uma ideologia drástica, desumana e cruel. [...] Mas é preciso que não esqueçam de que o comunismo é uma idéia. E embora seja hedionda, maligna e nefasta, não deixa de ser uma idéia”.⁶⁷

Tharso com as palavras acima buscava criar um imagem negativa do comunismo, para ele o comunismo era associado à violência, à brutalidade, ao horror, ao mal. Ao mobilizar todo este arsenal de termos pejorativos o autor buscava amedrontar os leitores, afinal o que poderia vir a acontecer se indivíduos imbuídos de tal ideologia viessem a dominar? Segundo Baczko, os conflitos sociais são marcados por novas técnicas de combate no domínio do imaginário. “Por um lado, estas visavam a constituição de uma imagem desvalorizada do adversário, procurando em especial invalidar a sua legitimidade; por outro lado, exaltavam através de representações engrandecedoras o poder cuja causa defendiam e para o qual pretendiam obter o maior número de adesões”.⁶⁸

Conforme Tharso o comunismo só havia conquistado adeptos ao propor a solução da miséria, contudo não logrou êxito, “pois o homem sob o regime comunista passa a ser um duplo miserável – material e espiritual. Sem nenhum direito, e só com deveres para com o regime”.⁶⁹ Quando o autor menciona a “miséria espiritual” é provável que esteja se referindo ao caráter ateu do comunismo, acreditava-se que o comunismo havia trazido um esvaziamento espiritual por negar a religião. Para o autor no regime russo estava erradicada qualquer possibilidade de liberdade: “Sabe lá o leitor o que é não poder ouvir uma estação de rádio estrangeira sem correr o risco de ser condenado à morte?”. Neste regime imperava o medo. “Só um povo criado na sombra

⁶⁷ THARSO, Paulo de. O comunismo no Vale do Itajaí – A solução do problema. **Ronda Barriga-Verde**. Blumenau, 05 fev. 1962, p. 2

⁶⁸ BACZKO, Op. Cit. p. 300.

⁶⁹ THARSO, Op. Cit.

do medo, como é o caso do atual povo russo, onde a maioria dos antigos habitantes já foi passada em armas pode viver desta forma”. O autor prossegue dando conselhos aos políticos, para que trabalhem decentemente, aos religiosos, para que não fiquem apenas na teoria assistencial mas partam à prática, aos patrões que sejam menos gananciosos e, por fim, aos operários que façam jus aos seus salários. “Enfim, que todos procuremos dentro da orientação social-cristã, a única realmente capaz de resolver as nossas aflições, um modo de tornar a nossa vida mais suave e proveitosa”.

Para Paulo de Tharso a religião era que dava sentido à uma determinada existência, com todos os elementos que lhe eram inerentes, a religião fornecia segurança e proteção nos momentos aflitivos. O comunismo ao negar a religião destruía as referências que fundamentavam a existência e que norteavam o cotidiano das pessoas.

Outro jornal que também reafirmou a importância e o contraste entre pensamento cristão e as propostas comunistas foi o jornal *A Tribuna*. Este periódico surgiu em outubro de 1957 sob a direção dos jornalistas Gentil Teles e Evelásio Vieira. Em 1959 o jornal foi comprado e tornou-se propriedade de Germano Beduschi. Beduschi foi prefeito interventor nomeado por Nereu Ramos entre 1935 e 1936 e novamente em 1946 a 1947. Até fins de 1960 passaram pela redação nomes como Geraldo Luz, Waldir Wandal e Nagib Barbieri, sendo este último futuro fundador do semanário *Ronda*. Pela pena do colunista Evaldo Trierweiler temos uma idéia da oposição simbólica entre a cruz (cristianismo) e a estrela vermelha (comunismo). Sigamos a narrativa do autor.

A cruz trouxe aos homens a luz. A estrela vermelha trouxe para a humanidade as trevas. A cruz trouxe a paz. A estrela vermelha fala em paz. A cruz evita a guerra. A estrela vermelha está continuamente a fomentá-la. A cruz deixa os homens em paz. A estrela vermelha não está em paz e não deixa ninguém em paz. A cruz trouxe liberdade para o mundo inteiro. A estrela vermelha aos poucos está escravizando o universo. A cruz procura libertar os povos. A estrela vermelha esmaga cada tentativa de libertação. A cruz respeita cada cidadão como ser livre. A estrela vermelha considera cada homem um número. A cruz exige liberdade para cada homem se organizar.

A estrela vermelha faz de cada homem uma maquina. A cruz deixa a cada homem a livre iniciativa. A estrela vermelha obriga-os a trabalhar aos bandos em fazendas coletivas. A cruz une as famílias. A estrela vermelha desune-as. Nos países da cruz o homem sai pela manhã e volta à tarde, em tempo para a família. Da estrela vermelha o homem entra quando a mulher deve sair. Não há tempo para a família. Nos países da cruz os pais têm poder sobre os filhos. Nos domínios da estrela vermelha os filhos estão sob o poder do Estado. Nos países da cruz estudam onde querem e o que querem. Nos domínios da estrela vermelha os filhos estudam o que o Estado determina e são o que o Estado quer. Nos países da cruz as famílias têm um lar. Nos domínios da estrela vermelha cinco famílias contentam-se com uma sala. [...] por que não sobem aos céus e arrancam de lá o Cruzeiro do Sul se a cruz e lhes é tão abjeta?...⁷⁰

A tática do autor é estabelecer pares antitéticos; luz e trevas, paz e guerra, escravidão e liberdade, união e desagregação, etc. As polaridades estabelecidas pelo autor evidenciam os antagonismos maniqueístas característicos do imaginário anticomunista, ao mesmo tempo em que definia a identidade do comunismo reafirmava a imagem de si, como uma defesa à ameaça da desfiguração.

Mas voltemos às idéias de Paulo de Tharso, colunista do *Ronda*. Na próxima edição do jornal o autor voltara com um artigo chamado “Ainda o problema comunista”.⁷¹ Nele explica que não era mais sua intenção voltar ao assunto, mas “graças à um velho costume nosso, quando o número passado foi para a rua, procuramos colher algumas impressões, para que pudéssemos avaliar o grau de penetração da matéria. Se adicionarmos as demais vezes em que fomos para a colheita de opiniões, ficamos com um saldo bem favorável, que nos enche de satisfação”. Segundo o autor algumas pessoas lhe sugeriram que a série de artigos deveria ser ainda mais “vibrante”.

Se acreditarmos na sinceridade do autor podemos afirmar que havia uma certa receptividade ao anticomunismo. Mas sua fala ainda dá

⁷⁰ TRIERWEILER, Evaldo. A Cruz versus Estrela vermelha. A *Tribuna*. Ano IV, nº 210. Blumenau, 05 de novembro de 1962.

⁷¹ THARSO. Paulo de. Ainda o problema comunista. *Ronda Barriga-Verde*. Blumenau, 14 fev. 1962, p. 12

margem a outras observações. Para o autor o que alimentava sua escritura era a satisfação conseguida pela adesão dos leitores ao tema, refletida na sua pesquisa de opinião. Para Becker a opinião pública pode ser “condicionada” na curta e na longa duração, no nosso caso ela “pode ser antes de tudo o resultado da propaganda”.⁷²

Mas Paulo de Tharso se defende da acusação de propagandear o anticomunismo: “nós não pedimos a ‘paternidade’ de pioneirismo em matéria anticomunista”, pois sua intenção não era causar “sensacionalismo”. “Nós nos propomos à provar a existência do mal, mas nunca afirmamos que iríamos ‘desmascarar ninguém’, pois os vermelhos não têm máscaras”.⁷³ Para o escritor a solução para o problema comunista no Vale do Itajaí dependia da união de todos, pois “graças à Deus o problema em nossa região ainda está em embrião, e é possível extirpá-lo”. O comunismo para ele era resultado da desatenção para com os menos favorecidos, pobres e miseráveis, bastava corrigir este erro e o “mal vermelho estaria debelado”.⁷⁴

Para Bronislaw Baczko as representações ocupam um papel determinante na orientação e no direcionamento das práticas coletivas.

A existência e as múltiplas funções dos imaginários sociais não deixaram de ser observadas por todos aqueles que se interrogavam acerca dos mecanismos e estruturas da vida social e, nomeadamente, por aqueles que verificavam a intervenção efetiva e eficaz das representações e símbolos nas práticas coletivas, bem como na sua direção e orientação.⁷⁵

Desta forma, o imaginário anticomunista incitava à uma prática. Na visão de Paulo de Tharso “o mal vermelho” seria anulado através de uma maior atenção para com os pobres.

Outro articulista que declarou guerra ao comunismo foi o tenente Roberto Jenkins de Lemos. A partir do mês de março de 1962 o militar passou a publicar no jornal Ronda uma série de dez palestras intituladas “Pela Sobrevivência da Liberdade dos Povos”, só tivemos acesso à quatro destes textos. No primeiro artigo ele define o comunismo

⁷² BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. In: RÉMOND, René (org.) **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UFRJ; FGV, 1996, p. 193

⁷³ THARSO. Paulo de. Ainda o problema comunista. **Ronda Barriga-Verde**. Blumenau, 14 fev. 1962, p. 12.

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ BACZKO, Op. Cit. p. 299

recorrendo à imagem de um animal marinho: o polvo. “O comunismo é um polvo minúsculo, que vai estendendo seus tentáculos à medida que cresce, só se revelando em toda sua hediondez quando não podemos mais exterminá-lo”.⁷⁶ A recorrência à imagem do polvo para caracterizar o comunismo era uma maneira de acentuar sua força dominadora e onipresente, era uma forma de sensibilizar os leitores através da associação do comunismo a criaturas astuciosas, temíveis e não-humanas.⁷⁷

Para o autor havia uma divisão tácita entre as “democracias livres” e os países comunistas. Nestes países o “povo não passa de mero brinquedo nas mãos dos ‘todos poderosos’ lacaios do Kremlin”.⁷⁸ Neste período de Guerra Fria a União Soviética havia atingido elevados índices de crescimento econômico e tecnológico, foi o primeiro país a colocar um astronauta na órbita terrestre, assim os anticomunistas se esforçavam por inverter ou deturpar a imagem dos países comunistas. Segundo Motta o objetivo era “esvaziar o argumento dos comunistas, os quais afirmavam que a utopia igualitária não era só viável, como já estava em prática na terra dos soviéticos, o ‘mundo da paz e do socialismo’”.⁷⁹

Sobre a situação social na União Soviética, Lemos também dedicou um artigo.⁸⁰ Segundo o autor era necessário voltar à Idade Média para entender o processo histórico na União Soviética, neste período, segundo ele, os tártaros substituíram os mongóis no domínio dos reis e duques russos, assim “após meados do século XV perderam os mongóis e tártaros o controle da Rússia, deixando, entretanto, sua influência. O povo russo adotou as idéias dos bárbaros sobre a submissão que o indivíduo deveria prestar a seus amos”. No entanto, “com o Czar Alexandre III, um dos mais liberais e esclarecidos, a Rússia obteve um grande progresso em todos os setores. Com a revolta bolchevista de 1917, todas estas melhorias foram substituídas”. Segundo Lemos, o povo “sempre acostumado a obedecer cegamente sem reivindicar nada” não se opôs “ao fato de mudar-se o czar por um ditador era como trocar de patrão”. Na opinião do autor os russos haviam “nascidos dentro deste regime, foram sempre ensinados a

⁷⁶ LEMOS, Roberto Jenkins de. Pela sobrevivência da liberdade dos povos. **Ronda Barriga-Verde**. Blumenau 06 mar. 1962, p. 2.

⁷⁷ Cf. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**. O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2002. pp. 51, 52.

⁷⁸ LEMOS, Op. Cit.

⁷⁹ MOTTA, Op. Cit. p. 70.

⁸⁰ LEMOS, Roberto Jenkins de. Pela Sobrevivência da liberdade dos povos. Sempre vigilantes contra o comunismo ateu. **Ronda Barriga-Verde**. Blumenau 01 mar. 1962, p. 2

obedecer cegamente, a não criticar, a não pensar... São pobres autômatos, uns pobres mortos vivos que só conhecem o trabalho...”. Neste regime de governo, conforme Lemos, os indivíduos mais esclarecidos eram mandados para os campos de trabalho forçado na Sibéria, pois “o comunismo possui a máquina de repressão mais perfeita do mundo”, onde os indivíduos delatavam seus próprios amigos ao partido, “o Grande Abutre”. O Tenente Lemos leva o leitor a pensar como seria sua vida na União Soviética onde todos procuravam denunciar os próprios companheiros: “E já imaginou, meu caro leitor, que um dia seu próprio filho, caindo vítima de perguntas cretinas e maldosas formuladas pelos membros do partido, poderá lançar você na desgraça? Pense bem nisto, e veja a monstruosidade do sistema comunista. [...] maravilhoso comunismo, não acha? Sim, maravilhosamente imundo!”.

O autor termina seu artigo convocando os leitores para a guerra, seus conhecimentos militares o credenciavam para tal, mas não era qualquer combate, tratava-se de uma cruzada: “seja você, amigo leitor, mais um cruzado na luta contra-comunismo”. As cruzadas no imaginário cristão simbolizavam a luta contra os infiéis e a recuperação de objetos e territórios sagrados subjugados por estes povos. Aqui podemos perceber que haviam outros agentes sociais preocupados com os valores religiosos além dos clérigos. Conforme Motta, o anticomunismo teve três principais matrizes, o catolicismo, o liberalismo e o nacionalismo. Todavia, “Os valores religiosos não eram atributo só dos padres, o nacionalismo não constituía privilégio dos membros das Forças Armadas e os homens de negócios não eram os únicos a defenderem idéias liberais”.⁸¹

O escritor não se limitava a descrever a “realidade” dos países comunistas. Era essencial sensibilizar a população local sobre o problema, afinal acreditava e tinha que persuadir os leitores de que o comunismo era uma ameaça ao Vale do Itajaí.

Você que nos lê, sabe quais são as linhas do Partido Comunista? Já imaginou que, mesmo sem querer, você pode auxiliar os comunistas? Você, por acaso, já pensou que os comunistas ocultos, ocupando postos de destaque na comunidade, podem causar prejuízos tremendos à nossa pátria, incutindo idéias subversivas nos indivíduos

⁸¹ MOTTA, Op. Cit. p. 44.

desprevenidos, nos jovens inexperientes, ou mesmo em VOCÊ?

Para o militar denunciar e combater a infiltração comunista era uma espécie de dever pátrio. Durante anos havia sido educado para defender a nação, garantir a segurança nacional contra a penetração de qualquer ideologia contrária aos interesses nacionais. Na visão do autor o Vale do Itajaí estava em perigo, pois, “uma região produtiva e ordeira como é o nosso querido Vale do Itajaí, é alvo altamente apetitoso para os prepostos comunistas, no trabalho de agitar e desorganizar a comunidade”.⁸²

A imagem do Vale do Itajaí enquanto uma região laboriosa foi reforçada muitas vezes ao longo de sua história, sempre se partia do exemplo dos colonizadores que se embrenharam na mata e enfrentaram todos os desafios para construir a vida nesta nova pátria, enfatizava-se o “espírito empreendedor” do alemão nos trópicos que nem pelas intempéries naturais se deixava abater. Eram o esforço, a abnegação e a disciplina dos trabalhadores que haviam elevado a economia do Vale aos mais altos patamares. Agora este reduto aparentemente “bem sucedido” do capitalismo estava ameaçado pela “ideologia vermelha”.

Para causar maior impacto nos leitores o autor procurou associar os comunistas à imagem estereotipada dos “bugres”. O militar justificava que seu relato “não é inventado, são fatos, inegáveis e tremendamente vivos, clamando contra estes bugres soviéticos, patrocinadores do terror e promotores da miséria”.⁸³ Ora, ao recorrer à imagem dos indígenas o militar entrou num campo extremamente sensível da memória coletiva do Vale do Itajaí. Provavelmente grande parte dos leitores da década de 1960 ouviu de seus pais ou avós acerca dos conflitos durante o período colonial entre os imigrantes e os nativos da região. Nesta época, segundo Rosilene Alves, aos indígenas estavam associadas palavras como “ataque, morte e roubo”⁸⁴, na visão dos imigrantes eles eram criaturas selvagens, rudes, arredios, não-cristãos e potencialmente violentos. Desta forma, a sentença do tenente Lemos é mais grave do que podemos imaginar, afinal foi este tipo de argumento que fundamentou a violência e a intolerância, tratava-se da voz de uma

⁸² LEMOS, Roberto Jenkins de. *Pela Sobrevivência da Liberdade dos Povos. O Preço da Liberdade é a Eterna Vigilância. Ronda Barriga-Verde*. Blumenau, 02 abr. 1962, p. 2

⁸³ LEMOS, Roberto Jenkins de. *Pela Sobrevivência da Liberdade dos Povos. As nações neutras e a coexistência pacífica. Ronda Barriga-Verde*. Blumenau, 18 mar. 1962, p. 2

⁸⁴ ALVES, Rosilene. *Bugres: As notícias correm!* In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Meri. *Visões do Vale: Perspectivas Historiográficas recentes*. Blumenau: Nova Letra, 2000, p. 33.

sociedade que não conseguia conviver com a alteridade, fosse étnica no passado ou política naquele presente. Não há dúvida que se fosse preciso o militar, à semelhança dos colonizadores, não hesitaria a pegar em armas para “afugentar” estes “bugres soviéticos promotores da violência”. Aqui vale acrescentar o questionamento de Baczko: “Não são as ações efetivamente guiadas por estas representações; não modelam elas os comportamentos; não mobilizam elas as energias; não legitimam elas as violências?”⁸⁵

Este julgamento racista do escritor ainda era expresso quando se referia ao povo brasileiro, tratava-se de um povo de idiosincrasia resignada.

Nosso povo ingênuo, bondoso, crédulo e pouco instruído, produto do cruzamento de raças mestiças, fatalistas e resignadas, ainda não alcançou a maturidade política e dificilmente vê como perigosas as nuvens que se acumulam. [...] Nação onde o acúmulo de erros do passado a torna presa fácil e indefesa de doutrinas extremistas; um país de legislação liberal como o nosso querido Brasil, precisa de proteção segura, das elites intelectuais, de mentalidade sã, de olhos que vejam por ele, de ouvidos que ouçam longe de malícia, que o livre da escravidão e da dedicação ilimitada, que lhe permitam gozar deste bem supremo que se chama liberdade.

O autor compartilha de uma visão pejorativa do brasileiro, era um povo sem maldade, sem malícia, sem astúcia, pois ignorante e infantilizado. Essas eram as piores qualidades em matéria de política. Com retoques de darwinismo social o autor interpretava a causa da imaturidade política do povo brasileiro pelo argumento racista da miscigenação. Na sua visão a fragilidade do Brasil também era fruto de sua legislação liberal, era necessário a intervenção das mentes iluminadas das elites para guiar o povo na senda da liberdade, este era o único caminho para sua emancipação política. Caso contrário o povo viria a cair nas garras dos comunistas que os fariam escravos através de uma dedicação ilimitada.

Segundo o tenente Lemos, ele poderia conviver com qualquer pessoa, “mas nunca com os comunistas, pois eles perderam há muito a

⁸⁵ BACZKO, Op. Cit. p. 298

condição de humanos. Entre um animal e um comunista, a diferença reside em que aquele não consegue falar”. O anticomunismo do escritor visava, segundo Togliatti, “dividir categoricamente a humanidade em dois campos”, sendo que o reservado aos comunistas era o “daqueles que já não são homens, por haverem renegados e postergados os valores fundamentais da civilização humana”.⁸⁶

A postura de Lemos visava estabelecer uma identidade aos comunistas, isto é, eram desumanos. Para Bronislaw Baczko uma das funções do imaginário é disseminar representações relativas à identidade dos “outros”.

É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento”, designadamente através da instalação de modelos formadores [...]. Assim é produzida, em especial, uma representação global e totalizante da sociedade como uma “ordem” em que cada elemento encontra o seu “lugar”, a sua identidade a sua razão de ser. Porém, designar a identidade coletiva corresponde, do mesmo passo, a delimitar o seu “território” e as suas relações com o meio ambiente e, designadamente, com os “outros”; e corresponde ainda a formar as imagens dos inimigos e dos amigos, rivais e aliados [...].⁸⁷

Este aspecto identitário veiculado pelo imaginário é muito importante na análise do anticomunismo, pois é ele que evocamos quando analisamos as representações que os anticomunistas atribuíam a si mesmos e a seus adversários políticos. Através do imaginário são reguladas as condutas sociais, os diversos agentes sociais interiorizam as regras e normas de comportamento do grupo ao qual pertencem, assim o imaginário ao produzir uma coesão grupal também torna-se um instrumento produtor de submissão. Para Pierre Ansart, toda sociedade cria “um imaginário através do qual ela se reproduz e que designa em

⁸⁶ TOGLIATTI apud BONET, Luciano. Anticomunismo. In: BOBBIO, Norberto (org.) **Dicionário de Política**. Brasília: UNB, 1986, p. 34.

⁸⁷ BACZKO, Op. Cit. p. 309.

particular o grupo a ele próprio, distribui as identidades e os papéis, expressa as necessidades coletivas e os fins a alcançar”.⁸⁸

A posição do jornal *Ronda* era francamente anticomunista. Conforme o jornal naquela época a URSS mantinha “a maior rede de agentes que se possa imaginar”.⁸⁹ Para tanto instigava seus leitores a “não discrepar! Não tolerar! A tolerância de hoje será o desespero de amanhã”. Pois, “o socialismo é o gatinhar do futuro menino travesso que executará as suas diabruras sob o rótulo de comunismo. [...] Colaborando destarte para a sublevação das classes laboriosas que não estão elucidadas para repelir o polvo vermelho!”.

Na retórica anticomunista a fauna ficava cada vez maior, ao lado de polvos e abutres surgiu a hidra. “A hidra”, este era o título de um artigo de Evaldo Trierweiler, autor já citado anteriormente, mas escrevendo em outro periódico. Antes de falarmos do artigo falemos um pouco do periódico em que ele encontrava-se inserido, o jornal *Lume*. Este jornal surgiu em 1949 dirigido por Honorato Tomelim, que no ano de 1943 já havia fundado no jornal “A Nação”. Na década de 1960 Tomelim também era editor do periódico católico *Luzeiro Mariano*, da Congregação Mariana de Blumenau. O *Lume* era o grande porta-voz do PRP (Partido de Representação Popular), do qual Tomelim era o presidente do diretório municipal em 1960. O PRP era uma agremiação política fundada para congregar os antigos militantes integralistas.⁹⁰ Um dos colunistas mais conhecidos era o industrial Cássio Medeiros, que no ano de 1960, passa a fazer parte como colaborador do jornal. Cássio Medeiros era um destacado jornalista e já havia sido diretor proprietário de “O Alvorada”, jornal integralista de Florianópolis, e também havia sido um dos fundadores da Congregação Mariana de Blumenau, ainda em fins dos anos trinta. José Ferreira da Silva, ex-prefeito e conhecido integralista da cidade afirma que o jornal “envolveu-se em memoráveis campanhas eleitorais, tendo sempre se batido, patrioticamente, pelo aperfeiçoamento de normas e princípios que devem reger a interferência dos cidadãos na vida pública. Também soube defender, com galhardia, os interesses políticos, econômicos e sociais de Blumenau”.⁹¹

⁸⁸ ANSART, Pierre. **Ideologias, conflitos e poder**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978, pp. 23, 24

⁸⁹ Não podemos discrepar! **Ronda Barriga-Verde**. Blumenau, 14 fev. 1962, p. 10

⁹⁰ Sobre a reestruturação do integralismo sob o PRP, ver: CALIL, Gilberto G. **O Integralismo no pós-guerra**: a formação do PRP (1945-1950), Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

⁹¹ SILVA, J. Ferreira da. **A Imprensa em Blumenau**. Florianópolis : Secretaria da Educação e Cultura: 1977.

Conhecidos os valores que orientavam este periódico é a hora de voltar ao artigo. A tática do colonista é associar o comunismo à mitológica figura da hidra. Sigamos seu raciocínio:

Existe na natureza uma serpente, que devora sapos, rãs e outros animalejos. Para fazê-lo, aproxima-se, às escondidas, do local e põe-se à espreita.

O pobre animal percebendo o perigo, trêmulo de pavor, tenta afastar-se. Ensaia a fuga. Todavia este ato de fugir o trouxe mais perto da boca que o vai devorar.

Mais uma tentativa. Salta. Em seu terror verifica que já está mais perto da inimiga de sua existência. E hidra imóvel não o perde de vista. Cada vez mais aterrorizado o animalejo emite guinchos e ruídos, dá pulos, e em seu desespero, tenta em vão afastar-se.

A única coisa, que estes animais não fazem quando assim atacados é preparar uma defesa. Avançar na cobra e aplicar na fera as armas, com que a natureza de cada animal vem dotada. Isto não chega ao alcance da vítima infeliz.

Quer fugir, mas o fascínio da bocarra hiante o leva finalmente a dar o salto fatal.

Parece ser exatamente este o jogo das nações pequenas diante da hidra vermelha. Cada passo que ensaiam não é de defesa. É de contemporização e apesar das inúmeras tradições da fera a espreitar, continuam a acreditar que possa haver amizade ou coexistência com este monstro.

Quando o rei dos Hunos, Átila, que vinha devastando a Europa chegou em terras da França e ameaçava Paris, o prefeito da cidade, Ecio, falou em prudência. Então uma frágil mulher, que na história universal tem o nome de Santa Genoveva, exclamou: que amizade querei esperar de um lobo? Quereis o conquistar a amizade do inimigo? Jamais. Preparai a defesa. E a defesa da cidade foi preparada. [...]

Nesta terra de Santa Cruz quer fazer-se o contrário.

Aí está o nosso embaixador satisfeito do trabalho realizado em Punta del Leste. Enquanto ele afirma que o Brasil conquistou o seu lugar dentre as nações e que venceu a nossa diplomacia; outros escritores e observadores da política mundial dizem que ele lavou as mãos na bacia de Pilatos. Contemporização com o inimigo, enamoram-se do barbudo de Cuba.

Deram um passo mais perto da face escancarada da hidra horrenda. [...]

Merece fé o nome que o relator do famigerado projeto, também chamado o cozeiro da família? Saberá este homem que o próprio Rui Barbosa em seu tempo condenou o divórcio e com palavras candentes condenou o comunismo? Saberá ele que Rui disse ser a pátria a família amplificada? Como, então, que preza as tradições da pátria, pode ser relator de matéria condenada pelos nossos ancestrais?

A família é o alicerce da pátria. Se, pois, os alicerces foram abalados não ruíra todo o edifício? Será que o divórcio aluindo os fundamentos da pátria não dará com ela em terra?

Será que brincando com fogo comunista não se incendia a pátria? E o comunismo é uma realidade que ganha corpo dia a dia, mas os cegos não querem enxergar. E cada dia que passa, cada atitude tomada, cada novo ensaio nos está arrastando, empurrando para a garganta aberta da devoradora de nações a hidra vermelha.⁹²

O jornal *Lume* era uma das principais trincheiras no combate ao comunismo. O jornal estava intimamente ligado ao integralismo, embora na década de 1960, sob a sigla do PRP, o integralismo já tenha perdido seu poder de sedução junto às massas. No entanto, é significativo que os combatentes anticomunistas dos anos sessenta fossem os mesmos que já haviam travado batalhas na década de trinta. Como mostramos acima, alguns colonistas já haviam sido proprietários de jornais integralistas nos anos trinta. O integralismo ainda tinha um certo peso neste período, o presidente regional (ou estadual) do PRP, Érico Muller, era de Blumenau. No governo estadual de Celso Ramos o

⁹² TRIERWEILER, Evaldo. A hidra. *Lume*. Blumenau, 18/02/1962, p. 1

PRP, na pessoa de Jade Magalhães, ocupava a secretária de segurança pública.

No jornal *Lume* era publicado regularmente discursos de Plínio Salgado. Pelos títulos já podemos ter uma idéia do teor anticomunista dos mesmos: “A América Latina (e particularmente o Brasil) nos planos de Moscou” e “Comunismo: dias amargos e sangrentos para o país”.

O jornal embora não se declarasse o órgão oficial do PRP mantinha a “*Página do PRP*”, sob a responsabilidade de Salomão da Silva Mattos. Sigamos primeiro texto desta seção.

Terá, esta página, a sua seção doutrinária, por onde ficarão os leitores sabendo quão elevada e nobre é a doutrina integralista que, baseada na doutrina cristã, coloca o homem no seu devido lugar como criatura de deus, além de explicar a razão da defesa da trilogia “DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA”..

Esta página, será também, um constante combate ao comunismo, que aproveitando-se dos maus brasileiros, infiltra-se no nosso caro Brasil, por todos os meios e modos, qual um polvo, procurando envolvê-lo com seus tentáculos venenosos e maus. Nós conhecemos os seus métodos e suas tramas e denunciaremos ao povo para que estejam alertas contra as investidas de Moscou em nosso país.

Esperamos que a página que ora apresentamos cumprirá a sua finalidade, prestando assim um grande serviço ao Brasil e aos brasileiros.

Se amanhã o perigo comunista que ameaça e avassala a nossa pátria, se tornar uma realidade administrativa, nós sabemos que seremos primeiros a enfrentar a sanha assassina desse monstro, mas isso não será razão, para lutar nos no sentido de procurar a deter a sua marcha.

Esse é o nosso propósito e ele não nos afastaremos.⁹³

Os integralistas também não poderiam deixar de fugir do tema do patriotismo. Segundo um de seus autores havia uma grande diferença entre patriotismo e nacionalismo. O nacionalismo seria um recurso para

⁹³ MATTOS, Salomão da Silva. Página do PRP. *Lume*. 04 de maio de 1961, p. 6

iludir os incautos e os desavisados, através dele o comunismo “*destrói o sentimento de pátria*”. Segundo o autor,

patriotismo é acender e uma vela a Deus, isto é, compreender, por em prática os deveres para com Deus, a pátria e a família. Nacionalismo é acender uma vela a Deus e outra ao diabo, procurar agradar a gregos e troianos. [...] patriotismo é ver na pátria, o solo, a família, o lar, os antepassados, a tradição, Deus. [...] nacionalismo é confabular com o inimigo, não admitir a advertências, como se pudesse haver paz entre o lobo e o cordeiro.⁹⁴

O patriotismo era como um antídoto contra o comunismo, afinal o comunismo com seu ideal “*apátrida e internacionalista*” não respeitava as tradições, o apego ao solo dos antepassados.

“um homem só é livre dentro de um regime democrático. Confia nos alicerces montados pelos seus antepassados. Segue o exemplo daqueles que deram a vida em defesa da sua liberdade de pensamento e de ação. [...] e se preciso for, em oposição à regimes totalitários e escravizadores da sua atividade, derrama o seu sangue e morre por um ideal cristão. O comunismo é um micróbio que corrói o bem-estar da pátria e da família. da sua vigilância permanente depende mais determinação dessa moléstia que só contagia os fracos de espírito e os inimigos do Brasil.”⁹⁵

Todavia não eram somente os jornalistas católicos, os religiosos e políticos partidários que travaram o combate ao comunismo. A classe empresarial era a mais interessada em proclamar guerra aos comunistas, afinal a ação dos comunistas junto aos operários produzia desagregação e conflito com os patrões. Os comunistas seriam os principais responsáveis por incitar a luta de classes através de descontentamentos, protestos e greves. Através das publicações internas das empresas, os jornais de fábrica, podemos perceber a preocupação dos patrões em alertar os operários quanto à ação “*nefasta*” dos comunistas em desarmonizar capital e trabalho.

⁹⁴ TRIERWEILER, Evaldo. Nacionalismo. **Lume**. 28 de janeiro de 1962, p. 6

⁹⁵ Defesa a liberdade. **Lume**. 04 de novembro de 1962, p. 1

Um dos jornais de fábrica mais importante era o *Mensageiro Artex*, pois a Artex era uma importante empresa têxtil do sul do Brasil. O *Mensageiro Artex* surgiu em janeiro de 1964 como órgão de circulação interna da Fábrica de artefatos têxteis Artex S/A, sob direção de Hélio B. Fontes. O mensário era publicado com doze páginas, divididas entre várias sessões como: “cantinho feminino”, “sociais”, “página esportiva”, “coquetel”, etc. Os dois primeiros números apareceram mimeografados, mas do terceiro número em diante surge impresso em seis páginas e com ilustrações. A partir do sétimo a tiragem atinge o número significativo de 1.200 exemplares e posteriormente 1.800. Sigamos o alerta do jornal sobre o comunismo:

Vem acontecendo ultimamente em Blumenau, fatos interessantes e inéditos, que por sua singularidade merecem menção especial. Imaginem os leitores, que, numa época em que o custo de todas as utilidades dispensáveis e indispensáveis estava para cima das nuvens, em que o próprio papel de imprensa tem um preço exorbitante, sendo quase impossível sustentar um jornal de média circulação a preços normais, observa-se que em pontos determinados de Blumenau, a saída dos cinemas, às 10 horas da noite, e a saída das fábricas a mesma hora, há indivíduos ali por postados, distribuindo jornal grátis; atentem bem, um jornal GRATUITO; e não é de 2 ou 3 páginas não, é de 12 a 14 .

Qual seria a mensagem estranha desta edição, que precisa ser distribuída gratuitamente para que seja lida, e ainda na escuridão da noite, quando não é possível de se ler nem o título?

O interesse deles é que você o leve para casa; lá você verá o título. Está escrito num quadrado em vermelho e bem vermelhos são também os que o editam. Chama-se "NOVOS RUMOS". Sim, novos rumos, por que ele prega verdadeiramente rumos novos, rumos que conduzem a lugares aliás muito conhecidos, como Cuba - Rússia - China - Polônia - etc., onde os novos rumos são vermelhos, ditados por gente também vermelha, vermelha do sangue de seus irmãos, vermelha da vergonha de terem traído a própria Pátria, sua própria consciência, sua razão e sua liberdade.

Esses os novos rumos que pretendem dar ao nosso país e esses que andam editando a soldo estrangeiro - rublo russo, que também significa “vermelho” o jornal que você pensa que recebeu grátis e leva para casa. Esses os rumos novos que darão a você, a seus filhos, a sua família e a sua descendência, os rumos da escravidão.

Não se iluda pensando o contrário! O muro de Berlim atesta a maior das verdades! ou será que esse muro foi construído e está sendo guardado para que os alemães ocidentais não fujam todos para o “paraíso” comunista?

Um muro diante de sua liberdade, este será o preço menor que você pode pagar pelo jornal que lhe foi entregue sem uma palavra, sem lhe pedir nada, na calada da noite.

É mister que se abra os olhos e não se tome os lobos por cordeiros (no silêncio e na escuridão da noite é fácil de se enganar). Não se deixe que os rumos novos sejam ditados daqui a mais algum tempo em nossa Pátria, que caíamos no abismo que trouxe muitos países que acreditaram nessas promessas e nessa orientação e hoje são escravos.

É necessário que nos oponhamos por todos os modos, e se algum dia, num trágico dia, o fato se consumir, não gelemos do terror, não nos quedemos, parados, sem saber como agir, lutemos e mostremos com o nosso, sangue vermelho dos traidores, se necessário for, mas não permitamos que ele corra só e inutilmente.⁹⁶

Todas estas imagens sinistras que povoavam o imaginário político dos anticomunistas em Blumenau não eram apenas devaneios e quimeras. Este imaginário era constantemente alimentado pela atuação dos comunistas junto “às classes laboriosas”, essa era a razão pela qual não podiam tolerar.

2.3 OS COMUNISTAS E A IMPRENSA: OU COMO COMBATER COM PALAVRAS

⁹⁶ Atenção! Cuidado com os vermelhos. **Mensageiro Artex**, ano I, nº 2. Blumenau, fevereiro de 1964, p. 9, 11

A atuação dos comunistas na imprensa foi mais marcante através do jornal *Folha Catarinense*, órgão do Partido Comunista no Estado de Santa Catarina. Este jornal tinha como objetivo principal atingir o público operário e denunciar os abusos cometidos pelos empresários. Segundo Francisco Pereira, “o jornal não tinha uma circulação assim expressiva, era vendido na banca e tudo mais, mas a distribuição era feita nos bairros pelo partido”.⁹⁷ Através do jornal *Folha Catarinense* pretendemos perceber alguns elementos constitutivos do imaginário comunista. Uma vez que, o estudo do imaginário anticomunista ganha maior relevância quando em paralelo ao imaginário comunista. Obviamente, o imaginário comunista veiculado na imprensa é bem menos apreensível, devido às escassas fontes. Seguimos aqui a orientação de Eliana Dutra, para quem o imaginário comunista ou revolucionário não dispensa a construção da figura do inimigo, que ameaça a integridade da pátria. Desta forma, ao analisarmos o discurso comunista devemos estar atento à construção da argumentação, aos temas e as imagens que utilizam para designar os inimigos e os aliados.⁹⁸

No primeiro número do jornal, no mês de novembro de 1963, o editorial anuncia o nascimento de um modesto jornal, pois com limitações financeiras, mas “dentro do máximo do nosso esforço, um bom jornal”. E prossegue:

Nossas páginas espelham a luta do povo brasileiro pela emancipação econômica da Pátria e o anseio do catarinense por um efetivo desenvolvimento econômico, que tire Santa Catarina da estagnação, sem energia elétrica, sem estradas e sem novas indústrias.

É teu jornal, trabalhador, lavrador, posseiro, estudante, homem do povo. As páginas são tuas para a reivindicação, o protesto, a denúncia, e a mobilização.

Seremos uma trincheira no combate aos espoliadores de nossa Pátria, e na luta contra a atual estrutura de nossa sociedade, arcaica e desumana, pugnada pelas Reformas de Base; Reforma Agrária (com alteração da Constituição),

⁹⁷ PEREIRA, Op. Cit.

⁹⁸ DUTRA, Eliana Freitas. O ardil totalitário. **Imaginário político no Brasil dos anos 30. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. UFMG, 1997.**

Reforma Bancária, Reforma Tributária, Reforma Universitária e Reforma Urbana.

Defenderemos as Liberdades Democráticas contra quaisquer tentativas de implantação de Estados de Exceção, golpes e manobras escusas, úteis somente às forças anti-povo e anti-nação, bem caracterizados hoje num Lacerda e num Ademar.

[...]

Aqui estamos leitor, sabes de nossa posição, conheces a nossa definição política. Se concordas conosco dá-nos teu apoio indispensável.⁹⁹

Neste primeiro editorial já possível nomear ou localizar alguns inimigos apontados pelo discurso comunista. Na ótica comunista havia forças que colaboravam para a estagnação econômica do Brasil e do estado catarinense, seriam os espoliadores da pátria, na figura do imperialismo, os golpistas e suas ações anti-povo e anti-nação. Por outro lado, os comunistas aparecem como os amigos do povo pobre, explorado, espoliado e miserável. E o jornal surge como uma tribuna de protesto e reivindicação das classes oprimidas.

O editorial comunista reflete bem o contexto político brasileiro, neste período instável por causa da radicalização das esquerdas e do recrudescimento das forças conservadoras. A partir de 1958, com a Declaração de Março, o PCB muda sua atuação política e se torna uma força decisiva na política nacional. O partido “passou a reconhecer a questão democrática e a possibilidade da passagem pacífica ao socialismo”,¹⁰⁰ ao mesmo tempo em que buscava criar uma ampla frente nacionalista e democrática que deveria lutar contra o imperialismo norte-americano e contra o latifúndio. Esta frente deveria ser composta por diversos setores sociais, desde estudantes, passando pelos militares e incluindo até a burguesia nacional.¹⁰¹ O PCB na conjuntura do golpe de 1964 se tornou um partido político decisivo – embora na ilegalidade. Naqueles anos teve importante atuação ao lado do PTB nos sindicatos de trabalhadores rurais e urbanos, no movimento estudantil, no movimento dos subalternos das Forças Armadas.

⁹⁹ Nossa apresentação. **Folha Catarinense**. Florianópolis, semana de 21 a 27 de nov. 1963, p. 1.

¹⁰⁰ FERREIRA, Jorge. O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964. in: _____; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 352.

¹⁰¹ SEGATTO, José Antonio. **Reforma e Revolução**. As vicissitudes políticas do PCB (1954-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995, pp. 123, 124.

Neste contexto o editorial da *Folha Catarinense* faz coro às reivindicações nacionais pela emancipação política e econômica, pelas Reformas de Base, pela união dos diversos agentes sociais na luta contra a “espoliação da pátria” e contra os conspiradores “entreguistas”. Adhemar de Barros, governador de São Paulo, mencionado no editorial, havia sido eleito com o apoio do PCB logo após a ditadura varguista, mas foi derrotado em 1958, os setores anticomunistas o criticaram duramente. Já nas eleições de 1962 Adhemar se mostrou um anticomunista ferrenho, o sucesso nas urnas ainda o fizeram prosseguir no combate ao comunismo até a consumação do golpe de 1964.¹⁰²

Carlos Lacerda, o governador da Guanabara, outro político mencionado pelo editorial havia, em outubro daquele ano de 1963, denunciado a “infiltração comunista” no governo Goulart em entrevista ao jornal norte-americano *Los Angeles Times*. Segundo Caio Navarro de Toledo, Lacerda

havia ridicularizado a autoridade do presidente da República, além de insinuar que os militares brasileiros estavam confusos e desorientados diante de uma administração inteiramente “desastrosa” para o país. Coerente com a “vocalização golpista” de seu partido [UDN], Carlos Lacerda conclamava o Departamento de Estado a deixar de lado sua “passividade” face à grave situação em que se encontrava o Brasil, presidido por um “totalitário à moda sul-americana” e que “descambava para a esquerda”.¹⁰³

Segundo os editoriais da *Folha Catarinense* podemos identificar os principais inimigos apontados pelos comunistas. O editorial do final do mês de novembro de 1963 trazia como título “*Um Brasileiro solicita: GOLPE IANQUE*”. Tratava-se das declarações do diretor do jornal “*O Estado de São Paulo*”, Júlio de Mesquita filho, feitas em Miami, Estados Unidos. Segundo o editorial, Mesquita havia dito que “o governo do sr. João Goulart será derrubado em breve...como ocorreu com o ditador Getúlio Vargas em 1945” e teria também afirmado que não haviam possibilidades de o Brasil sair dessa situação e imediatamente passar a uma etapa constitucional. “Como se vê, somente um renegado de sua pátria, um desfibrado mercenário a serviço de

¹⁰² MOTTA, Op. Cit. pp. 170, 171.

¹⁰³ TOLEDO, Caio Navarro de. **O governo Goulart e o golpe de 64**. 15ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 62.

interesses estrangeiros seria capaz de, na terra de seus padrões, proferir semelhante monstruosidades. Que se pode concluir desse objeto espetáculo de traição?” Segundo o editorial, Mesquita e Carlos Lacerda seriam os principais agentes conspiradores e entreguistas, interessados na derrubada do governo através de uma ação golpista. Eram os inimigos da pátria, dos trabalhadores, pois “Já em 1955, dizia Lacerda que a ‘única solução possível para o Brasil está num regime de exceção’. Agora, dirigindo-se a seus amos, Mesquita afirma que após o golpe não se poderá ‘passar imediatamente a uma etapa constitucional’”.

104

Todavia, os comunistas catarinenses procuravam estar atentos também à realidade social e política do estado. Num dos editoriais do mês de dezembro do mesmo ano de 1963 temos o seguinte título: “*É chegada a hora de mudar*”. Este texto é direcionado aos problemas enfrentados pelos trabalhadores do Estado, agravados pela política do governo de Celso Ramos. Segundo o editorial o governo de Ramos “além de manter Santa Catarina estagnada, sem novas indústrias, sem energia elétrica e sem estradas, mostra a sua face de inimigo dos trabalhadores, muitos dos quais, enganados, o elegeram”. O texto alerta os trabalhadores para que nas próximas eleições não votem em seus inimigos de classe, uma vez que o atual governo representava o interesse das classes economicamente dominantes. Tais grupos econômicos “no legislativo e executivo, elaboram e executam as leis contra o povo” e tornam-se “algoz de seus trabalhadores diretos”. Segundo o editorial: “é indispensável a luta por governo do tipo Miguel Arraes, de Pernambuco, que coloca sua polícia, não contra os trabalhadores, como fez o Sr. Celso Ramos, [...] e sim para proteger o direito dos trabalhadores contra a sanha dos golpistas e usineiros que, armando jagunços, tentam contra a vida dos assalariados”.¹⁰⁵

Segundo Eliana Dutra, os comunistas não abriram mão da construção de maniqueísmos, de disputas entre o bem e o mal. Assim, os comunistas historicamente encarnam ou atribuem a si o papel do Bem. “E é esse bem absoluto que vai estar na base das promessas de igualdade e liberdade a se realizarem no ‘futuro radioso’ da utopia comunista”.¹⁰⁶ Assim, o imaginário comunista é construído nas fronteiras da utopia, do mito e da ideologia.

¹⁰⁴ Editorial. Folha Catarinense. Ano I, nº 2, semana de 28 de novembro a 04 de dezembro de 1963, p. 3

¹⁰⁵ Editorial. Folha Catarinense. Ano I, nº 3, semana de 05 a 11 de dezembro de 1963, p. 3

¹⁰⁶ DUTRA, Eliana de Freitas. **O ardil totalitário**. Op. Cit., p. 90.

Uma das formas de captar também os indícios desse imaginário comunista na publicação do partido é analisar os artigos de opinião e buscar nas entrelinhas das matérias de denúncia um projeto social. Dentre esses artigos uma série escrita pelo advogado Herbert Georg ganha especial relevância, trata-se de um relato sobre uma viagem feita pelos comunistas Erwin Loeschner e Herbert Georg à Checoslováquia e República Democrática Alemã (Alemanha Oriental), publicado em dez edições sob o título “Eu vi Berlim”.

No primeiro artigo Georg procurou justificar a necessidade de relatar sua viagem ao mundo socialista, sendo que o seu silêncio como intelectual importava num verdadeiro crime, uma vez que existia um inexplicável desvirtuamento da verdade nos países considerados livres sobre a realidade da vida dos países de regime socialista. Georg, para evitar confusões na imprensa acerca de sua filiação ideológica reafirmou ser socialista e, numa estratégia de angariar os leitores católicos, ou pelo menos tranquilizá-los, citou o arcebispo de São Paulo, Cardeal Carlos Vasconcellos Motta: “já é tempo de o povo perder o medo de ser chamado de comunista”.¹⁰⁷

No segundo artigo Georg contou a experiência de visitar a Câmara Federal em Berlim e conversar com o presidente daquela casa. O que mais impressionou o viajante foi a composição da Câmara, afinal parecia ser a concretização da utopia igualitária. “Para que os leitores tenham uma idéia sobre a Câmara Popular, basta dizer que e seus 400 membros têm as seguintes origens: 244 operários, 51 funcionários públicos, 31 camponeses, 38 profissionais liberais, 34 artífices e 2 empresários. Um pouco diferente da composição dos nossos legislativos, não acham?”.¹⁰⁸ Segundo Georg, em Berlim já havia começado a vigorar a economia socialista, na qual todo o sistema educacional e assistencial é gratuito e os preços dos aluguéis e dos produtos de primeira necessidade são mantidos em bases bastante reduzidas.

A narrativa de Georg no decorrer dos artigos girou em torno dos conflitos entre a Alemanha Oriental e Alemanha Ocidental. Para o advogado a construção do muro de Berlim foi uma necessidade, tendo em vista a agressão imperialista do lado ocidental. O Ocidente através da propaganda anticomunista procurava humilhar os cidadãos orientais.

¹⁰⁷ GEORG, Hebert. Eu vi Berlim. **Folha Catarinense**. Ano I, Semana de 5 a 11 de dezembro, 1963, p. 8

¹⁰⁸ GEORG, Hebert. Eu vi Berlim. **Folha Catarinense**. Ano I, Semana de 12 a 18 de dezembro, 1963, p. 2

Estes, na ótica do advogado, eram pessoas trabalhadoras e pacíficas, que tentavam de todas as maneiras evitar uma terceira guerra mundial.

A narrativa de Georg evidencia que os comunistas passaram a construir uma imagem positiva dos países de regime socialista como resposta ao imaginário anticomunista. Ao longo de seus artigos e publicações não deixaram de nomear seus inimigos e da sociedade. Sendo que os principais alvos eram o imperialismo norte-americano, as elites entreguistas, o latifúndio. Sendo a miséria e a espoliação do povo causada pelo imperialismo odioso que reinava, a pobreza no campo pela ganância dos latifundiários e a opressão e privação nas cidades pelos patrões exploradores da mão-de-obra dos trabalhadores.

Descritos e eleitos os inimigos dos trabalhadores, mostrada a sua ação maléfica, era a hora de descrever o Bem. Os comunistas atribuíam a si a função sacerdotal de lutar abnegadamente pela melhoria das condições de vida da massa trabalhadora, chamavam para si a responsabilidade de denunciar a escravidão material e moral que caracterizava a sociedade. O objetivo era criar uma imagem caótica da sociedade, mostrar a falência de suas instituições e criar descontentamentos entre sujeitos e grupos sociais. À imagem da desordem do mundo capitalista era contraposta a imagem do mundo comunista, lugar da liberdade, da abundância, da solidariedade, da supressão da carestia, do Bem absoluto. Obviamente, a URSS passou a personificar esse paraíso laico, lugar mitificado pelas esperanças e sonhos dos militantes.

Quanto à campanha difamatória empreendida contra os comunistas de Blumenau eles não assistiram passivamente, mas travaram batalhas discursivas relevantes. Alguns jornais ainda que fossem francamente anticomunistas abriam espaço nas suas páginas para os comunistas se expressarem. O exemplo a seguir foi retirado do Jornal Ronda, nele Herbert Georg discorre sobre o socialismo e a justiça social.

O que é o socialismo? E o que é a justiça social? Eis aí duas perguntas que deveriam preocupar todos os homens da atualidade. [...] O socialismo nada mais quer, senão, tornar o ser humano verdadeiramente homem, isto é, um ser racional. Quer que o homem saiba quem ele é, qual sua origem, e qual sua posição na natureza, na família, no agrupamento social que mais de perto o cerca, na nação e na humanidade. O socialismo quer que todos os homens trabalhem e possam viver condignamente com o produto de seu trabalho.

Quer que o homem seja racional, que vise o Bem e a Prosperidade comum, e que os benefícios dessa prosperidade a todos beneficie igualmente. A concretização dessa meta os socialistas chamam de justiça social. [...] Sendo o socialismo uma doutrina científica, ele é tão simples como qualquer outra verdade científica. A complexidade resulta da resistência obstinada que as atuais classes privilegiadas opõem a sua concretização. [...] alguns poucos homens se apropriaram das riquezas que se aplicadas racionalmente, poderiam salvar da morte ou da miséria milhões de outros seres humanos. Tudo isso fazem para evitar e retardar essa evolução natural da sociedade humana. A luta dos socialistas consiste, justamente em evitar que essa evolução natural seja demasiadamente retardada.¹⁰⁹

Podemos perceber que a visão de Georg era bastante ortodoxa em relação a “evolução natural da sociedade”. Acreditava que o processo histórico estava pré-determinado de antemão segundo as leis científicas do materialismo histórico, tratava-se de uma evolução linear e inevitável, o socialismo cedo ou tarde concretizaria seu intento. A matéria no Ronda evidencia que os comunistas estavam conquistando espaço para professarem aquilo que acreditavam e pelo que lutavam, ou seja, a justiça social, a dignidade e a utopia igualitária. Mas este espaço “conquistado” pelos comunistas na imprensa se revelou um engodo. O próprio Georg nos explica: “tomei conhecimento que estava servindo de cobaia, para uma experiência que ignorava: a ‘campanha de esclarecimento sobre o comunismo e comunistas em Blumenau’”.¹¹⁰ Conforme Georg, o jornal Ronda havia publicado uma nota esclarecendo que a “iniciativa tem apenas o objetivo de provocar o Dr. Georg para que se pronuncie a respeito de sua ideologia”. Se esta era a vontade do jornal, Georg tratou de satisfazê-la:

Somos realmente socialistas. Sim, socialistas coerentes, com todas, e apesar de todas as suas conseqüências [...]. Somos daqueles socialistas que lutam pelo esclarecimento da verdade, mesmo

¹⁰⁹ GEORG, Herbert. O Socialismo e a Justiça Social. **Ronda Barriga-Verde**. Blumenau 06 mar 1962 p. 6

¹¹⁰ GEORG, Herbert. Uma Explicação Necessária. Um pronunciamento desnecessário. **Ronda Barriga-Verde**. Blumenau 02 abr. 1962, p. 6

que essas verdades venham ferir doutrinas, dogmas ou monopólios. [...] E para lograr nossos intentos, não precisamos valorizar as nossas palavras mimoseando os nossos opositores com expressões depreciativas, tais como: “covarde”, “traidor”, “retubalho e lixo imundo da sociedade”, etc. Tais métodos apenas demonstram a ausência de massa cinzenta nos crânios de seus autores.

Esta resposta de Georg aos seus opositores foi uma das poucas referências encontradas na imprensa não-comunista, mas não foi a única, encontramos um pequeno texto de Francisco Pereira num jornal de nome sugestivo, “*O Combate*”, comentando os artigos do tenente Roberto Jenkins de Lemos publicados no Ronda.

O militar, Tenente Roberto Jenkins de Lemos, utilizando as páginas de um jornal editado em Blumenau, vem escrevendo artigos anticomunistas.

Fossem argumentos inteligentes com o propósito de honesto do debate e mereceriam nossa maior atenção. O militar, todavia, revela – apenas – profundo atraso político e chega a ser ingênuo em suas pretendidas ofensas ao movimento comunista brasileiro.

Saiba, o militar, pelo menos, que as sandices que vem escrevendo, não passam de enfadonha repetição de conceitos lançados, há muito tempo, por autentico representante da “democracia” norte-americana, que dizia: “O bolchevismo golpeia em nossas portas. Não podemos permitir que entre... Devemos guardar nossa América intacta, salvá-la da destruição. Devemos proteger os operários contra a literatura vermelha, contra as armadilhas vermelhas, devemos fazer tudo para que seu espírito permaneça sadio” [“Facisme et Revolution” de Palmer Dutt].

Este lúcido representante do modo de vida americano não era militar, nem aluno da Universidade de Harvard, como se poderia pensar. Contudo, não deixava de ser arguto. Lá pelos idos de 1920 ganhou grande notoriedade em Chicago e arredores. Chamava-se AL CAPONE. Verifica-se,

hoje, que o famoso gangster andou fazendo escola.¹¹¹

As posições de Pereira e Georg revelam suas intenções em invalidar os argumentos anticomunistas pela ironia. Para eles os anticomunistas não passavam de indivíduos antiquados e portadores de idéias retrógradas.

Mas como o Jornal Folha Catarinense destinava prioritariamente aos operários não poderia deixar de estar sintonizado com suas demandas e com os abusos praticados pelos patrões da região de Blumenau ou mesmo do Estado, uma vez que o jornal pretendia ter abrangência estadual.

A situação dos trabalhadores menores em idade, por exemplo, ocupava um espaço considerável no jornal. Aos trabalhadores era esclarecido, através da legislação, que os patrões desrespeitavam a lei ao pagar metade do salário quando eles cumpriam a mesma carga horária dos adultos. Segundo a legislação o menor-aprendiz precisava ser orientado por mestres e seu horário de trabalho devia ser reduzido em duas horas, sendo que o processo era controlado por um órgão específico do Ministério do Trabalho.

No âmbito das indústrias o jornal publicou matérias bastante ácidas, como esta, “*A Fábrica de Gaitas “Alfredo Hering” S/A Não Anda Direito*”, na matéria era denunciada a prática da empresa em pagar os vencimentos referentes às férias somente quando os trabalhadores retornavam ao trabalho, ou seja, havia um descumprimento da lei que o jornal fazia questão de mostrar indicando os artigos da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) que estavam sendo violados. Este artigo sobre uma das empresas da Família Hering mostrou que o jornal não estava disposto a contemporizar nem mesmo com as maiores e mais respeitadas indústrias da cidade. A partir desta matéria o jornal, através de denúncias feitas pelos operários, publicou na edição posterior outra matéria, intitulada “*Não é só a Fábrica de Gaitas que paga salários irregularmente*”, a matéria revelava que a prática era recorrente também entre as empresas Teka, Cremer e Cristais Hering.

A empresa Cremer S/A ainda foi notícia em outra matéria, “*Cremer S/A faz contratos de trabalho criminosos*”¹¹². No texto é explicado que nesta empresa era estabelecido um “contrato perpétuo de trabalho”, sendo que o trabalhador quisesse rescindir deveria pagar uma

¹¹¹ PEREIRA, Francisco José. O Gangster, também! **O Combate**. Blumenau 21 mai. 1962

¹¹² Cremer S/A faz contratos de trabalho criminosos. **Folha Catarinense**. Florianópolis, 5 a 11 fev. 1964, p. 5

multa equivalente a dez salários mínimos. Na matéria havia um fac-símile de um destes contratos.

Folha Catarinense ainda denunciou as Indústrias Gerais Cássio Medeiros S/A ¹¹³. Na matéria é exposta a situação de uma operária que ao ser demitida no ano de 1963 teve sua rescisão contratual calculada com base no salário vigente em 1952. Na matéria é apresentado um documento comprobatório da situação. Obviamente o redator do jornal não perdeu a oportunidade de criticar Cássio Medeiros: “O sr. Cássio Medeiros é assíduo freqüentador dos microfones de nossas emissoras. Quase semanalmente ‘seu’ Cássio Medeiros fala pelo Rádio, defendendo a ‘democracia’ e a ‘liberdade’”. Cássio Medeiros também escrevia semanalmente ao Jornal Ronda e teve participação importante na Marcha da Família com Deus pela Liberdade como um dos oradores.

Mas o jornal não estava focado apenas nas empresas, em suas páginas também denunciou a prefeitura de Blumenau por não pagar salário família. Também fez denúncias contra o delegado da DOPS, pois este havia “raptado” e espancado operários.

Com o golpe de 1964 o jornal deixou de circular.

¹¹³ Escandalosa indenização. **Folha Catarinense**. Florianópolis, 27 de fev. a mar. 1964, p. 3.



Figura 2. Capa da edição de fevereiro do Jornal Folha Catarinense do PCB catarinense.

Fonte: Folha Catarinense. Coleção de Periódicos. AHJFS.

2.4 O IMAGINÁRIO INCITANDO A AÇÃO: CIVIS E MILITARES NO CONTEXTO GOLPE DE 1964

Segundo Caio Navarro de Toledo o governo de João Goulart “nasceu, conviveu e morreu sob o signo do golpe de Estado”.¹¹⁴ O período que vai de 1961 a 1964 é bastante instável na história política do Brasil, havia um clima de tensão constante, qualquer mudança de posição no tabuleiro político tinha reflexos imprevisíveis. Há quem diga

¹¹⁴ TOLEDO, Caio Navarro de. **O governo Goulart e o golpe de 64**. 15ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 7

que este período marcou o colapso da política populista, por outro lado, alguns retratam este período como um dos mais ricos de nossa breve experiência democrática. Para Toledo, “os ‘tempos de Goulart’ singularizam-se dentro da história política brasileira: neles, a política deixou de ser privilégio do parlamento, do governo e das classes dominantes, para alcançar de forma intensa a fábrica, o campo, o quartel”.¹¹⁵ Para nossa análise ressaltamos a importância da radicalização das esquerdas, mas também a reação das forças conservadoras da sociedade, que se uniram numa “santa aliança” em torno de um golpe que marcaria profundamente a trajetória da sociedade brasileira e dos diversos agentes sociais.

Com a renúncia de Jânio Quadros o sucessor direto era João Goulart, mas havia nos setores conservadores da sociedade e entre os ministros militares uma clara oposição à posse de Jango. O temor ao governo Goulart se devia em grande parte pelo seu passado político, vinculado ao grupo de Vargas. Jango em 1950 foi eleito deputado federal no Rio Grande do Sul pelo PTB, sua atividade política era intensamente voltada ao movimento sindical. Em 1953, o Governo Vargas chamou-o para o Ministério do Trabalho. Como ministro do Trabalho, Goulart foi duramente criticado e acusado de incitar greves e alimentar o ódio entre as classes, de manipular os trabalhadores e de implantar o peronismo no Brasil. Jango para os conservadores, e particularmente a UDN (União Democrática Nacional), era um retrocesso à política populista, a um estado protetor que se sobrepunha a todas as classes.

No entanto, havia muitos setores sociais e políticos que não viam razões para negar o direito à posse de Goulart. Na possibilidade de um golpe de Estado em 1961 os diversos movimentos sociais se organizaram numa greve nacional comandada pela CGG (Central Geral de Greve), futura CGT (Central Geral dos Trabalhadores). Papel importante também foi desempenhado por Brizola e pelos líderes militares gaúchos na chamada campanha da legalidade. A “solução de compromisso” encontrada para sair do impasse foi criar uma emenda à Constituição de 1946 e instituir o parlamentarismo, assim em uma ação evitava-se um golpe militar e uma guerra civil.

João Goulart assumiu assim a presidência da República com poderes limitados. A emenda declarava que o presidente deveria governar com um conselho de ministros. Em seu curto governo três conselhos de ministros se sucederam. Através de Santiago Dantas

¹¹⁵ Idem, p. 67

(Ministro do Exterior), Goulart continuou a chamada política externa independente, neste período foram restabelecidas as relações diplomáticas com a URSS. Também foi importante a decisão diplomática brasileira em abster-se na votação que expulsava Cuba da OEA (Organização dos Estados Americanos) e lhe impunha sanções econômicas.¹¹⁶ As relações com os EUA, propositores da expulsão de Cuba, ainda iriam piorar na medida em que empresas estadunidenses eram estatizadas por governos estaduais, nomeadamente o governo gaúcho de Brizola.

No ano de 1963 o terceiro e último conselho de ministros congregou forças no sentido de solidarizar-se com o governo para por fim do parlamentarismo. Com o amplo apoio de entidades sociais, sindicatos e personalidades públicas – interessadas em candidatar-se – o presidencialismo triunfou em janeiro de 1963, através de um plebiscito. Jango reassumiu os plenos poderes que a Carta de 1946 lhe conferia. Mas ainda persistia o desafio de enfrentar a grave crise econômica, política e social que passava o país. A resposta governamental veio sob a fórmula do Plano Trienal (1963-65). O plano foi elaborado pelo economista Celso Furtado (Planejamento), com o apoio de San Tiago Dantas (Fazenda).

Os grandes problemas, grosso modo, se resumiam em “aceleração da inflação” e “desaceleração do crescimento”. O Plano Trienal pretendia cessar a “drenagem de recursos ao exterior”, renegociar a dívida externa, repensar os subsídios governamentais ao setor exportador e abrir as portas para o capital estrangeiro. Segundo Moniz Bandeira,

Entre 1947 e 1960 entraram (empréstimos e investimentos) US\$ 1.814 milhões e ‘saíram no mesmo período ... US\$ 2.459 milhões sob a forma de remessas de lucros e juros, deixando um saldo negativo da ordem de US\$ 645 milhões’ que, ‘acrescidos de US\$ 1.022 milhões, sob a rubrica Serviços, ou seja, remessas de lucros clandestinas, perfaziam um total de US\$ 1.667 milhões. Em suma, num período de 13 anos, um volume considerável de dólares foi transferido do Brasil

¹¹⁶ FERREIRA, Jorge. O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964. in: _____; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 349.

para os EUA. Rigorosamente, exportávamos muito mais capitais do que recebíamos.¹¹⁷

Com o malogro do Plano Trienal, Goulart evocou novamente as Reformas de Base para a pauta política, embora já fossem prioridades no período dos três conselhos de ministros, no Plano Trienal e um dos principais pilares da campanha do plebiscito. As reformas eram indispensáveis para o desenvolvimento do capitalismo industrial. A Reforma Agrária era urgente para aumentar a produção agrícola que supriria a crescente demanda urbana, mas a maioria das terras estava nas mãos de latifundiários improdutivos.

Neste período se intensificaram os movimentos sociais, à esquerda através de um discurso nacionalista, antiimperialista e antilatifúndio estavam a CGT (Central Geral dos Trabalhadores), a UNE (União Nacional dos Estudantes), FMP (Frente de Mobilização Popular), a FPN (Frente Parlamentar Nacionalista), o movimento dos sargentos, etc. Do outro lado, havia as forças conservadoras do empresariado, dos militares e da Igreja Católica, conjugadas no “Complexo IPES/IBAD” (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais e Instituto Brasileiro de Ação Democrática), nos movimentos femininos e na ADP (Ação Democrática Parlamentar).

As diversas concessões feitas por Jango aos pesedistas levaram-no ao isolamento por parte das esquerdas. A “virada para a esquerda” de Jango só veio no famoso “Comício da Sexta-feira 13”, para José Murilo de Carvalho “o número e o dia da semana eram de mau agouro. A superstição mostraria sua força”.¹¹⁸ Este evento foi um marco no processo político do Brasil. Neste comício Goulart anunciou a promulgação de dois decretos, o primeiro nacionalizava das refinarias particulares de petróleo e o segundo desapropriava as terras com extensão maior de 100 hectares ao lado das rodovias e ferrovias federais. Ora, esta medida foi entendida como arbitrária, uma vez que a constituição de 1946 previa que qualquer desapropriação de terras devia ser feito mediante indenização. Na manifestação esteve presente cerca de 200 mil pessoas. No entanto,

Desde o início de março, setores das classes médias e da burguesia, sob a bandeira do anticomunismo e da defesa da propriedade, da fé

¹¹⁷ Bandeira, Moniz apud TOLEDO, Op. Cit. p. 50.

¹¹⁸ CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo caminho. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p.141.

religiosa e da moral, saíram às ruas em diversas capitais a fim de pedir o impeachment do governo federal. Entre estas manifestações civis, destacou-se a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, realizada em São Paulo, no dia 19 de março, reunindo cerca de 500 mil pessoas. Organizada por movimentos femininos – com a inteira colaboração do governo do estado de São Paulo, de setores da Igreja Católica, da FIESP, da Sociedade Rural Brasileira –, a Marcha foi encerrada com eloqüentes discursos de deputados do PSD e da UDN contra o governo de Goulart.¹¹⁹

Por outro lado, houve episódios envolvendo setores militares que tornaram a crise institucional mais aguda. Em 26 de março os marinheiros e fuzileiros navais se encontraram para comemorar o aniversário da ilegal Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais do Brasil. Outros fuzileiros foram deslocados para prendê-los, mas acabaram solidarizando-se com os colegas de farda, o governo convenceu os rebeldes a se entregarem. O novo ministro da Marinha os anistiou em poucas horas. Para o comando das Forças Armadas tal ato era um desrespeito aos “princípios de hierarquia e disciplina”. No dia 30 de março Jango compareceu a uma comemoração no Automóvel Clube e num discurso dramático denunciou a trama golpista à que estava sendo vítima. O discurso significou seu resignado suicídio político. Assim, o golpe foi antecipado em dois dias, na madrugada de 31 de março o General Mourão Filho, de Minas Gerais, ordenou que suas tropas rumassem ao Rio de Janeiro, com o apoio de governadores de São Paulo e Minas. O II Exército, de São Paulo, hesitou, pois temia o confronto com o I Exército, do Rio de Janeiro, caso este se posicionasse favorável ao governo. Amaury Krueel, General do II Exército, ainda tentou num telefonema convencer Jango a abrir mão das “entidades subversivas” que compunham sua “base política”, Jango recusou e Krueel se vê no “dever de salvar a pátria do comunismo”.

Jango anunciou que sua posição era pacifista e rumou para Brasília, de lá ao Rio Grande do Sul e posteriormente se exilou no Uruguai. No Rio Grande do Sul Brizola ainda teria tentado convencer Jango da necessidade da resistência armada, mas o III Exército não era o mesmo de 1961. A “salvação democrática” do sul, por muitos esperada, não veio. O golpe estava consumado, sem tiros e sem guerra civil,

¹¹⁹ TOLEDO, Op. Cit. p. 99

“apesar do grande barulho feito, via-se agora que o movimento popular era um castelo de cartas”¹²⁰, mas o período a seguir seria conhecido como uma época de “caça as bruxas”. Para o brasileiro Kenneth Serbin “O anticomunismo atingiu o frenesi. [...] O golpe de 31 de março de 1964 inaugurou uma era de violento macarthismo no Brasil e na América Latina. Golpes foram deflagrados em vários lugares, até que toda a região caiu sob um governo militar anticomunista nos anos 70”.¹²¹

Todos estes acontecimentos tiveram um reflexo imediato na imprensa em Blumenau. O discurso de João Goulart no comício do dia 13 de março foi visto como uma afronta ao catolicismo.

Pasmem patrícios, pasmem democratas, e, principalmente, pasmem os católicos do Brasil. Pasmem e façam o seu critério sobre as palavras que o vosso Presidente da república, o Sr. Dr. João Marques Belchior Goulart, proferiu no comício de 13 de março de 1964 na Guanabara em local proibido por lei. Dizia em seu discurso o sr. Presidente aos comuno-socialistas, aos falsos nacionalistas, aos CGT, à UNE e aos pelegos em geral: NEM OS ROSÁRIOS PODEM ser erguidos como armas contra os que reclamam a disseminação de propriedade privada da terra, ainda mantida nas mãos de uns poucos afortunados.

[...]

Como pode um presidente de uma nação católica, blasfemar o sagrado rosário num comício eivado de comunistas, bajulando-os em troca de parcas aclamações hipócritas?....¹²²

Para o redator do Ronda a atitude do presidente era inadmissível, era a profanação de um símbolo secular, era um insulto à população católica que o elegera. Segundo esta interpretação o presidente estava se mostrando hostil ao cristianismo e ao rosário, símbolo católico.

Jacques Le Goff nos ensina que “só se pode falar de simbólico quando o objeto considerado é remetido para um sistema de valores

¹²⁰ CRAVALHO, Op. Cit. p. 144.

¹²¹ SERBIN, Kenneth P. **Diálogos na sombra**: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 88.

¹²² QUO VADIS, João Marques Belchior Goulart. **Ronda Barriga-Verde**. Blumenau, 23 mar. 1964, suplemento condensado.

subjacente – histórico ou ideal”.¹²³ Neste sentido, ao se insurgir contra este símbolo do catolicismo e proferir tal discurso Jango estava contrariando os valores católicos, pois, conforme Bronislaw Baczko “a função do símbolo não é apenas instituir uma classificação, mas também introduzir valores, modelando os comportamentos individuais e coletivos e indicando as possibilidades de êxito dos seus empreendimentos”.¹²⁴ No comício Goulart havia mencionado a questão dos rosários, pois nos dias anteriores entidades católicas femininas haviam impedido, de rosários e terços nas mãos, o deputado Leonel Brizola discursar sobre as Reformas de Base.

Logo depois do golpe civil-militar o Jornal Ronda voltou com uma matéria complementar à acima citada, o título bastante sugestivo, “*O Brasil Demonstrou: O Rosário Venceu Forças do Mal!*”, já estava carregado do clima de vitória da “revolução” sobre o comunismo.

Havíamos no artigo em referência usado o seguinte final:

“O futuro mostrará, QUEM é mais forte: ou o sr. João Goulart ou ROSÁRIO DA SANTA IGREJA”. [...]

Mais rápido do que pensávamos, mais rápido que o Brasil pensava, e mais rápido do que os católicos brasileiros pensavam, VENCEU O ROSÁRIO. Venceu ele por intermédio de líderes civis e líderes militares unidos aos cidadãos militares democráticos

Não consegui o chefe de um PTB deturpado, o Sr. Jango, mesmo auxiliado pelos comunistas dentro de seu partido, pelo C.G.T., pelo P.U.A. [Pacto de Unidade e Ação] e outros órgãos espúria, pintar a nossa bandeira de vermelho. Permanecemos com o nosso verde-amarelo democrático, sendo que ao sr. João Goulart desejamos boas aventuras em Cuba, Rússia e China.¹²⁵

A vitória da “revolução” conforme o jornal havia evitado a profanação pelos comunistas de outro símbolo, a bandeira nacional,

¹²³ LE GOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Estampa, 1994, p. 12

¹²⁴ BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. **Enciclopédia Einaudi**. Portugal: Imprensa Nacional; Casa da Moeda. 1985, p. 311.

¹²⁵ O Brasil demonstrou: O Rosário venceu as Forças do Mal! **Ronda Barriga-Verde**. Blumenau 09 abr. 1964, p. 2

símbolo pátrio por excelência. Neste período havia a crença de que havia uma aliança maquiavélica entre o PTB e o PCB para a “comunização” do Brasil, como podemos observar na imagem a seguir.



Figura 3. Representações do imaginário anticomunista.

Fonte. Ronda Barriga-Verde. Blumenau 21 abr. 1964, p. 4. Coleção de Periódicos. AHJFS.

Na legenda o autor mostra que os comunistas e petebistas não conseguiram dominar o Brasil para os intentos russos. A imagem é bastante reveladora, o comunismo é representado através de um urso, a associação do urso não é casual, pois o urso é um animal que geograficamente habita as regiões polares, mas para que não se tenha dúvida da origem põe em destaque a palavra “Rússia”. O urso é portentoso, seu corpo é imponente e desproporcional, na imagem suas sombras já começavam a cobrir o território brasileiro. Sua mão escondida nas costas denota mistério e apreensão, estaria a segurar algo para imolar sua vítima? De sua boca respinga saliva, sinal de que está faminto. Seus olhos também revelam a avidez pela presa, pois estão arregalados. Para contrastar à imagem do urso negro, como que vindo das trevas, há um cordeirinho alvo como a neve, pequeno e trêmulo, pois amedrontado, para ele não haveria saída, afinal esta preso. O

cordeiro ainda traz consigo um significado bíblico. Na tradição judaica o cordeiro era o animal oferecido em sacrifício para a remissão de uma culpa, para a redenção de uma mácula, assim no Novo Testamento Jesus Cristo é simbolizado como um cordeiro que silenciosamente foi levado ao martírio. Esta interpretação ganha mais força se levarmos em conta o contexto do golpe militar. Segundo Alceu Kaspary, os acontecimentos daqueles dias, entre os meses de março e abril – coincidentemente na semana santa –, foram interpretados pela Igreja como a morte e a ressurreição do Brasil, à exemplo do que havia acontecido com Cristo.

No dia 31 de março, as tropas do General Olímpio Mourão Filho, partiam da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, para, segundo a Igreja, acabar com o tormento da “crucificação” e “morte” do Brasil. O Brasil, dentro da metáfora da ressurreição, ressurgiria dois dias após a Páscoa. Assim, retomando as palavras de Dom Joaquim, a ressurreição de Cristo e do Brasil, por pouco não coincidiu. Finalmente, os militares entravam em ação para executarem o plano estratégico arquitetado pelos setores dominantes e a Igreja.¹²⁶

O que para muitos constituiu uma ressurreição para outros significou a morte, a morte das utopias de uma sociedade mais justa e igualitária. Para a esquerda, a chamada revolução de 1964 foi um duro golpe na incipiente democracia inaugurada com a Carta de 1946. O Brasil estava à mercê novamente de um governo autoritário e intolerante.

Em Blumenau, logo no dia seguinte ao golpe, foram presos os comunistas e todos os indivíduos que lutavam por mudanças profundas na estrutura social. Nesta época todos os que reivindicavam uma solução para as desigualdades sociais eram rotulados de comunistas, “filo-comunistas” ou “cripto-comunistas”. Vejamos como estas prisões políticas repercutiram nas páginas do jornal Ronda, o periódico anunciou as prisões como uma “Vigorosa Operação Limpeza” empreendida pelas autoridades de Blumenau, ou seja, aquilo que o jornal entendia que a sociedade estava purificada de sua escória.¹²⁷

¹²⁶ KASPARY, Alceu. **O discurso católico em Santa Catarina no período de 1960/1964 e sua relação com a legitimação do golpe de Estado**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002, p. 141

¹²⁷ Vigorosa Operação Limpeza empreendem as autoridades de Blumenau. **Ronda Barriga-Verde**. Blumenau 09 abr. 1964, pp. 3, 4.

A idéia da purificação da sociedade se assenta sobre aquilo que Alcir Lenharo chamou de “metáfora do corpo”. Segundo Lenharo a metáfora do corpo representa a essência do Estado totalitário, a nação vista como um corpo deveria preservar sua integridade das ameaças de infiltrações de elementos exógenos a ela. Assim, as perseguições e encarceramentos não poderiam ser vistas como atitudes de intolerância política, mas como medidas saneadoras, de descontaminação e preservação do corpo da Nação. A partir desta visão, “a eliminação do inimigo funciona como termômetro da preservação da integridade social, ao mesmo tempo em que assegura a imagem de uma nova sociedade sã, porque produtiva, depurada dos parasitas”.¹²⁸

Conforme o jornal Ronda, em Blumenau foi criada a “Liga da Defesa Democrática”, que era composta por autoridades da cidade com o objetivo de prender os comunistas. Sigamos a descrição:

Foi inequívoca a participação das forças vivas da democracia nos acontecimentos desenrolados no país, e cujos reflexos se fizeram sentir, de modo expressivo, nesta cidade. Blumenau, pela sua população, em esmagadora maioria, apoiou a Liberdade e a Ordem. Líderes expressivos das classes democráticas já haviam tomado, de há muito, posição de expectativa e de ação, no caso de um choque que se presumia, e acertadamente, viesse a suceder. Somos agradecidos ao sr. Érico Müller, a quem criticamos como homem público, mas que é inegavelmente um idealista de altos predicados de honradez, e que tem excelentes serviços prestados ao povo. Ao Revmo. Frei Efrem, um sacerdote de combate e ação, que teve papel destacado na organização de grupos de choque, prontos a intervir no primeiro instante em que a luta descesse as ruas. O dr. Werner é outra figura de proa, também líder de considerável facção democrática, e que pessoalmente tomou parte na captura de comunistas. O dr. Hécio Reis Fausto, que formou a Liga de Defesa Democrática e que vinha orientando a população, adotando atitude de ação frente ao avanço vermelho. Muitos e muitos outros, também, mereceriam, citação,

¹²⁸ LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas: Papyrus, 1986, p. 147

não fosse a grande lista e nosso espaço pequeno.¹²⁹

É importante notar o lugar social destes sujeitos envolvidos neste fato histórico. Érico Muller era o presidente do diretório regional (ou estadual) do PRP e havia sido candidato pelo mesmo partido ao governo municipal; Frei Efreim era o diretor do periódico católico *Luzeiro Mariano* e diretor da Congregação Mariana; Alfred Wolfgang Werner era industrial e vereador pela UDN; e Hércio Reis Fausto foi um dos oradores na Marcha da Família com Deus pela Liberdade.

A formação desta força civil se fez necessário, pois grande parte do contingente militar do 23º RI (Regimento de Infantaria) havia se deslocado para outras regiões “subversivas” do Estado. Um dos contingentes militares foi deslocado até Itajaí, pois, segundo informações, na cidade havia um forte movimento sindical dos operários estivadores. Já em Criciúma o movimento era expressivo, a ponto de oferecer resistência e ter inclusive ocupado uma rádio na cidade. Há que se ressaltar aqui o papel destacado que o 23º RI teve na consolidação do golpe no Estado de Santa Catarina. Por esses motivos os soldados foram recebidos como heróis quando retornaram a cidade.

Segundo Horácio dos Santos Rebelo, na época capitão e responsável pelo setor de informações do 23º RI,

aqui em Blumenau foi o seguinte. Como nós não estávamos aqui, o delegado de polícia e mais algumas pessoas que tinham influência, desejavam que o pessoal subversivo fosse preso, eles próprios prenderam. Eles prenderam cerca de 100 pessoas aqui em Blumenau. Prenderam na prisão da delegacia de polícia, naquela época não tinha esse presídio, e prenderam na prisão do exército, do 23º RI. Quando nós voltamos encontramos toda essa gente presa, o que fazer? Aí o comandante abriu um inquérito e me nomeou para fazer esse inquérito. Muito bem, eu nomeei um sargento para ser o escrivão. Comecei a escutar, a ouvir esses presos, foi minha primeira providência. E dos 100 presos eu mantive 9 presos, os outros todos eu ouvia e mandava embora, porque as ligações eram mais políticas,

¹²⁹ Vigorosa Operação Limpeza empreendem as autoridades de Blumenau. **Ronda Barriga-Verde**. Blumenau 09 abr. 1964, pp. 3, 4.

não eram ligações estreitas com a proliferação da doutrina comunista. Aí esses nove que ficaram foram transferidos para Florianópolis, eles ficaram presos lá na polícia militar em Florianópolis.¹³⁰

Ao retornarem à caserna as tropas do 23º RI tiveram uma recepção calorosa e festiva. Desde o limite do município os “valorosos soldados foram cobertos de flores e serpentinas, num espetáculo jamais presenciado em nossa cidade e, que por certo irá ficar gravado indelevelmente na memória de todos”.¹³¹



Figura 4. Militares na rua XV de novembro.

Sob confetes e serpentinas os militares desfilaram em seu regresso à cidade de Blumenau.

Fonte: Acervo Iconográfico. AHJFS

¹³⁰ REBELO, Horácio dos Santos. Depoimento concedido ao autor. Blumenau, 4 de março de 2010. (grifo nosso)

¹³¹ Espetáculo de civismo representou a recepção do povo de Blumenau as tropas do 23º RI. **A Tribuna**, ano VI, nº 281. Blumenau, 13 de abril de 1964, p. 1

A chegada dos militares foi uma ocasião propícia para as mais diversas manifestações de agradecimento. Sucederam-se discursando o prefeito udenista Hercílio Deeke que falou em nome do executivo local, posteriormente Dr. Wilson Gomes Santiago pronunciou-se em nome do legislativo municipal, Dr. Aristeu Rui de Gouveia Schiefer, também saudou as tropas e seu comandante em nome do poder judiciário. Por fim falou o coronel Newton Machado Vieira, agradeceu as manifestações das autoridades e munícipes ao trabalho do seu regimento. A ocasião foi um momento de produzir discursivamente a legitimidade da ação militar.

O jornal *Mensageiro Artex*, também noticiou aos operários da fábrica a volta ao quartel dos “briosos soldados da ‘Sentinela do Vale’”.¹³² Segundo o jornal, após oito dias de ausência, por ordem do Comando da Revolução, voltavam ao seu reduto no bairro Garcia depois de oferecer as próprias vidas em nome da democracia. Essa era principal razão da sociedade local tributar homenagens aos bravos soldados. Na ocasião, “graciosas senhoritas ofertaram a cada soldado uma flor - símbolo de carinho, amizade e gratidão - que desde então e até o final do desfile, ficou enfeitando seu fuzil, que ainda há bem pouco estivera prestes a semear morte e destruição”.

¹³² Os briosos soldados da “Sentinela do Vale” voltam a seu quartel. *Mensageiro Artex*, ano I, nº 4. Blumenau, abril de 1964. p 3



Figura 5. Autoridades civis e militares na rua XV de novembro.

Da esquerda para a direita: Dr. Wilson Gomes Santiago, presidente do legislativo municipal, coronel Newton Machado Vieira ainda com flores na lapela, o prefeito Hercílio Deeke e Dr. Aristeu Rui de Gouveia Schiefler, representante do poder judiciário. As bandeiras, a música no ar, as flores pelo chão da rua XV de novembro materializaram as teatralizações da política, o poder em cena.

Fonte: Acervo Iconográfico. AHJFS

O jornal *A Nação* noticiou que a chegada dos militares a Blumenau foi recepcionada por uma enorme multidão “presa dá mais viva a emoção, do mais intenso ardor cívico”. Afinal, Blumenau como uma “cidade pacífica e laboriosa, amante da ordem e fiel ao regime não poderia deixar de render à sua homenagem”.¹³³

Em Blumenau a situação foi controlada sem maiores problemas, pois desde 1960 havia um agente da DOPS de Porto Alegre-RS (Delegacia de Ordem Política e Social) infiltrado na célula comunista. O químico Horst Krischnegg, conhecido como agente R-11, enviava relatórios detalhados das atividades dos comunistas em Blumenau para o

¹³³ Povo de Blumenau vibrou com o regresso do 23º R.I. ao seu quartel. *A Nação*. Ano XX, Nº 536. Blumenau, 10 de abril de 1964, p. 1. O jornal “A Nação”, foi fundado em 1943 Honorato Tomelím. Surgiu com 6 páginas e publicação três vezes na semana. Todavia passou a ter variados formatos e números de páginas ao longo de sua existência. A partir de 1944 o jornal passa a integrar a rede dos Diários Associados de Assis Chateaubriand. Alfredo Campos, prefeito municipal da época, é investido da função de diretor-presidente da empresa “A Nação”, continuando Tomelím como diretor-gerente. O jornal teve vida longa, sendo que, por sua direção passaram muitos jornalistas. Na década de 1960 a direção estava a cargo de Maurício Xavier e Raul Fagundes e conservava o subtítulo “o mensageiro das selvas”, mantendo a tradição local do jornal “Der Urwaldsbote”, o qual substituiu.

DOPS de Porto Alegre-RS. Francisco lembra vagamente do agente do DOPS:

Apesar de todos os cuidados, houve um caso de infiltração de um espião, esse era um cara que era da policia, lá em Blumenau ele era químico e trabalhava numa empresa de produção de tinta, se aproximou e também não havia muito exagero, o cuidado não era muito rigoroso nessa época, havia emitido a famosa carteirinha do Prestes, o partido estava na semilegalidade. [...] E aí, não lembro o nome desse rapaz, ele apareceu nos jornais, então ele se portava normalmente, a policia também era competente. [...] Então esse cara ficou lá, passando informação, mas informação... Depois é claro disseram que nós tínhamos armas.¹³⁴

A partir das informações deste agente os principais líderes do Partido Comunista em Blumenau foram presos. “O dr. Herbert Georg foi preso na Rua XV, não tendo oposto resistência. O dr. Francisco Pereira foi preso. Também não opôs resistência. O líder vermelho Hilton Zimmermann foi preso depois de escapar ao dr. Bernardo Werner”.¹³⁵ Todos os comunistas acima citados foram enquadrados “na alínea II do artigo 2º” da Lei de Segurança Nacional que condenava quem “tentar mudar a ordem política estabelecida na Constituição, mediante ajuda ou subsidio de Estado estrangeiro ou de caráter internacional. Pena: 15 a 30 anos aos cabeças. 10 a 20 aos demais agentes”.¹³⁶

A infiltração do agente disfarçado da DOPS na célula comunista fez ressurgir um antigo mito político, o mito da conspiração. Segundo Rauol Girardet são os momentos de crise política que mais produzem mitos, este autor constatou que a França dos dois últimos séculos viveu sob a constante apreensão de uma suposta conspiração judaica, jesuítica e da maçonaria. No nosso caso, trata-se da conspiração comunista que alimentou o imaginário político em Blumenau neste período de crise.

O tema da conspiração maléfica sempre se encontrará colocado em referência a uma certa

¹³⁴ PEREIRA, Francisco José. Depoimento concedido ao autor. Florianópolis, 08 de maio, 2005.

¹³⁵ Vigorosa Operação Limpeza empreendem as autoridades de Blumenau. **Ronda Barriga-Verde**. Blumenau 09 abr. 1964, pp. 3, 4. Bernardo Werner era um industrial, dono da empresa Eletro-Aço Altona.

¹³⁶ Os 8 indiciados no IPM estão enquadrados na Lei de Segurança Nacional. **Ronda Barriga-Verde**. Blumenau 19 jun. 1964, p. 2

simbologia da mácula: o homem do complô desabrocha na fetidez obscura; confundido com animais imundos, rasteja e se insinua; viscoso ou tentacular, espalha o veneno e a infecção... [...] Homens da sombra, os homens do Complô escapam por definição às regras mais elementares da normalidade social.¹³⁷

Eram justamente estas representações que por muito tempo haviam povoado o imaginário anticomunista em Blumenau. Assim se acreditava que estes homens, com características de animais (polvo, abutre), eram capazes de atos de violência e brutalidade sem medida, pois assim rezava seu apetite revolucionário. De homens desta estirpe só se poderia esperar o terror, à semelhança do terror jacobino, bolchevique ou cubano. O extrato do jornal a seguir ilustra melhor os desdobramentos do mito da conspiração.

Não podemos apurar em toda a extensão, as notícias correntes de que o sr. Prefeito municipal seria executado, junto com outras altas personalidades da vida pública e social desta cidade. Vários industriais, comerciantes, profissionais liberais, políticos seriam sumariamente passados pelas armas, após julgamento pelo “Tribunal Revolucionário”. [...] A progressão das diligências veio deixar muita gente estupefata, entre estes, nós, que não tínhamos, forçoso é confessá-lo, conhecimento do avanço comunista nesta cidade. Pensávamos que apenas se agisse no plano ideológico, mas nunca que brasileiros estivessem com armas e doutrina exótica, dispostos a assassinar irmãos, covardemente, como os fatos estão a demonstrar!
138

No entanto, as autoridades de Blumenau interferiram a tempo neste suposto “processo revolucionário” em curso na cidade e “restauraram a democracia”, os conspiradores que supostamente implantariam o terror foram imobilizados e presos, através destas prisões estavam “desbaratadas as forças que se antepunham aos ideais

¹³⁷ GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987, pp. 17.

¹³⁸ Vigorosa Operação Limpeza empreendem as autoridades de Blumenau. **Ronda Barriga-Verde**. Blumenau 09 abr. 1964, pp. 3, 4.

mais puros de progresso e liberdade, na tentativa de destruir as tradições mais caras da família brasileira”.¹³⁹

Neste contexto é bastante elucidativo o discurso do prefeito udenista de Blumenau Hercílio Deeke, publicado no jornal “A Nação”.

Aos blumenauenses:

Superada a crise político-militar, na qual durante alguns dias vivemos a angústia que atingiu todos os lares brasileiros, pelo afastamento do perigo que ameaçava a Nação Brasileira de ser arremessada num dos mais desordenados caos de conseqüências imprevisíveis. Mais uma vez demonstraram os blumenauenses de modo inequívoco o seu alto espírito patriótico, conservando a tradição democrática e cristã que sempre destacou nossa gente, mantendo-se em estrita ordem e calma, seguindo o seu ritmo de trabalho, sem, no entanto, alhear-se aos interesses da pátria. [...] Congratulo-me com os altos dirigentes dos poderes constituídos e com as gloriosas Forças Armadas da Nação que, compreendendo a gravidade da situação, agiram de modo rápido e eficaz e, tendo em ruína os altos desígnios da Nação, superaram a crise e o clima de desconfiança reinante, reintegrando o país no regime da verdadeira democracia [...]. Concito os operários a não se deixarem enredar por falsas doutrinas e seus falsos doutrinadores, pois sua pregação é estranha à formação democrática, moral e cristã [...] O regime democrático é que tem feito a grandeza do Brasil. Este é o sentido do movimento político-militar. O repúdio pelas doutrinas falsas, aponta o nosso sentimento democrático, que maus brasileiros quiseram impor ao Brasil, resultou demonstrado por meio do movimento político-militar que veio salvar o País do comunismo.¹⁴⁰

Hercílio Deeke neste texto reproduz o sentimento de angústia das classes conservadoras, exalta a tradição “democrática e cristã” do blumenauense, bem como sua “propensão” ao trabalho e seu “espírito

¹³⁹ Idem.

¹⁴⁰ Mensagem do prefeito Hercílio Deeke. *A Nação*. Blumenau 04 abr. 1964.

patriótico”. Para o prefeito era o regime democrático que havia feito a grandeza da nação, democracia incipiente, diga-se de passagem. Em seu discurso maniqueísta, o udenista Hercílio Deeke salientava que o importante era que os “maus brasileiros” estavam detidos e o Brasil estava purificado da mácula vermelha. Percebemos no discurso a habilidade política de Hercílio Deeke ao mobilizar o imaginário, criando representações do caos e da necessidade da ordem como corolário da unidade. Neste ponto, concordamos com Maffesoli quando afirma que existe “uma força, em muitos aspectos imaterial, direi *imaginal*, que funda o político, serve-lhe de garantia e de legitimação ao longo das histórias humanas”. Da mesma forma, esse político é permeado por paixões, pois a paixão “está na origem de toda vida política”. O discurso político mostra toda sua força quando é capaz de apaixonar, seduzir, “pode-se dizer que a paixão comum é como um lençol freático que sustenta toda a vida em sociedade e permite-lhe ser o que é. Os políticos mais atentos são os que, conscientemente ou de maneira instintiva, souberam tirar proveito dessa situação. Desse ponto de vista, a *gestão das paixões* é certamente a arte suprema de toda a boa política”.¹⁴¹

O empresário Cássio Medeiros também se manifestou sobre a atuação dos militares na “salvação da democracia”. Para ele,

O povo já vai se tranquilizando, respira-se agora um certo ar de liberdade. Os sorrisos despontam, fáceis, nas fisionomias as mais fechadas. Como por uma sessão mágica, os horizontes desnuviaram-se. Um tornado democrático varreu os cúmulus-nimbus que toldavam os céus brasileiros. As tropas voltaram, festejadas, para as suas casernas. O Palácio da Alvorada tem um novo, austero e digno ocupante. Aqueles que incitavam as massas, que alardeavam coragem de não retroceder, que propunham aos sargentos e praças a rebelião contra os seus comandantes, que favoreciam e até aconselhavam a indisciplina, fugiram, como se tivessem em seu encaço uma legião de diabos vermelhos.¹⁴²

¹⁴¹ MAFFESOLI; Michel. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo. Porto alegre: Sulina, 1997. p. 30, 34

¹⁴² J JUSTUS (Cássio Medeiros). ...Um ar de liberdade. **Ronda Barriga-Verde**. Blumenau 21 abr. 1964, p. 6

As “nuvens negras do comunismo” haviam sido varridas dos céus brasileiros por um “tornado democrático” e com elas também partiram os “diabos vermelhos”. Os dirigentes da em Empresa Artex, através do *Mensagem Artex*, também louvaram a atitude dos militares em salvar o país do comunismo.

Nos históricos acontecimentos que empolgaram a Nação, redundando no fulminante e magnífico triunfo da democracia sobre os aventureiros marxistas, um aspecto impõe-se destacar pois dele dependeu todo o êxito da causa da Pátria.

[...] Essa lealdade da classe militar ao povo, socorrido no momento preciso; essa fidelidade à sua posição de guarda avançado das instituições tradicionais, preservadas integralmente; essa compreensão, em suma, do seu dever para com a Pátria, salva do comunismo desumano e ateu, - o Brasil, agradecido e ufano, recolhe para o registro indelével nos mais belos fastos da sua história.

[...] Orgulhamo-nos assim dos nossos homens fardados, que nunca estiveram tão perto de nós, os civis, como agora, confundindo-se exército e povo na mesma alegria diante da radiosa realidade representada pelo aniquilamento do inimigo número um do Brasil - o comunismo.

Eis porque as tropas, de volta aos seus quartéis, foram acolhidos com festas e flores pelas multidões jubilosas e tais manifestações tanto mais de justificavam por terem os soldados livrado a Pátria estremecida sem nenhum derramamento de sangue irmão, em lição magnífica para outras gentes menos pacíficas, cuja reação armada contra os seus governos costuma fazer-se a ferro e fogo e com o sacrifício de preciosas vidas.¹⁴³

Na mesma edição a direção da empresa agradece os funcionários pela conduta ordeira diante dos momentos da crise institucional que passou o país.

A direção da Artex S/A vem, com a maior satisfação, afirmar o seu reconhecimento a todos os seus servidores, pela maneira correta, ordeira e

¹⁴³ Honra e Glória do Brasil. *Mensagem Artex*, ano I, nº 4. Blumenau, abril de 1964, p. 1

de colaboração em que se conduziram durante os acontecimentos da última semana. Está o Brasil sendo reconduzido aos verdadeiros caminhos da sua tradição democrática e cristã, graças à iniciativa das nossas gloriosas Forças Armadas e com a colaboração de todos os brasileiros bem intencionados. Neste momento, reafirma a direção desta Fábrica a sua sempre demonstrada convicção de que o entendimento franco e leal entre empregados e empregadores, dentro dos verdadeiros princípios das liberdades democráticas e cristãs, da livre iniciativa e da justiça social, levará a nossa Pátria a um destino feliz, de prosperidade e de paz.¹⁴⁴

Passados os momentos de crise era a hora de comemorar ou empreender ações no sentido de legitimar a ação militar. Uma dessas ações foi a chamada “churrascada da vitória da democracia”, que se realizou nas dependências do tradicional Grêmio Esportivo Olímpico. O jornal “A Tribuna” anunciou que a homenagem aos militares encontrou a receptividade de aproximadamente 1.300 talheres pessoas. Dentre os ilustres convidados estavam o General Dario Coelho, comandante da 5ª Região Militar e o governador do Estado, Celso Ramos.¹⁴⁵

Outra iniciativa que mobilizou a população blumenauense logo nos dias posteriores ao golpe foi a “Campanha Ouro de Blumenau para o Brasil”. A campanha do “Ouro para o bem do Brasil” havia sido lançada em São Paulo pelos “Diários Associados”, naquele Estado, só nas primeiras duas semanas conseguiu arrecadar 400 quilos de ouro e meio bilhão de cruzeiros. Em Blumenau, o jornal “A Tribuna” assim convocou a população:

Consumado o golpe certo contra os inimigos da Pátria, contra aqueles que tudo fizeram para nos encaminhar ao nefasto regime comunista, surge agora a grande cruzada que redenção da nação brasileira. Nessa grande cruzada que empolga todos os brasileiros, a preocupação tem sido a recuperação financeira do País. São Paulo deu o grito de alerta, conclamando a ação de todos os

¹⁴⁴ A “Artex” e os recentes acontecimentos político-militares. **Mensageiro Artex**, ano I, nº 4. Blumenau, abril de 1964, p. 1

¹⁴⁵ Êxito absoluto alcançou a churrascada da vitória. **A Tribuna**. Ano VI, Nº 286. Blumenau, 18 de maio de 1964, p. 1

patriotas. E Santa Catarina, através de Blumenau, deu de imediato à sua adesão a iniciativa dos paulistas. De imediato também as diversas classes da nossa comunidade, uniram-se e foi lançada a campanha "OURO DE BLUMENAU PARA O BEM DO BRASIL". [...]Quando redigíamos essa nota mais que 18 milhões de cruzeiros já haviam sido arrecadados e aproximadamente 3 quilos de ouro. Não há dúvida de que a campanha obterá inteiro êxito, demonstrando de que Blumenau mais uma vez está de pé pelo Brasil.¹⁴⁶

Se a imprensa, os setores conservadores da igreja, os militares e as elites comemoraram o êxito da vitória sobre o comunismo, por outro lado, as prisões dos comunistas alteraram profundamente as trajetórias de suas vidas. Francisco Pereira foi conduzido alguns dias depois do golpe à Florianópolis, onde permaneceu até setembro daquele ano foi, quando foi conduzido juntamente com os outros presos para Curitiba. Em Curitiba, com ajuda do partido, fugiu juntamente com Herbert Georg, e logo se dirigiram ao Rio de Janeiro. Posteriormente, Francisco exilou-se na Embaixada da Bolívia, depois seguiu para o Chile onde viveu por cerca de quatro anos, tendo representado o PCB junto ao Partido Comunista Chileno. Fez pós-graduação em Ciência Política, na Bélgica, e logo após foi convidado para trabalhar em projeto da FAO/ONU, primeiro na República Dominicana, depois em Honduras, Equador, México e depois na África, como diretor do Programa Mundial de Alimentos (PMA). Com a Anistia de 1979 voltou ao Brasil, em 1980, totalizando quinze anos de exílio.

Herbert Georg depois de haver pedido asilo na Embaixada da Bolívia, juntamente com Francisco Pereira, seguiu para Montevidéu no Uruguai, onde se encontrou com a esposa Gertrudes Georg. Do Uruguai o casal rumou para a Alemanha. No ano de 1969 Georg faleceu acometido de doença cardíaca.

Os outros comunistas permaneceram presos na Prisão Provisória do AHU em Curitiba até abril de 1965, quando conseguiram um habeas-corpus junto ao Superior Tribunal Militar. Segundo Alfredo Gonçalves a partir da libertação o grupo se dispersou, juntamente com Manuel de Souza e Edelui Farias ele retornou a Blumenau. Dos outros integrantes, Erwin Loeschner foi para a Alemanha, Afonso Schirmer foi para São

¹⁴⁶ Ouro de Blumenau para o Brasil. Sucesso absoluto da campanha. **A tribuna**. Ano VI, Nº 287. Blumenau, 25 de maio de 1964.

Paulo. Manoel de Souza que trabalhava na Empresa Força e Luz voltou a Blumenau e foi reintegrado, pois possuía estabilidade. Alfredo Gonçalves foi demitido por justa causa, no dia 8 de abril de 1964.

Gonçalves conta que foi uma dificuldade enorme para conseguir trabalho, pois ninguém estava disposto a empregá-lo. Com esposa e três filhos, a solução foi tentar a vida em Curitiba, “porque aqui a perseguição era muito grande”. Em Curitiba, Gonçalves conseguiu emprego e esqueceu que o processo ainda estava tramitando na justiça militar, numa manhã ao pegar o Diário do Paraná teve uma surpresa nada agradável: “o meu nome e os dos outros todos na primeira página, tinha sido julgado no quartel-general, do lado onde eu trabalhava, só que eu não sabia”. Gonçalves foi condenado a oito anos de reclusão, Pereira e Georg a dez, mas estavam asilados, o Manuel de Souza já havia morrido, o Edelui Farias também, Afonso Schirmer não foi localizado, o mesmo ocorreu com Hilton Zimmermann, Erwin Loeschinger tinha ido embora para a Alemanha.

Em Curitiba, Alfredo Gonçalves procurou seu patrão e expôs a situação, afirmando que era o seu nome que estava no jornal. Gonçalves assinala que seu patrão lhe perguntou o que iria fazer e Gonçalves respondeu: “Agora, o que eu vou fazer não sei, eu sei o que eu não vou fazer. [...] Eu não vou fugir, eu não sou de fugir e não vou fugir. [...] Vou fazer o que? Esculhambar tudo de novo tudo a vida?”.

Os tempos eram difíceis, o partido havia se desestruturado, a repressão do governo Médici prendia, torturava, assassinava e desaparecia com os presos políticos. Gonçalves viu-se diante de um dilema, fugir ou não? A família, os filhos falaram mais alto: “refleti que eu não tinha esse tem direito, tirar eles da escola, [...] eles deviam sofrer muito, eu sempre tive muito amor aos meus filhos e pensei sempre neles e depois em mim”. Então Gonçalves decidiu se entregar, mesmo sabendo dos riscos que corria. Pegou suas roupas e ao se apresentar disse: “pesa contra minha pessoa uma sentença de oito anos de reclusão, sentença que eu considero injusta, porque eu não devo isso aí, mas como acredito que ainda resta um resquício de justiça nas pessoas que tomaram conta deste país, estou me apresentando para rever, se eu dever me prove que eu devo, eu quero pagar, fiquei oito meses, ganhei de 8 a 0 no Superior Tribunal Militar e aí pronto, fui trabalhar”.¹⁴⁷

¹⁴⁷ GONÇALVES, Alfredo. Depoimento concedido ao autor. Blumenau, 13 de agosto de 2008.

3 A IMPRENSA CATÓLICA E O IMAGINÁRIO ANTICOMUNISTA

Neste capítulo vamos abordar brevemente o tema do combate ao comunismo por parte da Igreja Católica e aprofundar a discussão sobre o anticomunismo a partir do periódico confessional *Luzeiro Mariano*. A nossa pretensão neste estudo não é realizar uma abordagem institucional do catolicismo, mas tão somente empreender uma análise da imprensa católica tal como ela se manifestou e se posicionou através do combate ao comunismo.

Ao realizar este percurso não podemos ignorar que em certa medida estamos fazendo história da igreja, ainda que não adotando um viés institucional.¹ Seguindo as orientações de Augustin Wernet, encaramos a história da igreja ou do discurso religioso através de seu conteúdo histórico e não teológico, fenomênico e não providencial. Para Wernet “toda religião é uma expressão sócio-cultural de fé” por mais que intrinsecamente fundamente o sentido existencial último, ela não pode ser desvinculada dos aspectos ideológicos, econômicos e políticos que a envolve, pois “nesse envolvimento a religião possui sempre um peso social que transcende a dimensão puramente religiosa”.²

Peter Berger nos ensina que “o homem precisa *fazer* um mundo para si. [...]. Esse mundo, naturalmente, é a cultura”, e sendo a sociedade uma construção cultural a “religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento”.³ Nesta perspectiva encaramos a religião em sua dimensão essencialmente social, como um empreendimento construído

¹ A historiografia sobre a Igreja Católica é extensa, para pensarmos a relação entre igreja e sociedade, política e imaginário, catolicismo e comunismo no Brasil do século XX, destacamos as seguintes obras: BRUNEAU, Thomas. **Catolicismo brasileiro em época de transição**. Petrópolis: Vozes, 1979; SERBIN, Kenneth P. **Diálogos na sombra**. Bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1989; LUSTOSA, Oscar F. **A Igreja Católica no Brasil República**. São Paulo: Paulinas, 1991; RICHARD, Pablo. **Morte das cristandades e nascimento da Igreja**. Análise histórica e interpretação teológica da Igreja na América Latina. São Paulo: Paulinas, 1982; PIERUCCI, Antônio Flávio de; SOUZA, Beatriz M. de; CAMARGO, Cândido P. de. Igreja Católica: 1945-1970. In FAUSTO, Boris (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo: Difel, 1986, vol. 11; BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização. In FAUSTO, Boris. **História Geral da Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, Tomo 3, vol. 4; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**. O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2002; RODEGHERO, Carla S. **O diabo é vermelho**: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964). 2ª ed. Passo Fundo: EDIUPF, 2003.

² WERNET, Augustin. . **A Igreja Paulista no século XIX**. São Paulo: Ática, 1987, p. 4

³ BERGER, Peter. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2004, p. 18, 15

pelos seres humanos, e não no seu sentido ontológico último. Sob este ponto de vista é possível perceber os laços entre igreja e sociedade e como nos diversos períodos históricos a igreja construiu sua própria identidade.

Os laços entre Igreja e sociedade nos diversos períodos históricos mostram que a religião cumpre importantes funções sociais. Pierre Bourdieu aponta que a estabilidade social e a legitimação das estruturas sociais encontram-se diretamente vinculados a um sistema simbólico aceito e partilhado pela comunidade de indivíduos. Assim, a religião produz uma consagração da ordem social, “por estar investida de uma função de manutenção da ordem simbólica em virtude de sua posição na estrutura do campo religioso, uma instituição como a Igreja contribui sempre para a manutenção da ordem política”.⁴

O catolicismo desde o século XIX constituiu-se numa força anticomunista. A Igreja através de Encíclicas, Cartas Pastorais e dos inúmeros meios de comunicação confessionais ou leigos travou uma verdadeira batalha contra o comunismo. Podemos afirmar que ainda no século XIX, quando as idéias socialistas assombravam a Europa (o espectro anunciado por Marx), a Igreja já havia demarcado sua posição frente à questão. A primeira manifestação oficial da Igreja se concretizou através da Encíclica *Quo Apostolorum Muneris* (Sobre o Socialismo e o Comunismo), nela Leão XIII falava de “um adversário cuja definição não é muito precisa” e conclamava os operários a não se deixarem levar por tais idéias. Em 1891, o mesmo papa editou a Encíclica *Rerum Novarum*, nesta condenava “o desejo excessivo de riquezas” dos patrões e pedia resignação aos operários, acusava os socialistas de se aproveitarem do clima de insatisfação para instigarem a luta de classes, ao Estado pedia que protegesse a propriedade privada, proibisse as greves e oferecesse assistência aos operários. A Igreja passou a investir na “justiça social” para minimizar a ação dos comunistas. Nesta Encíclica, Segundo Rodeghero, o papado considera o comunismo como uma doutrina “antinatural”, pois atenta contra os principais “direitos naturais”, a saber, o direito à propriedade privada, à família e à autoridade paterna.⁵ A recorrência a estes argumentos fora muito freqüente no período por nós estudado.

No século XX, o anticomunismo passou a fazer parte do programa de ação tanto da instituição Igreja como dos grupos leigos a

⁴ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Op. cit. p. 72

⁵ RODEGHERO, Carla S. **O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)**. 2ª ed. Passo Fundo: EDIUPF, 2003, p. 32

ela ligados. O combate ao comunismo era essencial, pois segundo se acreditava era um inimigo à continuidade da própria religião. Para alguns líderes católicos o comunismo era o elo mais recente de uma corrente de oposição à Igreja. Alguns relacionavam os inimigos da Igreja a começar pelos judeus, passando pelos romanos, bárbaros, renascentistas, reformadores protestantes e os revolucionários franceses. Para outros se tratava de uma conspiração de maçons e judeus contra a religião através da Revolução Francesa e Russa.⁶

Para celebrar os quarenta anos da encíclica *Rerum Novarum*, no ano de 1931, Pio XI traz à luz a encíclica *Quadragesimo Anno*. Nesta são prolongadas as reflexões em torno da organização profissional, da renovação dos costumes, do direito à propriedade. A encíclica chama a atenção dos católicos quanto ao envolvimento com o socialismo e adverte: “ninguém pode ser ao mesmo tempo bom católico e verdadeiro socialista”, uma vez que o socialismo “não pode conciliar-se com a doutrina católica; pois concebe a sociedade de modo completamente avesso à verdade cristã”.⁷

Com a consolidação da revolução bolchevique os temores da Igreja se tornavam realidade, executou-se religiosos, fechou-se templos e o ateísmo foi estimulado. Mas foi na Guerra Civil Espanhola, opondo republicanos e franquistas, que o anticomunismo atingiu maior amplitude, afinal a Espanha era um dos redutos mais tradicionais do catolicismo. As profanações de templos e os assassinatos de padres e freiras recaíram de forma mais veemente sobre os comunistas, ainda que fossem somente uma parte da ampla frente republicana, que congregava ainda anarquistas, democratas e socialistas. Assim, em 1937 o papado fez o pronunciamento mais ácido sobre o comunismo. Se antes os pronunciamentos papais sobre o comunismo se limitavam a identificá-lo e criar meios de minimizar sua ação, neste período o comunismo se torna um perigo iminente, era preciso combatê-lo. Através da pena de Pio XI, veio à luz a encíclica *Divini Redemptoris* – sobre o comunismo ateu –, o texto papal anunciava um perigo ameaçador, tratava-se “do comunismo, denominado bolchevista e ateu, que se propõe como fim peculiar revolucionar radicalmente a ordem social e subverter os próprios fundamentos da civilização cristã”. Segundo o documento,

⁶ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**. O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2002. p. 18, 19.

⁷ SANCTIS, Antônio de. (org). **Encíclicas e documentos sociais**. Da *Rerum Novarum* a *Octagesima Adveniens*. São Paulo: LTR, 1991, p. 89, 90.

somente a luminosa doutrina da igreja poderia “livrar e salvaguardar deste horrendo flagelo a civilização cristã”.⁸

Esta postura política da hierarquia católica diante do comunismo deve ser inserida no seu ideário conservador, na sua indisposição às mudanças significativas na ordem social e política. Segundo Bonazzi, “o termo conservadorismo designa idéias e atitudes que visam a manutenção do sistema político existente e dos seus modos de funcionamento, apresentando-se como contraparte das forças inovadoras”.⁹ No entanto, devemos atentar para o fato de a posição conservadora da Igreja não ser uma unanimidade entre os diversos indivíduos, clérigos e grupos que dela fazem parte.

No Brasil a Igreja Católica esteve envolvida nas questões políticas, especialmente quando tais questões entravam em conflito com seu ideário. Ela constituiu-se numa das instituições mais sólida e atuante na formação do estado brasileiro, juntamente com as Forças Armadas. Houve períodos em que a Igreja entrou em choque com o estado, um destes momentos mais decisivos foi durante o primeiro golpe militar, quando se proclamou a República. “Bastante autônomas entre si, a Igreja e as Forças Armadas começaram a era republicana em conflito. O regime militar, de inspiração positivista, separou a Igreja do Estado e acabou com os privilégios católicos”.¹⁰ Há quem diga que foi uma verdadeira libertação, pois a Igreja se desatava das amarras que limitavam sua ação e a prendiam ao Estado.

O historiador Ivan Aparecido Manoel mostra que a Igreja durante a República Velha procurou criar mecanismos institucionalizados mais eficazes de inserção na sociedade brasileira. O surgimento de novas dioceses veio ao encontro desta nova sociedade, que se urbanizava e aburguesava de forma gradual. Se durante o regime de padroado havia apenas dez dioceses, na primeira república surgiram mais sessenta e quatro. Ao lado das dioceses, surgiram os estabelecimentos de ensino – uma das medidas da Igreja para frear o processo de secularização que se iniciava no Brasil. Estes colégios, dirigidos por ordens religiosas européias, tinham por objetivos formar rapazes e moças dentro dos ditames burgueses e cristãos de civilidade. A Igreja encontrou na educação um meio de constituir laços com as oligarquias. Estas mudanças ocorreram no contexto do ultramontanismo, uma diretriz

⁸ Idem, p. 105, 108.

⁹ BONAZZI, Tiziano. Conservadorismo. In: BOBBIO, Norberto (Org.) **Dicionário de Política**. Brasília: Unb, 1986, p. 242

¹⁰ SERBIN, Kenneth P. **Diálogos na sombra**: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 82

romana que procurava reagir ao mundo moderno, às idéias iluministas que advogavam a supremacia da razão e a dessacralização do mundo. Tal postura procurou reafirmar a autoridade papal e estabelecer uma hegemonia simbólica sobre a sociedade e o poder político.¹¹

Este processo de reinvenção ou reestruturação ocorreu segundo aquilo que Sergio Miceli chamou de “estadualização do poder eclesiástico”, ou seja, a reformulação de sua inserção na esfera política através de alianças com oligarquias regionais. Através de uma vasta rede de serviços educacionais destinados às elites foi garantida a rentabilidade às instituições católicas. Este período é marcado por intensas transformações institucionais que estabeleceram novas fontes de receita e expandiram a presença territorial da Igreja.¹²

Com a Revolução de 1930 a Igreja marcou ainda mais sua presença na vida política nacional. A Constituição de 1934 atendeu as demandas apresentadas pela Igreja – ensino religioso facultativo nas escolas públicas, assistências religiosas nas Forças Armadas, legislação familiar pautada pelos princípios da Igreja, nome de Deus na Constituição, liberdade sindical –, assim a Igreja passou a participar mais efetivamente da vida política do país. Neste período incentivou os leigos nas lutas sindicais, na mobilização do operariado, principalmente para barrar o avanço da esquerda e do comunismo.¹³

Após frustrada insurreição comunista em 1935, o comunismo tornou-se um problema “real” para a Igreja Católica do Brasil. Afinal era a concretização daquilo que antes se limitava ao plano discursivo e/ou imaginário. Neste período os bispos do Brasil investiram maciçamente na retórica anticomunista através de cartas pastorais. As orientações papais acerca do comunismo eram traduzidas para os fiéis através das cartas pastorais escritas pelos bispos e enviadas para as paróquias de suas referidas dioceses e arquidioceses. Segundo Motta, houve sete cartas com enfoque específico sobre o comunismo, algumas eram pronunciamentos individuais de bispos e outras pronunciamentos coletivos.¹⁴

A questão central, na ótica dos responsáveis católicos, no que não estavam desprovidos de

¹¹ MANOEL, Ivan Aparecido. A criação de paróquias e dioceses no Brasil no contexto das reformas ultramontanas e da Ação Católica. In: SOUZA, Rogério Luiz de; OTTO, Clarícia (orgs). **Faces do Catolicismo**. Florianópolis: Insular, 2008.

¹² MICELI, Sergio. **A elite eclesiástica brasileira** (1890-1930). Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1988.

¹³ BEOZZO, José Oscar. Op. cit. p. 306

¹⁴ MOTTA, Op. Cit., p. 24

razão, é que a nova doutrina questionava os fundamentos básicos das instituições religiosas. O comunismo não se restringiria a um programa de revolução social e econômica. Ele se constituía numa filosofia, num sistema de crenças que concorria com a religião em termos de fornecer uma explicação para o mundo e uma escala de valores, ou seja, uma moral.¹⁵

Para o clero o comunismo era a antítese do catolicismo, pois era materialista, ateu, fomentava a luta de classes, visava a destruição da família e da moral tradicional, não respeitava a tradição, a hierarquia e a ordem. Em suma, o sucesso do comunismo seria a destruição da Igreja.

O comunismo desde o século XIX esteve no rol das “heresias modernas” condenadas pela Igreja Católica. Segundo Ivan Aparecido Manoel, a Cúria Romana buscava empreender uma verdadeira guerra contra as “contaminações do materialismo, do racionalismo e do liberalismo como também, mais tarde, do comunismo”. O mundo moderno era visto como algo que havia se paganizado, daí a necessidade de um movimento recristianização como uma forma de reconquistar o lugar da Igreja no seio da humanidade. A Igreja colocava-se na posição de farol da humanidade, arauto da verdade. Esse processo de recristianização se iniciou pela arregimentação do laicato para as fileiras da Ação Católica. A Ação Católica, enquanto organização do apostolado leigo procurava constituir uma tática de aliciamento e congregação dos indivíduos do nascer até a morte. Essa era a razão do grande número de organizações e movimentos que desenvolviam “a piedade e a caridade em determinadas faixas etárias estanques em si mesmas - Filhas de Maria, para moças, Congregação Mariana, para homens adultos e assim por diante – a Ação Católica, exatamente porque se propunha a abarcar todos e em todos os momentos de suas vidas”.¹⁶

No Brasil a hierarquia eclesiástica, neste período travou uma verdadeira batalha para frear o processo de modernização, laicização e secularização em curso. O anticomunismo estava inserido num quadro amplo de preocupações eclesiásticas, que incluíam o crescente processo de urbanização e o desenvolvimento de religiões concorrentes no mercado dos bens de salvação (principalmente protestantes e espíritas). A Igreja sentia que estava perdendo sua posição de principal

¹⁵ Idem. p. 20

¹⁶ Manoel, Ivan Aparecido. A Ação Católica Brasileira: notas para estudo. *Acta Scientiarum* 21 (1), 1999. p. 207-215

fornecedora das diretrizes valorativas. O sentimento de que os valores do catolicismo estavam sendo corroídos pela secularização da sociedade levou a Igreja a investir num projeto de “neocristandade”, voltado para a “re Cristianização” do Brasil, o projeto enfatizava a formação religiosa através da criação de grupos de estudos e meios de engajamento dos leigos.¹⁷

O Cardeal Dom Sebastião Leme foi o grande líder do catolicismo brasileiro na primeira metade do século XX e a figura de proa do projeto de “neocristandade”. Também foi o principal responsável pela reaproximação da Igreja ao Estado durante este período. Após sua morte a política de cooperação seria continuada por Dom Jaime de Barros Câmara.

Neste contexto a Igreja passou a investir na criação e fortalecimento de entidades para congregar o laicato. Segundo Rodrigo Motta,

Tais entidades, ao mesmo tempo em que aproximavam da religião mais pessoas, estreitando sua convicção católica e formando lideranças sociais, eram úteis também por auxiliar o trabalho de proselitismo do clero, freqüentemente escasso proporcionalmente à extensão do país. Merecem menção a Ação Católica, os Círculos Operários, as Congregações Marianas, os Irmãos Vicentinos e as Filhas de Maria.¹⁸

As Congregações Marianas ganharam um relevo especial a partir dos anos trinta. Com a queda da Primeira República surgiu a oportunidade de pressionar as forças revolucionárias a reconhecer a legitimidade e a importância do catolicismo no novo regime. Dois episódios marcaram este processo de reconhecimento, a vinda da Virgem de Aparecida para a capital da República e a inauguração do Cristo Redentor, ambos com uma imensa concentração de combatentes marianos. A força do marianismo na época foi tal que o slogan de dom

¹⁷ Apoiamos-nos aqui na definição de cristandade formulada por Pablo Richard: “Definimos a cristandade como uma forma determinada de relação entre a Igreja e a sociedade civil, relação cuja mediação fundamental é o Estado. Em um regime de cristandade, a Igreja procura assegurar sua presença e expandir seu poder na sociedade civil, utilizando antes de tudo a mediação do Estado”. RICHARD, Pablo. **Morte das cristandades e nascimento da Igreja**. Análise histórica e interpretação teológica da Igreja na América Latina. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 9

¹⁸ MOTTA, Op. Cit., p. 26

Leme era: “a fita azul salvará o Brasil”¹⁹. Para Beozzo, “em época de duros embates ideológicos, Aparecida foi apresentada como a melhor barreira à penetração do comunismo no Brasil”.²⁰

As congregações marianas cresceram de forma vertiginosa entre 1927 e 1967, tal crescimento Pedro Américo Maia denominou de “a onda azul do marianismo”. No ano de 1927 é fundada a primeira federação para agrupar as congregações e em 1938, ano em que foi fundada a congregação de Blumenau, havia “mil Congregações Marianas com 150 mil congregados e 31 Federações Marianas”.²¹ Segundo este autor, as congregações tinham como principais atividades, o combate ao comunismo, as paradas de fé, os retiros fechados durante o carnaval e as obras sociais.

Ao lado dos inúmeros movimentos e agremiações de leigos destacaram-se também a criação do centro D. vital, da revista Ordem e da Liga Eleitoral Católica pelo Cardeal Leme. “A LEC não estava ligada a nenhum partido político em particular, mas era avidamente anticomunista”.²²

Pablo Richard assinala que de 1930 até 1964 o modelo de neocristandade passou por dois momentos distintos, um primeiro momento populista e outro desenvolvimentista. Segundo o autor, o período populista abriu possibilidades de uma maior aproximação entre os setores médios e populares e a Igreja. É justamente neste período que é possível perceber a emergência de uma ação católica especializada, agora não mais orientada pelo modelo italiano, dividido por faixa etária e sexo, mas sim orientada pelo modelo franco-belga, organizado por setores ou classes sociais. Foi uma parcela dessa ação católica especializada que nos anos 60 radicalizou-se e passou a questionar as contradições do modelo de neocristandade.²³

A emergência desta ação católica especializa no seio da Igreja só foi possível porque, segundo Pierucci, o período que compreende dos anos trinta até os últimos anos da década de setenta foi marcado por intensas mudanças no interior da Igreja Católica brasileira, tanto em sua organização quanto na sua ideologia. Para o autor, ao lado das dimensões litúrgicas ganhou centralidade a dimensão ético-social na vivência da Igreja. Esta dimensão da ética social e portanto, política, não

¹⁹ MAIA, Pedro Américo. **História das congregações Marianas no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1992, p. 57.

²⁰ BEOZZO, Oscar. Op. Cit., p. 296

²¹ MAIA, Pedro Américo. Op. Cit., p. 61.

²² MAINWARING, Scott. Igreja Católica e Política no Brasil. Op. cit. p. 48

²³ RICHARD, Pablo. Morte das cristandades e nascimento da Igreja. Op. cit. p. 147

esteve dissociada da experiência dos religiosos e leigos. As entidades para congregar o laicato é o exemplo visível do engajamento dos leigos.
24

O contexto do pós-guerra de certa forma polarizou as discussões sobre os regimes políticos capitalista e comunista. A Igreja não economizou críticas ao capitalismo, gerador da ganância e da ambição, capaz de precipitar o descontentamento das massas por causa da pauperização que acarretava. Todavia, ao comunismo foi reservado um lugar onde “o anátema assume todo o vigor de um ataque feroz e absoluto”, uma vez que a luta de classes por ele incitada produz o ódio, a violência e a desarmonia.²⁵

Segundo Rogério Luiz de Souza no pós-guerra o catolicismo “empreendeu uma verdadeira batalha na purificação do sistema capitalista e, concomitantemente, combateu e negou a alternativa socialista. Entre os dois sistemas deveria haver uma terceira via que satisfizesse os anseios da humanidade toda”. A situação do pós-guerra fez emergir no interior do pensamento católico um discurso que procurava harmonizar os conflitos sociais em torno de um capitalismo humanista e solidário. Neste processo de reestruturação social as elites teriam um papel fundamental na gestão das transformações sociais. “O modelo solidarista colocava a classe dominante como eixo primeiro e fundamental de toda a organização social. A mudança do regime econômico e social dependeria, pois, do esforço desta elite em ratificar os princípios e os valores cristãos impregnados na História”.²⁶

No Brasil dos anos 1950 o governo empunhara a bandeira do nacional-desenvolvimentismo, para a Igreja tal ação governamental iria minimizar os problemas sociais e econômicos da população, iria “humanizar” o capitalismo e, conseqüentemente, espantar o espectro do comunismo. Apoiada no solidarismo a Igreja acreditava que era possível empreender transformações significativas sem confrontar capital e trabalho, através de uma ação engajada e solidária poderia se aspirar um desenvolvimento econômico que visasse o bem comum. Todavia, conforme Rogério Luiz de Souza, “este surto efêmero de um humanismo cristão transformador da realidade”, ambicionado pelos

²⁴ PIERUCCI, Antônio Flávio de; SOUZA, Beatriz M. de; CAMARGO, Cândido P. de. Igreja Católica: 1945-1970. In FAUSTO, Boris (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo: Difel, 1986, vol. 11.

²⁵ PIERUCCI, Antônio Flávio de; SOUZA, Beatriz M. de; CAMARGO, Cândido P. de. Igreja Católica: 1945-1970. Op. Cit., p. 347.

²⁶ SOUZA, Rogério Luiz de. **A Reforma Social Católica e o Novo Limiar Capitalista (1945-1965)**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em História. Curitiba, 2001. p. 42, 43

pensadores católicos do pós-guerra, se mostrou “reconhecidamente ineficaz e inútil em meados dos anos sessenta”.²⁷

Ineficaz e inútil, pois não pretendia romper com os princípios econômicos e sociais estabelecidos. Imbuída do espírito reformista e crente nas promessas do progresso, a Igreja foi incapaz de construir uma análise mais crítica dos mecanismos que produziam as injustiças sociais. Todavia, esse movimento de engajamento proporcionado ao laicato inaugurou

“uma nova gênese” do catolicismo social que se processou pela própria crítica aos dilemas e às contradições do seu discurso teológico desenvolvimentista, mas que ironicamente acabou alimentando-se de sua própria proposta de engajamento e de ação social. E serão essas experiências vividas, narradas e compartilhadas por alguns agentes da ação católica dos anos de 1945 a 1965 que vão empurrar para a elaboração de um novo discurso e uma nova prática social, resultando naquilo que veio a se chamar Cristianismo de Libertação ou Teologia da Libertação.²⁸

A virada da década de 50 para a de 60 trouxe mudanças relevantes para a Igreja Católica. O papa João XXIII, substituto do conservador Pio XII, empreendeu reformas significativas. As encíclicas *Mater et Magistra* (1961) e *Pacem in Terris* (1963), escritas sob seu pontificado, abriram uma discussão mais sintonizada com o mundo moderno e secularizado, elas traziam também o compromisso da promoção da justiça social.

No entanto, em Santa Catarina ainda estavam muito em voga os princípios da Igreja romanizada, cujo tradicionalismo se mostrava pouco aberto às mudanças sociais profundas e ao processo democrático. No início dos anos 60 a Igreja se deparou com uma sociedade em mutação, a constante agitação social despertavam incertezas e preocupações no clero. A crise do modelo econômico desenvolvimentista só aumentou as massas urbanas pauperizadas, descontentes e potenciais forças de agitação política se cooptadas pelos movimentos de esquerda. Ao lado

²⁷ Idem, p. 99

²⁸ SOUZA, Rogério Luiz de. ÉTICA CATÓLICA E CAPITALISMO. Desenvolvimento e bem-estar social após a Segunda Guerra Mundial. **REB. Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 70, 2010. p. 378-399.

do esgotamento da política populista também enfraquecia o projeto de neocrisandade, uma vez que no seio da própria Igreja muitos movimentos já estavam em franco processo de radicalização. Daí a paranóica condenação do comunismo pelos setores conservadores da Igreja.

Em Blumenau a Igreja combateu o comunismo através de ações do clero e principalmente pela imprensa mariana. A seguir, descrevemos como surgiu a Congregação Mariana em Blumenau, a partir da Diocese de Joinville, e como seu principal veículo de comunicação, o *Luzeiro Mariano*, empreendeu o combate ao comunismo.

3.1 O ANTICOMUNISMO NO PERIÓDICO CATÓLICO LUZEIRO MARIANO E NAS AÇÕES DO CLERO DE BLUMENAU

Segundo Walter Piazza, com a elevação de Florianópolis a arcebispado, em janeiro de 1927, criou-se duas novas dioceses: Lages e Joinville. Joinville compreendia os municípios de Joinville, São Francisco, Araquari, Campo Alegre, São Bento, Itaiópolis, Mafra e Blumenau (abrangendo o Médio e o Alto Vale do Itajaí). No período que analisamos a diocese era governada pelo bispo de Joinville Dom Gregório Warmeling, eleito em 13 de abril de 1957.²⁹

A Congregação Mariana de Blumenau surgiu no ano de 1938 quando sob a direção do frei Athanzio Furlani foi constituída a primeira diretoria: Presidente, João Medeiros; secretário, Cássio Medeiros (jornalista e militante integralista) e; tesoureiro, Luiz Gonzaga Medeiros. No ano de 1950 foi realizado um Congresso Mariano para celebrar o primeiro centenário da cidade. A congregação também possuía um programa radiofônico, denominado “E os sinos anunciam”, além das muitas obras assistenciais.

Um dos empreendimentos da congregação foi edição de um jornal. O periódico *Luzeiro Mariano* surgiu, conforme José Ferreira da Silva, no ano de 1952, através da fusão do mensário “*Luzeiro*”, da Congregação Mariana de Blumenau, e do “*Mariano*”, da Congregação Mariana de Joinville. A partir de 1959 o jornal passou a ser um órgão da Diocese de Joinville, quando bispo da diocese, Dom Gregório Warmeling, passou a figurar como diretor geral. Seu tempo de circulação findou em 1965.³⁰

²⁹ PIAZZA, Walter F. **A Igreja em Santa Catarina**. Notas para sua história. Florianópolis: IOESC, 1977, p. 200, 201

³⁰ SILVA, José F. da. **A Imprensa em Blumenau**. Florianópolis: IOESC, 1977, pp. 131-134

Segundo a redação do jornal, o periódico era editado em oito paginas. No ano de 1959 o bispo diocesano transformou o jornal, até então órgão das Congregações Marianas, em órgão oficial da Diocese. “Na mesma ocasião a tiragem subiu para 8.000 exemplares”.³¹ Segundo José Ferreira da Silva, por ser de “orientação inteiramente católica, era natural que o jornal dedicasse o maior espaço em suas paginas a assuntos religiosos, com abundante noticiário das associações católicas, dos acontecimentos ligados à vida das paróquias e da Diocese e aos artigos de ordem doutrinária ou litúrgica”.³² No entanto, Ferreira da Silva não mencionou a intensa campanha anticomunista disseminada pelo noticiário. É esta faceta negligenciada que passamos a analisar.

Como vimos no capítulo anterior havia uma intensa campanha contra os comunistas na imprensa de Blumenau, o Luzeiro Mariano não fugiu à regra. Nele encontramos uma das primeiras tentativas de difamar o advogado Francisco Pereira, líder do pequeno núcleo de comunistas da cidade. A matéria procurava mostrar o insucesso de seu trabalho na “risonha cidade de Criciúma” e trazia o sugestivo titulo: “Advogado Comunista levou mineiros a pedir esmolas”.³³

Segundo o jornal “um traidor da Pátria, pago pela Rússia, semeou entre eles a discórdia a cizania da ilusão transformada em ouro e o tombo da massa iludida e inexperiente esborrachou-se na miséria”. Conforme o jornal, a “greve foi perdida, pois assim exigia o Partido Comunista. O advogado comunista cumpriu seu dever para com o Partido, mas traiu os mineiros que hoje se encontram pedindo esmolas pelas ruas de Criciúma”.

O tema da miséria foi muito explorado pelos anticomunistas, em sua ótica os comunistas seriam os principais responsáveis por “semear” a miséria no mundo. Outro ponto importante deste relato é imagem de traidor da pátria, estereótipo muito recorrente no anticomunismo, aqui ganhou um relevo interessante por evocar elementos da memória coletiva dos católicos: “Mas traidor, na calada da noite bateu o pó de suas sandálias e fugiu para outros recantos”. Como se tratava de um jornal católico se presumia que os leitores estavam habituados com as histórias bíblicas, nelas o exemplo-mor de traição era Judas que havia traído Jesus e seus amigos na calada da noite, o elemento bíblico ainda é evidente quando se refere “ao sacudir das sandálias”, ou seja, se imiscuir de qualquer responsabilidade sobre o acontecido, as sandálias eram

³¹ Bilhete ao Leitor. **Luzeiro Mariano**. Blumenau Jan. 1961, 2ª quinzena, p. 1.

³² SILVA, Op. Cit., p. 134

³³ Advogado Comunista levou mineiros a pedir esmolas, **Luzeiro Mariano**. Blumenau, Julho de 1961, 2ª quinzena, p. 6.

elementos típicos do vestuário palestino. O jornal ainda incita a vigilância para que Blumenau tome Criciúma como exemplo, pois “O advogado veio a Blumenau, instalou-se num quarto na Rua XV e começou a preparar o terreno para nova traição”. Tal mudança para Blumenau era justificada pelo fato de que “era mister sacudir a paz e a prosperidade de outros lugares calmos e sossegados”. Situações como a descrita acima colocam em questão a intolerância à alteridade política, uma vez que a presença dos comunistas em determinadas sociedades estimula “a imaginação política que estigmatiza o sujeito que é portador de outros valores, ou de valores historicamente não convencionais a uma determinada sociedade. Uma sociedade que através da combinação de múltiplos poderes o rejeita, também o coloca numa classificação”.³⁴

Para Raoul Girardet uma das imagens mais marcantes do imaginário político é a figura do estrangeiro, ele surge como corpo exógeno em comunidades conscientes de sua coerência e unidade.

A ameaça que representam é aquela que jamais deixou de obsedar os sonhos das cidades pacíficas: a do vagabundo, do nômade que ronda as casas felizes. A do viajante sem nome que traz com ele a doença ou a epidemia, cuja chegada faz apodrecer a colheita e perecer o gado. A do intruso que se introduz nos lares prósperos para levar-lhes a perturbação e a ruína.³⁵

Matérias como esta acima denota a preocupação dos religiosos com a perda de influência sobre os fiéis, a presença dos comunistas na sociedade não significava uma concorrência religiosa, mas sim ideológica. Neste sentido, o discurso religioso, de cunho político, deve ser encarado como uma disputa simbólica pela hegemonia do espaço social. Para Pierre Bourdieu “essas lutas simbólicas, tanto as lutas individuais da existência cotidiana como as lutas coletivas e organizadas da vida política, têm uma lógica específica, que lhes confere uma autonomia real em relação às estruturas em que estão enraizadas”. Trata-se da tradução de uma dada posição social, pois as visões de mundo dos diversos grupos e instituições sociais são sempre construídas a partir de determinadas posições por eles ocupadas. “Assim, as representações dos

³⁴ GONÇALVES, Marcos. **“Os Arautos da Dissolução”**: Mito, imaginário político e afetividade anticomunista, Brasil 1941-1947. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004, p. 11.

³⁵ GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987, p. 44.

agentes variam segundo sua posição (e os interesses que estão associados a ela)”³⁶.

No artigo do Jornal Luzeiro Mariano que citamos já havia a acusação, recorrente, diga-se de passagem, de que Francisco Pereira era pago por Moscou. Na entrevista ele ainda nos revela que era acusado de receber dinheiro de outra fonte, Cuba. Na entrevista que nos concedeu ele elucida a questão sobre seu pagamento da seguinte forma:

Pois é, a Igreja e o padre. O frei [Éfrem ou Brás Reuter] falava nas missas e nos eventos que eu recebia de Cuba (risos), que eu não cobrava dos trabalhadores por que recebia dinheiro de Cuba e tudo mais. Eu não recebia dos trabalhadores por que eu também trabalhava para o congresso estadual dos trabalhadores, uma entidade supra sindical, trabalhava em casa. E não cobrava, cobrava depois por que ganhava a ação, então eles me pagavam pelos honorários.³⁷

Neste período Cuba havia se tornado o principal alvo das críticas da liderança católica, nela havia se materializado o medo do comunismo. Afinal, Cuba era o sinal concreto de que o comunismo já havia se introduzido na América Latina. Acreditava-se que Cuba, “quinta coluna do Kremlin”, era a responsável pelas atividades subversivas e comunizantes neste continente.

Todavia, não era apenas com a pena que o clero de Blumenau combatia as ações comunistas na cidade. Frei Efrem, o presidente da Congregação de Blumenau, e Frei Brás Reuter, ambos vigários da Paróquia São Paulo Apóstolo, localizada centro de Blumenau, eram tidos como os principais líderes anticomunistas da cidade.³⁸ Como vimos no capítulo anterior, no período de crise provocado pelo golpe de Estado, o próprio Frei Efrem, “um sacerdote de combate e ação”, ajudou na prisão dos comunistas.³⁹

³⁶ BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: _____. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004, pp. 163, 158.

³⁷ Idem.

³⁸ Frei Efrem Mrosek (OFM) nasceu na Alemanha em 1911 foi ordenado em 1940, trabalhou em Lages, Blumenau, Gaspar. Dedicou-se em Blumenau a obra social de 1955 a 1970. Faleceu na Bélgica em 1973. Cf. PLAZZA, Walter F. **A Igreja em Santa Catarina**. Notas para sua história. Florianópolis: IOESC, 1977, p. 274.

³⁹ Vigorosa Operação Limpeza empreendem as autoridades de Blumenau. **Ronda Barriga-Verde**. Blumenau 09 abr. 1964, pp. 3, 4.

Porém antes deste fatídico episódio, os freis Efreim e Brás Reuter já haviam manifestado sua capacidade de mobilização para conter o avanço comunista sobre seu rebanho. Nos documentos do processo criminal do Superior Tribunal Militar que relata a ação dos comunistas em Blumenau temos várias referências aos dois sacerdotes.

Uma das testemunhas de acusação no processo, Eustácio Sansão, conta que freqüentava as reuniões realizadas no escritório do Dr. Francisco José Pereira, em ligações com o vigário da paróquia, líder anticomunista, frei Brás Reuter. Segundo o relatório, “o depoente atendeu a uma solicitação do vigário católico de Blumenau, o então frei Brás Reuter, a fim de se infiltrar nos meios comunistas desta cidade, colaborando assim na neutralização da atividade desses elementos”.⁴⁰

Segundo Horst Krischnegg, agente do DOPS/Porto Alegre infiltrado no PCB de Blumenau, havia uma campanha por parte do clero contra a Cooperativa Geral de Consumo. Esta cooperativa, como vimos no capítulo anterior, tinha como conselheiro jurídico Francisco Pereira. Para fazer um “levantamento das acusações feitas pelo clero”, foi realizada uma reunião na sede da cooperativa, no dia 5 de julho de 1961, uma vez que “a cooperativa nos dias anteriores foi violentamente atacada pela Igreja de Blumenau”. Segundo Krischnegg, na reunião Francisco Pereira, tomou a palavra e disse que “as acusações feitas são agressões sem fundamento e usam a palavra (comunistas) para incitar o povo a retirar-se da mesma e assim distraí-la, ainda disse que a cooperativa no futuro não venderá comunistas em quilos nem propaganda ou literatura marxista, mas sim venderá feijão, arroz e outros alimentos básicos ao favor do povo blumenauense”.⁴¹

Horst Krischnegg ainda informa em seus relatórios o envolvimento de Frei Efreim em disputas sindicais. Segundo Krischnegg, no mês de agosto de 1961 o comunista “Manoel de Souza iniciou seus trabalhos por ordem do Partido Comunista de Blumenau, para sua candidatura como presidente do Sindicato Hidro-elétrico”. Mas graças ao esforço de Frei Efreim e de outras autoridades, Manoel de Souza não conseguiu eleger-se presidente sindical. Sigamos a descrição de Krischnegg: “após um serviço de máximo esforço feito por autoridades da segurança pública do estado, como também pelo frei Efreim, Dr. Roberto Mattar etc, conseguiu se a derrota da chapa a presidência do Sindicato dos Hidro-elétricos - Manoel de Souza. Os

⁴⁰ Superior Tribunal Militar. Auditoria da 5ª Região Militar. Curitiba. Processo 251. Volume 8.

⁴¹ Superior Tribunal Militar. Auditoria da 5ª Região Militar. Curitiba. Processo 251. Volume 1. Relatório a DOPS - Porto Alegre. atividades do PCB em Blumenau - SC. p. 112)

eleitores foram 260, o sr. Erwim Muller foi reeleito com a diferença de 11 votos”.⁴²



Figura 6. Homenagem a Frei Efrem por seus 25 anos de sacerdócio.

Sob o manto de Maria, Frei Efrem, homenageado por seus 25 anos de ministério sacerdotal (jubileu de prata), ao seu lado direito, Roberto Mattar, Secretário do Trabalho. (1965).

Fonte: Acervo Iconográfico. AHJFS

Todavia, foi por meio da imprensa que o clero travou a maior disputa com o comunismo. Homens da palavra, os clérigos souberam manejá-la bem para defender os interesses da Igreja. A imprensa confessional, e particularmente a católica, teve como estratégia a defesa da identidade cristã e de todas as propriedades que lhe são inerentes. Daí a necessidade de encarmos a religião em suas íntimas ligações com a política. Segundo Aline Coutrot, essas ligações

durante muito tempo foram desprezadas pela história do político, que se interessava sobretudo pelas relações entre as Igrejas e o Estado e pelos períodos de crise. [...] Hoje, as forças religiosas são levadas em consideração como fator de explicação política em numerosos domínios. Elas fazem parte do tecido do político, relativizando a

⁴² Idem, p. 120, 117

intransigência das explicações baseadas nos fatores sócio-econômicos.⁴³

Essas ligações entre religião e política podem ser exemplificadas nos confrontos na imprensa. Sigamos uma matéria no *Luzeiro Mariano* sobre a publicação do jornal comunista *Folha Catarinense*. Logo que foi editado, este periódico encontrou a resistência da imprensa católica, indisposta compartilhar o espaço com um jornal que concorria com sua ideologia. No *Luzeiro Mariano* havia um espaço chamado “Carta à Redação”, onde os “leitores” escreviam cartas questionando a redação sobre os mais diversos assuntos. Sempre na mesma edição do jornal as questões eram respondidas num outro espaço chamado “A Redação Responde”, geralmente as respostas eram assinadas por Frei Éfrem, um dos responsáveis pelo jornal.

Acamparemos a edição da primeira quinzena de fevereiro do ano de 1964.

Prezados redatores, há mais ou menos dois meses certos indivíduos começaram a distribuir nas nossas fábricas um jornal, intitulado “*Folha Catarinense*”. Eu, lendo diversos números do jornal, fiquei em dúvida, se o jornal era comunista ou não. Conversando com alguns companheiros sobre o jornal, uns me disseram que é um jornal democrático, outros declaram abertamente o jornal comunista e que somente quer agitar a classe operária. Se o jornal é realmente comunista, as autoridades deveriam proibir a circulação e principalmente a distribuição entre os operários. Mas gostaria de ouvir a opinião dos senhores sobre o jornal.⁴⁴

Tal carta, conforme o jornal, fora escrito por “Um Operário”, jamais saberemos se realmente o foi. O que importa para nossa análise é que para o “suposto leitor” havia uma oposição clara e evidente entre a democracia e o comunismo, e tal jornal deveria ser proibido pelas autoridades, principalmente entre os operários. Afinal, o que poderia ocorrer se os operários fossem contaminados com as idéias subversivas dos comunistas?

⁴³ COUTROT, Aline. *Religião e política*. in: RÉMOND, René (org.) **Por uma História Política**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: UFRJ; FGV, 1996, p. 331.

⁴⁴ Carta à Redação. **Luzeiro Mariano**. Blumenau, 1^a quinzena de Fevereiro de 1964, p. 1.

A resposta da redação, na mesma edição, é bastante significativa.

Prezado Operário, antes de o senhor nos ter mandado a sua carta consulta, já tínhamos conhecimento da circulação do jornal “Folha Catarinense”. Quando o primeiro número veio à luz, sabíamos que tinha nascido mais um jornalesco agitador que tem por única finalidade a sublevação da classe operária e a subversão da ordem. O jornal não esconde a sua cor. As manchetes, os títulos de seus artigos, o conteúdo, a sua demagogia, tudo corresponde à cor vermelha do cabeçalho do jornal. Se não conhecêssemos o seu diretor, redator e colaboradores do “Folha Catarinense”, só pela análise do jornal, poderíamos dizer, sem medo de errar que o jornal é comunista e se quiserem também socialista que, no fundo, é a mesma coisa. Sugere o senhor que as autoridades deveriam proibir a circulação e distribuição do jornal entre os operários. A sua sugestão é muito boa, porém, impossível de ser executada. As autoridades já não têm autoridade no nosso país. [...] **Prezado Operário, o Brasil está no fim. A única esperança que nos resta ainda são as Forças Armadas e é com elas que o povo conta nesta hora aflitiva pela qual passa o Brasil.**⁴⁵

E as Forças Armadas não frustrariam as expectativas e esperanças da Igreja durante este período de grande aflição.

O período que analisamos, 1960 a 1964, se insere no contexto da Guerra Fria. Desta forma, a maioria das matérias é dedicada a demonstrar os males do comunismo, a situação social na URSS, Europa Oriental, Cuba e China, denunciava a “infiltração” comunista na América Latina, no governo Goulart e no seio da própria Igreja. Grande parte das matérias reproduzia a visão de jornais de maior circulação e a de cardeais como Dom Jaime de Barros Câmara, do Rio de Janeiro, e de arcebispos como Dom Vicente Scherer, de Porto Alegre. Estes clérigos eram duas grandes referências do anticomunismo católico.⁴⁶

⁴⁵ Carta à Redação. **Luzeiro Mariano**. Blumenau, 1ª quinzena de Fevereiro de 1964, p. 6. (grifo nosso).

⁴⁶ “Como arcebispo, Dom Jaime foi vigário das Forças Armadas apoiou a instituição do capelão militar. Ele viajava nos aviões da Força Aérea Brasileira (FAB), encontrava-se

Começamos analisando o posicionamento da Igreja frente ao capitalismo e ao comunismo. Para a Igreja o capitalismo tinha seus problemas, mas, todavia, não poderia haver comparação com o comunismo, pois o comunismo era “intrinsecamente mau”. Na sua visão, “um capitalista pode ser um bom católico, desde que os abusos do capitalismo não sejam por ele admirados”. O mesmo não se poderia dizer do comunismo, pois “o comunismo foi condenado em si mesmo, em sua própria essência e na sua constituição mais íntima”.⁴⁷

As palavras acima denotam o posicionamento da Igreja frente a uma questão social e política, ou seja, temporal e secular. Os católicos poderiam ser bons cristãos mesmo sendo capitalistas, para o jornal não havia problemas de ordem ética no fato de ser católico e capitalista, o que já não poderia ser dito em relação ao comunismo. O que interessa a nós é o fato de a religião prescrever um posicionamento político. Mas tal assertiva pode causar alguma estranheza, pois, “O que há de comum entre a religião, que propõe a salvação no além, e a política, que rege a sorte dos homens nesta terra? À primeira vista, parece que uma diz respeito ao íntimo do ser, a outra ao coletivo”.⁴⁸

Para Pierre Bourdieu a religião cumpre um papel importante na estrutura social, ela fornece justificativas para determinadas posições sociais.

... os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhe são socialmente inerentes.⁴⁹

Desta forma, a religião passa a balizar um modo ser no mundo, um modo de pautar a existência segundo alguns valores, que, todavia,

regularmente com altos oficiais e freqüentemente celebrava missas especiais para os militares, inclusive o memorial anual pelos mortos da Intentona Comunista de 1935”. SERBIN, K. Op. Cit., pp. 87, 88. A atividade anticomunista do arcebispo Dom Vicente Scherer foi analisada por RODEGHERO, Carla. S. Op. Cit.

⁴⁷ Igreja, Capitalismo e Comunismo. **Luzeiro Mariano**. Blumenau Jan. 1961, 2ª quinzena, p. 8.
⁴⁸ COUTROT, Aline. Religião e política. in: RÉMOND, René (org.) **Por uma História Política**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: UFRJ; FGV, 1996, p. 334

⁴⁹ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 48

são excludentes, pois, ao eleger alguns elementos considerados os melhores, exclui outros os classificando como maus. Neste sentido, ser católico significava, socialmente, ser anti-socialista como afirmava o artigo “Católico não pode ser socialistas”⁵⁰ de Dom Vicente Scherer, arcebispo de Porto Alegre. Para o clérigo, “ninguém pode ao mesmo tempo ser um bom católico e verdadeiro socialista”, a teoria socialista era, a seu ver, “irreconciliável com o cristianismo autêntico”.

As palavras de Dom Vicente carregam um forte sentido identitário. A construção da identidade católica deveria ser alicerçada na oposição ao socialismo, pois este era “intrinsecamente mau” e “irreconciliável”. Neste sentido, o socialismo funcionava como um ponto de referência negativo, nesta construção identitária, era seu contraposto, era o diferente, em suma, o “outro”. Segundo o jornal, Dom Vicente ainda falara da relação entre “progresso e liberdade”, da “admirável prosperidade de países como os Estados Unidos”, contrapondo “aos métodos brutais e desumanos empregados nos regimes comunistas”. Neste período era bastante recorrente a associação do comunismo à brutalidade e até mesmo à desumanidade. Segundo os anticomunistas, a URSS só havia se tornado uma potência econômica mundial graças à escravização de seu povo.

Certamente os clérigos têm uma importância significativa na orientação da vida dos fiéis. Quando o clérigo faz parte da alta hierarquia da Igreja mais prestígio e respeito ele galga junto aos fiéis. Neste sentido, podemos afirmar que as autoridades eclesiais estão investidas de um poder simbólico e carismático. Segundo Bourdieu, o poder simbólico é um “poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário”.⁵¹

Este poder simbólico e carismático não é apenas especificidade dos clérigos, os grandes líderes e chefes de estado devem muito de sua afirmação no poder à habilidade em manipulá-lo. No entanto, é entre os clérigos que vemos a manipulação mais singular desta modalidade de poder. O poder simbólico é o resultado do acúmulo de vitórias no campo social.

... o poder simbólico deve estar fundado na posse de um capital simbólico. O poder de impor às

⁵⁰ Católico não pode ser socialista. **Luzeiro Mariano**. Blumenau Set. 1961, 1ª quinzena, p. 1.

⁵¹ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 6ª ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2003, p. 14

outras mentes uma visão, antiga ou nova, das divisões sociais depende da autoridade social adquirida nas lutas anteriores. O capital simbólico é um crédito, é o poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento.⁵²

Neste ponto cabe uma reflexão sobre o conceito de “carisma”. É nos clérigos que reconhecemos a concretização histórica deste conceito. Para De Sandre o carisma é “uma forma peculiar de poder” que repousa sobre o indivíduo portador de um dom. Desta forma, “aqueles que reconhecem esse dom, reconhecem igualmente o dever de seguir o chefe carismático, a quem obedecem segundo as regras que ele dita, em virtude da própria credibilidade do carisma e não em virtude das pressões e do cálculo”.⁵³

O portador do carisma não raro possui uma visão mais “apurada” do que seus seguidores, razão pela qual, muitas vezes, é por eles admirado. Ele consegue identificar o mal iminente que se aproxima e que põe em risco a integridade de sua comunidade. Esta percepção o coloca na posição de arauto de seu grupo.

Dom Vicente Scherer, como um arauto em tempos belicosos, alertava seus fiéis no discurso “Crescem as forças anti-cristãs e demoníacas do comunismo no Brasil” pronunciado na missa de comemoração à sua sagração episcopal em Porto Alegre e publicado com comentários no jornal *Luzeiro Mariano*.⁵⁴ Para o arcebispo havia muitos temores e aflições para aqueles que desejavam viver a fé, a causa deste momento tormentoso era a política econômica governamental que não combatia a miséria degradante. Mas não era somente isso que o preocupava, mas “o crescimento e a propagação das forças anti-cristãs e demoníacas do comunismo no Brasil e em todo o mundo”. Segundo o clérigo a Igreja não temia, pois era obra de Deus, mas “receíamos pela sorte do povo, ameaçado de nova escravização, sob vários aspectos mais aviltante e insuportável que a dos miseráveis aforrados pela princesa Isabel”.

Para o arcebispo o crescimento do comunismo ocorria graças à infiltração de agentes comunistas na administração pública, era nelas

⁵² BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: ____ **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 166

⁵³ DE SANDRE, Ítalo. Carisma. In: BOBBIO, Norberto (Org.) **Dicionário de Política**. Brasília: Unb, 1986, p. 149

⁵⁴ Crescem as forças anti-cristãs e demoníacas do comunismo no Brasil. **Luzeiro Mariano**. Blumenau mar de 1961, p. 1.

que se evidenciava a “ação solerte dos vanguardeiros do comunismo internacional”, até mesmo no exército – “alta escola de civismo e brasilidade” –, segundo o clérigo, eles haviam penetrado. Tal ação comunista só foi possível por que as autoridades se mostraram “cegos indolentes interesseiros e apáticos face ao perigo que ameaça os bens mais preciosos da ordem humana”. O arcebispo conclui conclamando o esforço “dos homens de Ação, católicos militantes, apostólicos e ativos, leais à hierarquia, decididos e prudentes, piedosos e atualizados, na conquista para Cristo daqueles que o abandonaram ou nunca conheceram sua grandeza e seu amor”. Aqui podemos atestar que uma das principais características do poder simbólico reside na sua capacidade de mobilização.

Para o clero conservador era essencial a produção de uma imagem maniqueísta da sociedade, imagem que polarizava os bons e os maus brasileiros. Neste sentido, Baczko assinala que “o controle do imaginário social, da sua reprodução, difusão e manejo, assegura em graus variáveis uma real influência sobre os comportamentos e as atividades individuais e coletivas, permitindo obter os resultados práticos desejados, canalizar as energias e orientar as esperanças”.⁵⁵

Para produzir uma repulsa social ao comunismo o arcebispo recorreu a uma imagem impregnada na memória coletiva dos brasileiros: a escravidão. Ora, a escravidão sempre foi um tema sensível na história do Brasil, evocava a brutalidade, o medo, a desumanidade e a injúria. A escravidão havia sido uma mácula na história da nação e o comunismo, segundo o clérigo, nos faria voltar a esta página horrenda e aviltante da história do Brasil. Mas, certamente o que nos chama mais a atenção neste texto é a associação feita pelo arcebispo entre a ação dos comunistas e forças demoníacas, tratava-se de identificar os comunistas ao inimigo milenar da Igreja, o diabo. Segundo Rodeghero, para caracterizar os comunistas a Igreja recorria ao símbolo máximo do mal: o demônio.

Falava-se no demônio vermelho, nas crueldades diabólicas do comunismo, no mundo dividido em dois campos - o de Deus e o de Satanás - na maldade satânica do comunismo, no flagelo satânico, na propaganda verdadeiramente diabólica, etc. O apelo a imagens com forte conteúdo simbólico tinha como objetivo provocar

⁵⁵ BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. **Enciclopédia Einaudi**. Portugal: Imprensa Nacional; Casa da Moeda. 1985, p. 312

um impacto maior nos leitores ou ouvintes e demarcar bem o campo dos posicionamentos, das ações e projetos de cada um dos lados: o cristianismo e a Igreja com Deus; os comunistas com o diabo.⁵⁶

Neste sentido é interessante a matéria do *Luzeiro Mariano* que reproduzia e comentava a alocução semanal radiofônica do Cardeal Dom Jaime Câmara do Rio de Janeiro.⁵⁷ Segundo o cardeal havia uma ordem secreta de que incumbia à China a tarefa de infiltração na América Latina e mesmo “no próprio coração da Igreja”, ou seja, entre as autoridades eclesiásticas. Para tanto, o P. C. tinha como alvo conquistar “o elemento feminino”, pois, os comunistas “sabem que, ligada à Igreja e de alto padrão moral, a mulher constitui forte obstáculo à penetração do mal na família e na sociedade. Caída essa barreira, desvirtuada a nobre missão feminina, ou pior ainda, desencaminha esta e dirigida para o mal, quem poderá calcular até onde chegarão os prejuízos morais, religiosos e sociais de um povo?”. Não foi por acaso que as mulheres, principalmente de classe média, se tornaram as principais protagonistas das Marchas da Família com Deus pela Liberdade. O cardeal ainda denunciou os pontos da diretiva chinesa: introduzir-se nas escolas católicas; tornar-se membro da Igreja pelo batismo; assistir aos serviços religiosos e unir-se ao clero para espioná-lo; penetrar nas escolas e dominá-las através do princípio de “dividir para governar”; penetrar em todas as instituições da igreja com a pregação da paz (coexistência pacífica); descobrir os pontos fracos da organização eclesiástica; “compreender que a Igreja Católica está a serviço do imperialismo e que precisa ser abatida e destruída pela raiz”.

A conquista da América Latina por parte dos comunistas era um dos elementos do pesadelo católico durante a chamada Guerra Fria. Obviamente Cuba tornou-se uma das maiores preocupações a partir de 1959. No jornal *Luzeiro Mariano* foram publicadas dezenas de matérias sobre Cuba, vejamos alguns títulos: “Continua fuga de Cuba”, falando sobre as pessoas buscaram refúgio nos Estados Unidos durante a revolução; “Os comunistas torturam em Cuba indefesa jovem”; “Extremismo de Fidel ameaça segurança do continente”; “Trampolim vermelho em Cuba ameaça o continente”; “Che Guevara prepara a nacionalização da Igreja”. No *Luzeiro Mariano* encontramos um artigo

⁵⁶ RODEGHERO, Op. Cit., pp. 33, 34

⁵⁷ Infiltrar-se na própria Igreja: diretiva do P. C. chinês. **Luzeiro Mariano**. Blumenau jan. de 1961, 1ª quinzena, p. 1.

que se propunha a interpretar a Revolução Cubana. Para o autor, as ditaduras da América Latina estavam caindo, mas

as derrubadas dos velhos caudilhos, nem sempre se processam por métodos pacíficos, mas por transições violentas, como no exemplo cubano. [...] nela a liberdade é tentada à custa de derramamento de sangue. [...] Todas as regras do bom senso são desprezadas pelo governo revolucionário cubano: as liberdades suprimidas, os direitos postergados, os sentimentos tradicionais do povo violentados, numa inaudita afronta a tudo quanto se acumulou nestes séculos de civilização cristã.⁵⁸

O autor ainda procurou recorrer a imagens segundo as quais os revolucionários, especialmente Fidel Castro, eram indivíduos desprovidos de razão, desajustados mentais, e insensatos, pois, “velhas instituições são derrubadas a brutos golpes de tacão do barbudo desvairado. [...] Fidel Castro vai empurrando seu país, numa marcha perigosa e temerária, para um destino imprevisível”. Para o escritor o grande erro dos comunistas era “antepor o progresso material às coisas do espírito”, tratava-se de um grande equívoco, de uma “cegueira materialista”.

Neste contexto de Guerra Fria o receio de uma revolução de comunista e de uma “cubanização” do Brasil levou a Igreja a investir num projeto solidarista como alternativa à crise. Alceu Kaspary nota que é justamente neste período, 1950, que emerge a *Cáritas Internacional*. A Cáritas é uma organização internacional idealizada pela Santa Sé com a finalidade (inicial) de dar assistência aos necessitados do campo e da cidade, através da distribuição de alimentos, medicamentos e outros utensílios. A Cáritas do Brasil foi criada em 1956 e tinha como um dos seus principais objetivos a organização da distribuição de donativos, provindos principalmente dos Estados Unidos. Neste contexto de disputas geopolíticas da Guerra Fria, após a Revolução Cubana, há, curiosamente, uma intensificação das doações da Cáritas, concomitantemente à difusão da “Aliança para o Progresso” do Presidente estadunidense Robert Kennedy. A distribuição de alimentos, nesta conjuntura tinha objetivos ideológicos bem claros, ao mesmo

⁵⁸LOCATELLI, Hugo. Cegueira materialista. **Luzeiro Mariano**. Blumenau, jan. de 1961, 1ª quinzena, p. 8

tempo em que promovia uma auto-imagem positiva dos católicos americanos, produzia também um ambiente que desfavorecia os vínculos com as idéias comunistas, afinal deveria haver um espírito de gratidão para com a solidariedade americana.⁵⁹

Blumenau também foi alvo das doações da Cáritas. A foto a seguir mostra os caminhões cedidos pelo prefeito municipal, Hercílio Deeke (UDN), para transportar os donativos americanos de Porto Alegre para Blumenau.

⁵⁹ KASPARY, Alceu. **O discurso católico em Santa Catarina no período de 1960/1964 e sua relação com a legitimação do golpe de Estado.** Op. Cit. p. 87-88



Figuras 7; 8. Caminhões vindos de Porto Alegre com donativos da Cáritas (EUA).

Na foto superior se encontram Frei Efreim e o prefeito municipal Hercílio Deeke

Fonte: Acervo Iconográfico. AHJFS

Mas Cuba não era a principal preocupação dos católicos. Havia muitas matérias sobre a URSS, Europa Oriental e China, “denunciando as atividades chinesas na América Latina”, comentando a “onda de fugas da zona soviética da Alemanha”, e etc. Alguns membros do clero foram veementemente contra a reafirmação de relações diplomáticas e comerciais com a União Soviética e contra a visita do General Tito ao Brasil.

No entanto, o anticomunismo não se utilizava apenas de imagens sinistras e horripilantes, havia também textos bem humorados e até com explicações e fundamentações mitológicas para o problema comunista. Acompanhem os seguintes.

Quando os gregos sentiram que jamais tomariam Tróia pela força das armas, lançaram mão de um ardil: fabricaram enorme cavalo de madeira e, deixando-o na praia, levantaram ancoras, simulando erguer o cerco. Os troianos ao verem o enigmático cavalo, imaginaram um novo deus ou um presente dos gregos. Resolveram então carregá-lo para dentro da cidade. Só o *sacerdote* Laocoonte se opôs: “tenho medo dos gregos – disse ele – mesmo que venham com presentes”. Seus patrícios não lhe deram ouvidos, porém, e os guerreiros gregos escondidos no bojo do quadrúpede, abriram as portas da cidade ao exército inimigo.

Depois da fracassada tentativa de 1935, os soviéticos perceberam sua incapacidade de conquistar o Brasil pela força e passaram ao jogo de todo bajulador: elogios e presentes pela frente, golpes e cuteladas pelas costas. Começou com o aceno de rublos para nossas finanças e o Governo foi na onda, contra a opinião dos Laocoontes da nossa Indústria e Comércio. Depois, aconteceu a espetacular manobra do reatamento de relações diplomáticas, autêntico presente de grego para o nosso povo. E agora, em recorde de cinismo diplomático, Kruschew convida o Presidente Goulart a comparecer à conferência do desarmamento em Genebra, dada a condição do Brasil de “país não comprometido”.

Três semanas atrás perambulou por aqui um casal típico da “nova classe” soviética; [...] almoçando com o Chanceler Santiago, dando entrevistas à imprensa, proclamando as conquistas sociais soviéticas, distribuindo sorrisos estereotipados, o genro de Nikita tentou desincumbir-se da tarefa do patrão, a ver-se leva na conversa os nossos governantes. E, como garantir o sucesso da missão, trouxe um cachorrinho para os filhos do

Presidente. Ante nosso espanto, explicou: “Cria da Laika, a cachorra astronauta”.
Na maré alta das amabilidades soviéticas, a pretexto de contribuição científica, até cachorro virou veículo de propaganda...¹

No âmbito nacional o *Jornal Luzeiro Mariano* elogiava as ações de Carlos Lacerda, governador da Guanabara e um dos principais opositores do governo de Jango. Para o jornal, “o governador da Guanabara está se revelando cada vez mais um grande baluarte anticomunista”. O jornal reproduzia trechos do discurso lacerdista, como este: “agora é o momento para dizer que não cederemos mais ao comunismo, nem para fazer negócios, [...]. Quero mostrar aos brasileiros os perigos que corre o nosso país. [...] Entram russos de fora para estimular os russos de dentro. Sob o pretexto de anti-imperialismo instalam-se aqui para o grande salto da Rússia sobre a América do Sul”.²

Em relação ao governo Goulart o *Luzeiro Mariano* tinha uma posição que oscilava conforme a situação. No início de seu governo louvou sua posição frente ao comunismo, como podemos ver na matéria intitulada “Repudiamos qualquer doutrina contrária aos nossos sentimentos de povo católico”. O título da matéria era uma frase pronunciada por João Goulart durante os festejos comemorativos ao aniversário da cidade de Marília-SP, o jornal reproduziu um resumo do pronunciamento presidencial. No discurso Goulart assinala que sua missão era trabalhar em benefício da pátria, da família e da paz.

“O Governo brasileiro, quero acentuar bem, só tem um padrão: esse padrão é o povo brasileiro, são os interesses da nossa pátria. [...] Repudiamos qualquer doutrina contrária aos nossos sentimentos de povo católico. [...] Aqui não aceitamos o extremismo comunista, como não aceitamos subordinação, parta de onde partir. [...] Jamais permitirei que se instale um regime comunista. [...] não tenho outro propósito que não seja o de ajudar a indústria, de ajudar a agricultura, de ajudar as forças vivas da produção,

¹ BEAL, Tarcisio. Velha tática de conquista. *Luzeiro Mariano*. Blumenau mar. de 1962, 2ª quinzena, p. 3

² Carlos Lacerda o grande baluarte. *Luzeiro Mariano*. Blumenau ago. de 1961, 1ª quinzena, p.

de ajudar o comercio, para que eles, ajudados, assistidos, para que eles amparados, possam também ajudar, assistir e dignificar as forças do trabalho, que também tem o direito de viver como criatura humana”.³

A posição inicial de Goulart era bem vista pela Igreja, pois era uma posição nacionalista que defendia a família e trabalho, valores caros ao catolicismo. Ele se colocava ao lado da classe proprietária, pois na sua visão ela seria a responsável pela dignidade dos trabalhadores, afinal estas infelizes criaturas humanas também tinham o direito à existência. Mas Goulart respondia mais aos anseios da Igreja quando se colocava contra o comunismo, inimigo-mor da Igreja.

No entanto, esta simpatia ao governo Goulart poderia mudar ao sabor dos acontecimentos e de forma imprevisível. Como podemos ver numa matéria, publicada quatro meses depois, intitulada: “O governo demora tanto em combater o comunismo que será ele próprio engolido pelos vermelhos”.⁴ Tratava-se de uma frase proferida por Dom Jaime de Barros Câmara em seu programa “Voz do Pastor”. Para o cardeal o governo demorava para sufocar o comunismo no Brasil, assim, “ele próprio será engolido pelas chamas incendiárias dos vermelhos”. Conforme o clérigo, não era sua intenção se manifestar censurando o governo, pois seria contraditório para ele que pregava e observava o respeito à autoridade, mas era justamente neste ponto que os comunistas agiam, eles promoviam a subversão da autoridade pela indisciplina e desta forma desprestigiavam o governo. Em sua opinião se o governo continuasse conivente e tolerante com tal situação corria-se o risco de “suicídio coletivo”. O Cardeal termina questionando: “O que se espera, enfim, para adotar medidas sérias e eficientes em prol da ordem pública?”.

O Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara do Rio de Janeiro, um dos principais líderes da Igreja Católica no Brasil, era também uma das principais referências do conservadorismo católico em matéria política. Combatente anticomunista, Dom Jaime Câmara se tornou um dos mais ferrenhos críticos do governo Goulart. Entre o clero catarinense gozava de muito prestígio, uma vez que ele mesmo era filho deste Estado, natural de São José. Nas terras catarinenses começou seu ministério

³ Repudiamos qualquer doutrina contrária aos nossos sentimentos de povo católico. **Luzeiro Mariano**. Blumenau abr. de 1963, 2ª quinzena, p. 6

⁴ O Governo demora tanto em combater o comunismo que será ele próprio engolido pelos vermelhos. **Luzeiro Mariano**. Blumenau jul. de 1963, 2ª quinzena, p. 1

sacerdotal, trabalhando desde 1920 na Catedral de Florianópolis, posteriormente em Tijucas e Brusque. Dom Jaime Câmara saiu do Estado em 1936 quando foi sagrado bispo de Mossoró (RN), depois em 1941 foi designado Arcebispo de Belém e em 1943, do Rio de Janeiro, sendo ali sagrado Cardeal em 1946. Embora distante geograficamente, a presença e influência do filho ilustre das terras catarinenses não podem ser ignoradas, pois tinha estreita ligação com Dom Joaquim Domingues de Oliveira, Arcebispo de Florianópolis, e seus discursos tinham grande importância nos jornais católicos do Estado.⁵

A ordem pública e as “atividades subversivas” também eram preocupações dos sacerdotes da Diocese de Joinville, embora no Luzeiro Mariano houvesse uma certa ausência de referências ao perigo comunista no Vale do Itajaí. Não encontramos nenhum artigo assinado pelo bispo diocesano Dom Gregório Warmeling alertando ou se manifestando sobre o assunto. No entanto, temos indícios da dimensão do problema no texto a seguir:

Sob a presidência de sua Excia. Revma. Dom Gregório Warmeling se reuniram em Blumenau no dia 25 de julho na paróquia de Blumenau 70 sacerdotes. Importantes assuntos referentes à situação atual do país foram ventilados. [...] Pelas 5 horas chegaram os srs. Secretário da Segurança pública e o Delegado da Ordem Política e Social acompanhados pelo deputado Honorato Tomelin. Os assuntos que foram ventilados diziam respeito à situação grave e agitada do país e principalmente de Santa Catarina. Foi de grande utilidade a conferência do sr. Secretário de Segurança e do sr. Delegado da DOPS e temos certeza que os Revmos. senhores vigários voltaram para as suas paróquias, mais orientados e alertados.⁶

O texto acima assinala a preocupação dos sacerdotes com a manutenção da ordem então vigente e o risco desta ordem vir a ser alterada. Vale ressaltar que tanto Honorato Tomelin, quanto o secretário de segurança pública, Jade Magalhães, eram membros do PRP

⁵ KASPARY, Alceu. Op. Cit. p. 70-72

⁶ Setenta sacerdotes da diocese de Joinville reunidos em Blumenau. **Luzeiro Mariano**. Blumenau jul. de 1961, 2ª quinzena, p. 6

(agremiação política criada para congregar antigos militantes integralistas).

No ano seguinte, no mês de junho, os religiosos viriam estar reunidos em torno do tema novamente na cidade de Gaspar. Conforme o jornal *Lume*, o conclave iria receber religiosos de todo o sul do Brasil, sob o objetivo principal de formar uma Aliança Eleitoral pela Família. Todavia, a pauta da reunião também elencava temas como a organização da Frente Agrária Catarinense, com criação de sindicatos rurais, a ação social, a educação de base, a moralização pública e, claro, o “combate ao comunismo”.⁷

No ano de 1962 o clero catarinense se reuniu em Florianópolis, desta reunião resultou uma declaração conjunta dos bispos de Santa Catarina, dentre os diversos pontos elencados no texto temos a condenação ao comunismo.

Se combatemos abusos do capitalismo porque contrários à justiça social e à moral cristã, não podemos silenciar ou deixar de levantar Nossa voz para condenar com veemência as aberrações do comunismo que é “intrinsecamente mau”, na palavra autorizada do S. Padre Pio XI, porque não apenas contraria um ou outro postulado da JUSTIÇA e da MORAL, como destrói pela base todo o fundamento da ordem moral e religiosa quer natural, quer positiva e sobrenatural, mas atenta ainda contra o próprio Deus e a dignidade da pessoa humana pelo esmagamento implacável dos mais sagrados direitos como o direito à vida, à liberdade, à propriedade, ao livre exercício e prática religiosa.

[...]

Lamentamos, por isso, profundamente que sob a pérfida e enganosa aparência de “coexistência pacífica” ou de “cristãos progressistas”, não só se facilite a infiltração comunista em todas as classes sociais e setores de atividade, mas até se confiem postos chaves na administração pública, inclusive nos Palácios governamentais, a públicos e notórios ativistas e militantes do comunismo internacional, apátrida, materialista e ateu.⁸

⁷ Altos dignatários da Igreja estarão reunidos amanhã em Gaspar. *Lume*. Blumenau, 03 de junho de 1962, p. 1

⁸ KASPARY, Op. Cit., pp. 58-62

Para Alceu kaspary, o discurso católico em Santa Catarina foi fundamental na legitimação do Golpe de Estado no ano de 1964. O Golpe simbolizava a purificação da Nação. Aqui concordamos com Peter Berger, quando afirma que “a religião serve, assim, para manter a realidade daquele mundo socialmente construído no qual os homens existem nas suas vidas cotidianas”.⁹ A religião dá legitimidade a uma determinada ordem social e faz com que pareça evidente. Esta ordem social pela qual lutava a Igreja Católica conservadora foi selada no golpe de estado de 1964. As comemorações deste acontecimento ocorreram nas diversas Marcha da Família com Deus realizadas nas principais capitais e cidades do Brasil.

3.2 A MARCHA DA FAMÍLIA COM DEUS E PELA LIBERDADE

Por todo o Brasil neste período se multiplicaram as Marchas da Família com Deus pela Liberdade. A marcha de São Paulo, no dia 19 de março, inaugurou e inspirou uma série de eventos semelhantes. A marcha de São Paulo foi uma das maiores manifestações de repúdio ao comunismo e arrastou milhares de fiéis às ruas para protestar contra o governo de João Goulart, foi uma resposta clara ao comício do dia 13 de março na Central do Brasil, onde Jango havia criticado o uso reacionário de símbolos religiosos contra as Reformas de Base. A Marcha que inicialmente foi projetada para se chamar “Marcha do Desagravo ao Santo Rosário”, foi rebatizada, pois o objetivo era congregar indivíduos de outros credos, e não somente os católicos. A marcha em São Paulo acabou com a celebração de uma missa “pela salvação da democracia”.

Todavia, as marchas não gozavam de apoio unânime no seio da Igreja Católica, na década de 60 a dissonância de vozes no interior da Igreja era patente, de um lado o Cardeal Arcebispo Dom Jaime Câmara nas suas alocações radiofônicas pregava um anticomunismo cada vez mais ferrenho, por outro lado outros arcebispos não se envolviam na escalada conservadora protagonizada por alguns setores católicos, era o caso de Dom Carlos Carmelo Mota de São Paulo e Dom João Resende Costa de Belo Horizonte, que ignoraram as Marchas da Família ocorridas em suas cidades.

⁹ BERGER, Peter. Op. Cit. p. 55

Essas diversas Marchas da Família com Deus pela Liberdade que aconteceram nas principais capitais dos estados brasileiros eram organizados por setores católicos, parcelas da classe média, políticos conservadores, pelos movimentos femininos e pela elite empresarial. O programa das Marchas era o combate à política “populista” e o “comunismo”. O comunismo obviamente por representar um risco à propriedade privada e pela sua faceta “materialista e ateuista”. Ainda era ressaltada a defesa das “liberdades individuais”, uma vez que, segundo o raciocínio da época, o comunismo iria implantar um sistema totalitário que suprimiria e esmagaria o indivíduo, valor caro à tradição liberal. As Marchas também tinham uma peculiaridade, o uso de símbolos religiosos, como o terço e o rosário, nas manifestações de massa.¹⁰

O uso de símbolos naqueles episódios tinha especial importância, pois congregava os católicos em torno de objetivos comuns, numa comunidade de propósitos. Bronislaw Bazcko no ensina que “os símbolos só são eficazes quando assentam numa comunidade de imaginação. Se esta não existe, eles têm tendência a desaparecer da vida coletiva, ou, então, a serem reduzidos a funções puramente decorativas”.¹¹

Patrícia May assinala que no Estado de Santa Catarina as marchas eram organizadas numa confluência de forças de grupos femininos de elite, membros das Forças Armadas e do clero. Na capital do Estado, as mulheres de elite, “ladeadas pelo arcebispo metropolitano, Dom Joaquim Domingues de Oliveira, faziam caminhadas, congregavam a todos em nome da fé, a levantarem suas bandeiras contra o comunismo. Denunciavam, assim, o caos político em que se encontrava o País, prestes a cair nas mãos do comunismo ateu”.¹²

Em Blumenau, em virtude da data, a Marcha da Família teve um caráter comemorativo, e havia muitos motivos para comemorar, afinal haviam sido desbaratadas as forças comunistas da cidade pelos próprios civis. Por outro lado, era uma oportunidade de homenagear as tropas do 23º RI pela sua atuação na tarefa de salvar o Brasil do comunismo. Por isso, nem a chuva do dia 21 de abril de 1964 impediu a “manifestação cívica”. Embora com “atraso” a marcha de Blumenau não foi menos radiante. A marcha foi organizada pelo clero, com ajuda de empresários,

¹⁰ CODATO, Adriano Nervo; OLIVEIRA, Marcus Roberto de. A marcha, o terço e o livro: catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 24, nº 47, pp. 273-4.

¹¹ BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. Op. cit. p. 325.

¹² MAY, Patrícia Zumblick Santos. Redes político-empresariais de Santa Catarina (1961-1970). Op. cit. p. 129.

autoridades civis e militares e por movimentos femininos.¹³ Em Blumenau, como o regime militar já estava estabelecido, a marcha foi uma espécie de “catarse democrática” onde os mais profundos instintos cívicos foram saciados.

O povo de Blumenau, pelo que de mais representativo possui – governo, classes produtoras, donas de casa, escolares e operários – vem hoje à praça pública manifestar a sua alegria incontida em face da redemocratização do país. A MARCHA DA FAMÍLIA COM DEUS, PELA LIBERDADE, marcará, sem dúvida, o extravasamento dos sentimentos de liberdade de toda uma coletividade, integrada do desejo único de trabalhar em paz, certa de que, os poderes governamentais cuidam dos supremos interesses da nação. [...] a MARCHA DA FAMÍLIA COM DEUS, PELA LIBERDADE será um espetáculo inesquecível nos anais da democracia em Blumenau. Conclamamos todo o povo a estar presente a esta festa cívica, estuante de patriotismo, na certeza de que, desta vez, esta banida para todo o sempre a ameaça de dominação comunista na querida Pátria brasileira.

¹⁴

No evento discursaram varias pessoas com destaque para o frei Bráz Reuter, o pastor Diether Prinz, a Sra. Asta Zadrosny, o empresário Cássio Medeiros, o professor José Ferreira da Silva e o contra-almirante Murilo Vasco do Vale Silva. Novamente, torna-se importante tentar situar os lugares sociais dos sujeitos envolvidos na marcha. Frei Braz Reuter era um dos tradicionais combatentes do comunismo, já sobre o pastor Diether Prinz não temos informações precisas. Asta Zadrosny era esposa do importante empresário e futuro prefeito, Carlos Curt Zadrosny, um dos proprietários da empresa Artex. Cássio Medeiros e José Ferreira da Silva eram jornalistas e antigos militantes integralistas, sendo que o último já havia sido prefeito durante o Estado Novo.

¹³ O patriotismo da mulher blumenauense. **Ronda Barriga-Verde**. Blumenau 01 maio 1964, p. 8

¹⁴ A Marcha da Família com Deus pela Liberdade. **Ronda Barriga-Verde**. Blumenau 01 maio 1964, p. 8

MARCHA DA FAMÍLIA COM DEUS E PELA LIBERDADE

Em mais uma grandiosa demonstração pública de seus sentimentos cristãos e democráticos, do seu tradicional e estranhado amor à Pátria, Blumenau fará, a 21 do corrente, às 15 horas, uma grandiosa parada de civismo, solidarizando-se assim, com a mulher brasileira que, em todos os recantos do Brasil, externa de maneira vibrante, na hora presente, a sua fé em Deus e na Liberdade.

A marcha da Família Blumenauense, com Deus e pela Liberdade, obedecerá ao seguinte

PROGRAMA

DIA 21 DE ABRIL DE 1964

Às 15,00 horas - Cultos de todos os credos religiosos existentes em Blumenau, em seus respectivos templos, Missa Campal no pátio do Colégio Sagrada Família, e Culto da Comunidade Evangélica, na Escola Barão do Rio Branco.

Às 15,45 horas - Grande concentração de todos os participantes no pátio do Colégio Sagrada Família e organização do desfile, cuja ordem de agrupamentos, a cargo do 230. R. L. obedecerá ao seguinte esquema: Associações de Senhoras e Moças católicas e Evangélicas; Bandeirantes; representações escolares e do professorado; familiares e povo em geral

O desfile seguirá pelo seguinte itinerário: - Rua 7 de Setembro, Padre Jacobs, 15 de Novembro - até Alameda Rio Branco, passando por esta e voltando pela Rua 7 de Setembro ao pátio do Colégio Sagrada Família, onde se realizará a solenidade cívica, falando, do palanque oficial, vários oradores, a saber:- Frei Bráz Reuter; Pastor Diether Prinz; Sra. Asta Zadrozny, representando a mulher blumenauense; Sr. Cássio Medeiros, Dr. Hécio Reis Fausto e Sr. José Ferreira da Silva, encerrando-se, a manifestação cívico-religiosa com a entoação do Hino Nacional por todos os presentes.

A Comissão Organizadora da grandiosa manifestação de Fé Cristã e Democrática convida todos os blumenauenses para tomarem parte nas solenidades, e, em uníssono com as autoridades cívicas, militares e eclesásticas deste Município, darem uma entusiástica e vibrante prova pública de apoio aos que se levantam contra o perigo comunista que nos ameaça.

Ninguém deve deixar de participar da

MARCHA DA FAMÍLIA, COM DEUS E PELA LIBERDADE.

Às 15,45 horas do dia 21 de abril corrente

A COMISSÃO

Figura 9. Panfleto-convite para a Marcha da Família com Deus e pela Liberdade
Fonte: Acervo Iconográfico. AHJFS

No seu discurso Cássio Medeiros enfatizou o risco que corria o Brasil caso o comunismo triunfasse.

Poderíamos estar agora, blumenauenses, se não fosse havéssemos acordado em tempo e reagido contra as forças do mal, na mesma situação em que se encontra Cuba, Polônia, Hungria e outros países que perderam a liberdade e hoje sofrem o domínio moscovita. Agora tudo passou. As horas de angústia, de apreensões, de expectativas e de receios.¹⁵

Já o contra-almirante Murilo Silva destacou o exemplo de Blumenau para o Brasil e o papel da mulher enquanto guardiã das tradições familiares.

Esta magnífica demonstração de fé e de esperança que hoje dá ao Brasil o povo de Blumenau é uma garantia de que neste país jamais serão espontaneamente aceitas a tirania, a violência e a opressão. [...] Vemos hoje o magnífico exemplo que nos oferece a Mulher Brasileira. Dignas depositárias das nossas tradições mais caras, a mulher brasileira em defesa do lar, e dos filhos, nos dá uma preciosa lição de civismo, da mais pura e elevada concepção do patriotismo.¹⁶

É significativa a inserção de grupos femininos na esfera pública a partir de 1962. Neste período, muitas mulheres assumiram a linha de frente de manifestações políticas contra o comunismo, o governo de João Goulart e as atividades de Leonel Brizola.

Segundo Solange de Deus Simões, esses grupos femininos inauguraram um novo estilo de atuação pública, uma vez que “elas se lançaram na esfera pública a partir da sua condição de seres privados”.¹⁷ Essas mulheres ao se apresentarem publicamente como mães e donas-de-casa não buscavam romper com o patriarcalismo vigente, que perpetuava o domínio masculino na esfera pública, pois a sua luta era

¹⁵ Trechos do discurso pronunciado por Cássio Medeiros e 21/04/1964, por ocasião da Marcha da Família com Deus e pela Liberdade. **Ronda Barriga-Verde**. Blumenau 01 maio 1964, p. 6

¹⁶ Temos Que Lutar Para Restaurar o Primado da Moral e da Honestidade. **Ronda Barriga-Verde**. Blumenau 01 maio 1964, p. 6

¹⁷ SIMÕES, Solange de Deus. **Deus, pátria e família. As mulheres no Golpe de 1964**. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 10.

provisória e emergencial, deixavam o lar para se lançar as ruas e a praça pública para proteger os interesses da família, da moral, da propriedade, de Deus, da pátria. Não reclamavam o estatuto de cidadãs, mas o de donas-de-casa, mulheres e mães, o que lhes dava o direito moral e lhes investia de uma aura divina. “Podemos afirmar que aquelas mulheres não se organizaram enquanto cidadãs que reivindicavam seu direito à participação na vida pública e política do país. Foram, antes, incumbidas por homens de uma missão que era a de arregimentar a opinião pública para o golpe militar de 1964”.¹⁸

Todavia, neste ponto é importante situar as críticas de Janaína Martins Cordeiro a uma linha interpretativa que privilegia o papel masculino na arregimentação das mulheres para a militância política conservadora. Janaína Cordeiro destaca a importância dos trabalhos de René Dreifuss¹⁹ e Solange de Deus Simões²⁰, mas indica seus limites, principalmente quando negam a autonomia das organizações femininas e afirmam a cooptação de tais entidades por organizações como o IPES (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais). Para a autora, é preciso “entender a participação política destas mulheres como uma opção consciente de militância conservadora em defesa de valores e instituições a partir das quais suas vidas eram organizadas”.²¹

Neste ponto é preciso compreender a colaboração de tais mulheres na luta anticomunista pelas contingências do próprio contexto. Afinal, essas mulheres de elite e classe média somente se lançaram à esfera pública com terços e rosários na mão por que acreditavam que seu mundo estava realmente em perigo, que o comunismo ameaçava ruir o que para elas era mais sagrado, a saber: os valores cristãos, a família e a pátria. Para elas não havia a compreensão do comunismo como um sistema político, o comunismo era encarado como uma “doutrina”, cujo principal objetivo seria o de “subverter a moral, eliminar a religião e separar os pais dos filhos”.²² Oriundas da classe média, não procuravam romper com seu papel idealizado de mães e esposas, pelo contrário eram esses atributos que lhe conferiam a autoridade e a legitimidade para atuar e fazer sentir sua presença na esfera política.

¹⁸ Idem, p. 43.

¹⁹ DREIFUSS, René. Armand. **1964: a conquista do Estado**. Petrópolis: Vozes, 1981

²⁰ SIMÕES, Solange de Deus. **Deus, pátria e família. As mulheres no Golpe de 1964**. Petrópolis: Vozes, 1985.

²¹ CORDEIRO, Janaína Martins. **Direitas em movimento: a Campanha da Mulher pela Democracia e a ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 118

²² SIMÕES, Solange de Deus. **Deus, pátria e família. As mulheres no Golpe de 1964**. Op. Cit. p. 85



Figura 10. Sra. Asta Zadrosny discursando na Marcha da Família.

Fonte: Acervo Iconográfico. AHJFS

Feitas estas observações sigamos o discurso da Sra. Asta Zadrosny proferido na ocasião da marcha da família e publicado no jornal “A Tribuna”.

Exmas. autoridades, senhoras, senhores, a blumenauenses!

Estimados ouvintes, quem vos fala é uma mãe brasileira, mãe igual a estas muitas, que aqui estão. O destino quis, que fosse logo eu, escolhida, para nesta data festiva, falar em nome da mulher blumenauense. Preciso confessar, que me sinto um tanto tímida, mas ao mesmo tempo muito honrada e feliz. A grande crise passou, e a esperança, que doravante tudo nos corra bem, nos faz vibrar.

Dia 21 de abril, dia do Próto-mártir da Independência, um símbolo da vontade indomável e do espírito de liberdade do povo brasileiro. Foi este dia muito bem escolhido, para a em conjunto comemorarmos a nossa vitória, a vitória do Povo, a liberdade da Família Brasileira. Estávamos um perigo tão grande, que nem podemos avaliá-lo em toda sua magnitude.

Mas o povo brasileiro mostrou, bem claro, que sua bondade e tolerância, não chegaram ao ponto da indulgência. Devemos muito as Forças Armadas e aos Governadores democráticos, que, na hora exata, souberam impor-se.

Sabemos porém, que ainda não chegamos ao fim da luta. Muito nos cabe fazer, e não só aos homens. Num país livre, em que a mulher goza desta liberdade, ela automaticamente se torna responsável, pela sobrevivência da mesma.

Muitas podem pensar: como que podemos ajudar, e estamos presas à casa, cuidando de nossos filhos. Mesmo numa hora festiva como esta, só podemos participar escutando a transmissão pelo rádio. Pois bem, corajosa e abnegada mãe: não é base, desta nação, a nossa juventude? Vossa principal tarefa consiste em educá-la. Fazei de vossos filhos homens no verdadeiro sentido da palavra.

Fazei que vossas filhas, sejam mães carinhosas e esclarecidas, transmitindo por sua vez, aos seus filhos a educação sadia que lhes destes. Guardemos nossos corações livres de qualquer ódio, para que o amor possa pouco para todo nosso ser.

Nós podemos influenciar os nossos maridos, os nossos irmãos com carinho das nossas sugestões, nos momentos de suas grandes decisões.

Sejamos ainda e exemplos vivos da solidariedade cristã para que, com ajuda de Deus encaminharmos nossos filhos para os ideais da verdadeira e brasilidade.

Não podemos viver sob um regime que nos impede, a sentir e a pensar como um ser humano, que nos impede a falar, a rezar. Muitas e muitas moças e senhoras já se dedicam ao serviço educativo, ao serviço em benefício de seu próximo: as religiosas, as professoras, os diversos ramos de assistentes sociais, médicas, enfermeiras, soroptimistas, bandeirantes e tantas e tantas outras, não só em Blumenau, mas em todo esse imenso país que é nossa Pátria.

Blumenauenses, que aqui estamos reunidos sob o símbolo que é a nossa Bandeira verde-amarela, aqui estamos para expressar nossa solidariedade

aos irmãos e irmãs do Norte ao Sul, desta grandiosa e sublime mãe, que é a nossa terra brasileira.

Que Deus nos guarde um Brasil unido, forte e livre, esses são os nossos votos.

A escolha do dia 21 de abril para a realização da marcha foi a oportunidade de resgatar a memória de Tiradentes e apropriar-se para usá-la em benefício de um certo discurso da liberdade, afinal Tiradentes simbolizava o combate a tirania, luta em que teve que sacrificar a própria vida, derramar o próprio sangue. A luta de Tiradentes simbolizava o combate ao domínio estrangeiro, à servidão e espoliação, desta forma foi muito oportuno trazer à lembrança este mártir da liberdade.

José Murilo de Carvalho assinala que a figura de Tiradentes, como herói cívico, começou a ser construída já no segundo reinado. A literatura o alçava à categoria de mártir revolucionário, cujo sangue foi derramado em nome da liberdade. Aos poucos Tiradentes apareceu idealizado como “o Cristo da multidão”. A simbologia e a analogia entre Tiradentes e Jesus Cristo eram utilizadas pelos republicanos para sensibilizar a população. Neste contexto, a força de Tiradentes foi equiparada a cruz, o Rio de Janeiro a Jerusalém, o calvário ao Rocío. Era a construção do mito Tiradentes e a intensificação do culto cívico ao herói nacional, o dia 21 de abril, apropriado pela República, tornou-se uma espécie de sexta-feira Santa. O desfile pelas ruas do Rio de Janeiro lembrava a via dolorosa enfrentada por Cristo. A arte da época se encarregou de transformar cada vez mais o enforcamento de Tiradentes na crucificação de Cristo. Segundo o autor, o êxito na construção do culto cívico a Tiradentes e a paulatina transformação de Tiradentes em um Cristo cívico, esteve ligado ao imaginário e a tradição cristã do povo.²³

O jornal da empresa têxtil Artex, *Mensagem Artex*, também explorou a imagem de Tiradentes fazendo uma analogia com os acontecimentos.

Este ano, as comemorações do mártir da independência tiveram sentido singular, face à circunstância de terem que ocorrido quando o Brasil vivia sob a emoção cívica e ousada pela sua

²³ CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 55-75

libertação da ameaça comunista. A pátria cultuou, por isso, no último dia 21 de abril, com redobrada reverência, a memória imperecível do grande Herói, cujo sublime sacrifício fora mais presente que nunca para o alento dos bons brasileiros - militares e civis - que ora tinham também se rebelado contra a humilhante situação nacional. Salve, Tiradentes! O Brasil será eternamente orgulhoso de ti, que és vulto fulgurante da nossa história!²⁴

Grande parte do percurso da marcha foi realizado na rua XV de novembro, tradicional palco de manifestações políticas em Blumenau, na linguagem da época uma das “principais artérias” da cidade, com uma força simbólica muito grande. Aqui vale acrescentar uma contribuição de Balandier, no seu livro, “*o poder em cena*” ele nos ensina que “no decorrer de sua história toda cidade se enriquece de lugares aos quais pode ser atribuída uma função simbólica, recebida por destinação ou em virtude de algum acontecimento político. São os teatros onde se apresentam a sociedade ‘oficial’”.²⁵ A rua XV de novembro é um destes palcos onde o poder se reveste com as técnicas do teatro.

Foi na rua XV, percurso da marcha, onde se deu um confronto simbólico que marcou a memória do principal líder comunista da época, Francisco Pereira, sigamos sua narrativa.

Eu já estava preso, mas a minha senhora tinha ido a Blumenau no meu apartamento [...]. Minha esposa tinha ido a Blumenau pegar minhas coisas que tinha lá, meus moveis e devolveram. E aí havia a marcha, toda cidade marchando e ela a única que marchava em sentido contrario, ela estava indo em direção à rodoviária e marcha vinha da igreja, mas eu estava preso, e para o estarrimento dela todos olhando para ela, vaiando. Talvez muitos não conhecessem quem fosse, mas não estavam entendendo que ela não participasse da “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” (risos).²⁶

²⁴ A lição de Tiradentes. **Mensageiro Artex**. Ano I, nº 4. Blumenau, abril de 1964, p. 1

²⁵ BALANDIER, Georges. **O poder em cena**. Brasília: UNB, 1982, p. 11.

²⁶ PEREIRA, Op. Cit.

Neste sentido, podemos falar da rua XV de novembro como um lugar simbólico e de memória, mais especificamente da memória política. Pierre Nora nos adverte que um lugar de memória só é considerado como tal se “a imaginação o investe de aura simbólica”. Estes lugares possuem três características principais, são materiais, simbólicos e funcionais. São eles que garantem “ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão”.²⁷

²⁷ NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, (10), dez. 1993, pp. 21, 22.



Figuras 11; 12. Marcha da Família com Deus e pela Liberdade

Imagens da Marcha da Família com Deus e pela Liberdade realizada no dia 21 de abril de 1964, nas faixas o desejo de uma nação cristã e o repúdio ao comunismo. **Fonte:** Acervo Iconográfico. AHJFS.

A Marcha foi uma grande demonstração da força do catolicismo em congregar os fiéis, e até mesmo os membros de outras confissões religiosas, no objetivo de conjurar o fantasma do comunismo. Aqui concordamos com Maffesoli, quando afirma que “não há política sem

religião. Religião no sentido estrito: o que une as pessoas partilhando um conjunto de pressupostos comuns”.¹

Gostaríamos de concluir este capítulo com a citação de trechos de uma longa carta escrita pelo advogado Herbert Gerorg ao Frei Efrem, vigário da paróquia de São Paulo apóstolo, de Blumenau. A carta nos informa a dimensão e a complexidade das interrelações entre religião e política, ao mesmo tempo em que sintetiza os sentimentos, ressentimentos e paixões políticas dos envolvidos no processo que culminou com o golpe de 1964 e suas conseqüências.

Rio, 12/12/64
Caro Frei Efrem,

Conforme V. S., por certo, já soube, acho-me asilado da embaixada da Bolívia aguardando que o Itamaraty forneça o salvo-conduto. Mas, sem cometer uma injustiça imperdoável, não poderia deixar de dirigir-vos com algumas palavras de sincero agradecimento. Consciente ou inconscientemente, tornou-se V. S. o principal responsável pela imensa felicidade que me fora proporcionada, com os acontecimentos que vem coroar com meu exílio no estrangeiro. E o meu agradecimento é tanto mais justificado, quando considerarmos que V. S., por um destino imponderável teve que vir daquela inesquecível Alemanha de Hitler, para deslocar me meu Blumenau e da minha pátria. Quando disse acima, que devo agradecimentos a V. S., não foi hipócrita. O fato de, depois das memoráveis Marchas da Família, com Deus pela Liberdade, as autoridades da “benemérita” revolução haverem estraçalhado o meu patrimônio e dispersar a minha família, não constitui motivo de ressentimento algum. Ao contrário, veio demonstrar-me o perigoso grau de aburguesamento a que havia descido. (...) Imagine V. S. as condições em que vivia, de um lado - seguindo os ditames perigosíssimos da racionalidade - não poderia eu deixar de respeitar a miséria e a fome que vitimam a quase totalidade

¹ MAFFESOLI; Michel. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 1997. p. 38

do pobre povo brasileiro, e do outro lado, alimentando me relativamente bem, gozando de um conforto razoável, sentia o freio do conservadorismo. Por que o pobre não é conservador? Por que ele desconhece a história (...) e nada o prende ao passado, ele não tem ascendentes célebres, ele não possui móveis ou imóveis que lhe relembram o pai, o avô, o bisavô, ele não tem álbuns de fotografias, ele não tem quadros, etc, etc. ..., O pobre não possui, acima de tudo, um lar que lhe pudesse prender ou frear. se porventura possuir um rádio, a situação piora. Ele escuta falar das belezas de um lar feliz; escuta embasbacado as “finesses” de como se arranja os móveis, as cortinas, e de mil outras cousas de um lar. (...) Mas, acontece que ele não tem lar, nem possui os meios para sentir aqueles sábios conselhos. Com a televisão e o cinema, caro frei, as conseqüências ainda se agravam mais. Agora ele vê, com aqueles olhos que Deus lhe deu, não somente as instalações necessárias e convenientes para um verdadeiro lar, ele vê também o luxo, as extravagâncias e das orgias. E então ele, o pobre caboclo, fica com uma pulga atrás da orelha. Mas tudo aquilo ainda não é o suficiente para que ele compreenda porque se fala tanto em “tradição”. Sim, porque ele não tem tradição, nem as condições para tê-las. A única coisa tradicional que pode existir para ele seria o culto a Deus, porque também o pai e os avós o cultuavam. é por isso, caro frei Efreim, que compreendo perfeitamente o zelo com que os sacerdotes cuidam para que ele não deixe esta última tradição. É por isso, também que compreendo que os sacerdotes e se convertam em verdadeiras feras, contra qualquer um que se atreva a diminuir a crença do caboclo nessa tradição. E já que o regime social - o regime capitalista - não pode existir sem a classe de explorados, pelo menos não se prive essa classe da última esperança - a bem aventurança junto a Deus. Onde já se viu, caro frei, aparecerem homens que pregam a supressão das classes sociais? Como poderia a sociedade de existir sem que haja classes exploradoras e exploradas? (...) Mas, desculpe

caro frei Efrem, se me desviei do assunto. O meu intuito era exclusivamente agradecer V. S. , pela liberdade que me foi proporcionada. Fiquei livre dos laços que me prendiam os bens temporais. Fiquei livre do perigo de aburguesamento. Agora estou realmente em condições de lançar me a luta, com redobrado vigor. Não julgue V. S., que irei à Bolívia para lá ficar. Não, caro frei, irei a Alemanha a sua pátria. Não parece um verdadeiro paradoxo V. S. vem ao Brasil da Alemanha hitlerista, e eu com a ajuda de V. S. irei a Alemanha marxista? mas, como é natural, caro frei, não pretendo ficar para sempre. O meu lugar é aqui no Brasil. Voltarei, caro frei Efrem, pode V. S. estar certo, e quando eu voltar irei expressar pessoalmente a minha gratidão. Mas não queira V. S. interpretar escolasticamente esse meu intento. Não pense V. S. de promoverei marchas da família, com Deus pela liberdade, para prender dezenas de milhares de cidadãos, para estraçalhar patrimônios, para invadir e violar lares, para matar e torturar filhos de Deus, e para promover a farsa do julgamento. Voltarei, para lutar pela autodeterminação e para proporcionar ao povo brasileiro as condições materiais que lhe permitam uma vida espiritual condizente com seres humanos. Será que V. S. pertence a uma organização poderosíssima. Sei que essa organização é alimentada e escorada pelo capitalismo internacional - organização mais poderosa ainda. Mas caro frei, eu também tenho meios de luta. Não pertenço a organização internacional alguma, mas, tenho a solidariedade honesta que e sincera das classes exploradas dos países capitalistas e, acima de tudo a amizade dos cidadãos dos países socialistas. E, como V. S. por certo não ignora, não estou ao lado das forças decadentes. É justamente por ter consciência de achar-me no lado mais forte, não posso alimentar ódios contra os vermes que, consciente ou inconscientemente promovem a desgraça de meu povo. A condescendência e a piedade sempre foram o apanágio do mais forte. Entretanto, caro frei Efrem, um conselho permita-me a dar a V. S. : cuidado com a ira daquele mesmo povo que é

mantido criminosamente na ignorância. Se não nos é permitido expor ao povo o regime que nacionalista, ninguém se queixe quando, na reviravolta, forem cometidas arbitrariedades e excessos. A culpa não caberá a nós, os nacionalistas, e sim, aqueles que mantêm, consciente ou inconscientemente, ao povo. A voz do povo é a voz de Deus; o capital imperialista, somente nos poderá amparar enquanto exista. Com esse conselho, caro frei Efreim, queira permitir que me despeça. Na república democrática alemã estarem às ordens de V. S. enquanto as condições materiais não permitirem que eu possa aqui mesmo lutar pela felicidade de meu povo. Saudações socialistas. Herbert Georg.²

² Superior Tribunal Militar. Auditoria da 5ª Região Militar. Curitiba. Processo 251. Volume VI, p. 1121-1123.

Possível A Redução Do Numero Dos Partidos Politicos No Brasil

A NAÇÃO

O Primeiro Fogueiro Civil

REALIZADA EM BLUMENAU SOB COPIOSAS CHUVAS A "MARCHA DA FAMILIA COM DEUS, E PELA LIBERDADE"

Nem no mau tempo conseguiu estriar o ardor civico da populacao local

Blumenau, 24 de março. - O primeiro fogueiro civil realizado em Blumenau, sob copiosas chuvas, teve lugar no dia 23 de março...



O mundo em poucas linhas

MONTVIDÉU. - A nova constituição do Brasil, que foi aprovada em 1934...

Mais comunistas vargem em A. Alegre

Blumenau, 24 de março. - O Partido Comunista Brasileiro realizou em Blumenau uma reunião...



Na Capital do Rio Grande do Sul

Precisadores políticos em grande número estão recebendo tratamento de água e humano...

Presidente Castelo Branco, em Ouro Preto

O presidente Castelo Branco chegou a Ouro Preto no dia 23 de março...

Os brasileiros: No plano social...

Os brasileiros: No plano social, a situação é preocupante...

"Movimento de Agricultores sem Terra" não passava de organização subversiva

Os movimentos de agricultores sem terra são considerados organizações subversivas...

CELESC dinamiza as obras da usina de "Santa Cruz"

A Companhia Saneamento de Blumenau (CELESC) dinamizou as obras da usina de Santa Cruz...

Revolução de 31 de março não foi feita para manter privilégios de quem quer que seja

A revolução de 31 de março não foi feita para manter privilégios de quem quer que seja...

Tirana cassa o título: Kruckey é renegado, covarde e traidor

O título de cidadão brasileiro foi cassado a Kruckey por ser considerado um renegado, covarde e traidor...

Imposto de Renda

O imposto de renda é um tributo sobre o rendimento das pessoas físicas...

Progresso Social e Político

O progresso social e político depende da participação ativa da população...

Veja o novo Chevrolet

O novo Chevrolet é um carro moderno, econômico e confortável...

Enchimento moderno

O enchimento moderno dos pneus Chevrolet oferece maior durabilidade e segurança...

Figura 13. A Marcha da Família noticiada pelo jornal A Nação

Fonte: Jornal A Nação. Coleção de Periódicos. AHJFS.

Figura 13. A Marcha da Família noticiada pelo jornal A Nação

Fonte: Jornal A Nação. Coleção de Periódicos. AHJFS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O “perigo vermelho” rondou o ordeiro e próspero Vale do Itajaí no início dos anos 60. Contra ele se insurgiram religiosos, empresários, movimentos femininos, jornalistas e militares numa verdadeira cruzada para preservação da ordem social, da propriedade privada, dos valores tradicionais, da família, da religião, da moral.

Neste estudo procuramos mostrar as representações, imagens, símbolos e signos usados no combate ao comunismo. Através das páginas dos jornais os mais diversos agentes sociais buscaram mobilizar o imaginário político contra o comunismo e contra os comunistas de Blumenau. Em Blumenau desde o início do século XX imperou uma visão conservadora em relação ao comunismo, na década de 1940 a cidade passou a “americanizar-se”, não apenas nos costumes e hábitos, mas também nos valores políticos. Assim, surgiram muitos porta-vozes do anticomunismo, buscavam de todas as formas mobilizar o imaginário político em defesa de valores como a “liberdade”, a religião, a civilização, a família, a moral, o trabalho, etc. Muitos periódicos mantinham uma oposição sistemática ao comunismo, seus autores buscaram mostrar aos leitores o perigo que o Blumenau estava correndo por tolerar a presença dos comunistas na cidade. Alguns autores tinham uma posição intolerante e não raro racista. Neste trabalho imaginativo reforçaram a imagem de Blumenau enquanto uma cidade laboriosa, próspera e harmônica, o que a transformava num “alvo apetitoso aos prepostos comunistas”. Por outro lado, haviam os comunistas, representados sob a insígnia do “outro”, do “bugre”, do desumano, do cruel, do ateu, imoral e violento. Sua ideologia, o comunismo, era representada na imagem horripilante do polvo, do abutre, da hidra.

Os membros do PCB em Blumenau eram alvos de constantes ataques na imprensa e de ações para minimizar suas influências. Francisco, ou o Chico comunista, era um dos principais alvos dos ataques pejorativos dos anticomunistas. Por outro, os comunistas não assistiram passivamente às críticas, rebatiam-nas através da imprensa, ridicularizavam seus adversários os qualificando como retrógrados, reacionários e portadores de idéias antiquadas. Tivemos uma idéia do trabalho dos comunistas em Blumenau através do jornal do partido no estado, a Folha Catarinense, infelizmente toda a militância em prol dos trabalhadores, as denúncias dos abusos patronais e da violação dos direitos foi interrompida com o golpe contra a democracia em 1964.

A Igreja empreendeu uma batalha particular contra o comunismo, pois argumentava que este visava a destruição da religião, criou meios

para combater o processo de modernização, laicização e secularização pelo qual passou a sociedade brasileira. No período da Guerra Fria incitou uma divisão arbitrária entre o comunismo e o “mundo livre”, através da imprensa estimulou o imaginário social que dividia de forma maniqueísta o mundo em “bons” e “maus”, entre “filhos de Deus” e “filhos das trevas”. Cardeais, bispos, freis se empenharam numa frenética campanha anticomunista com a criação de imagens sinistras do comunismo, com forte sentido simbólico, mas por vezes humoradas.

Neste contexto trouxemos à luz uma faceta pouco explorada do Jornal católico *Luzeiro Mariano*, ele pode ser visto como uma caixa de ressonância do anticomunismo, pois evocava a “irreconciliável” condição dos comunistas, propagandeava o anticomunismo através das inúmeras matérias alusivas à doutrina da Igreja, à condição da população nos países comunistas, a infiltração dos comunistas na América Latina, no Brasil, no governo Goulart e na própria Igreja. Mas, por outro lado não descuidava do “perigo vermelho” em Blumenau.

O imaginário anticomunista em Blumenau na conjuntura do golpe de 1964 produziu símbolos e mitos que foram capazes que congregar grande parte da população em torno do combate ao “perigo vermelho”. Neste período havia um discurso que incitava o golpe de estado em nome de uma suposta ameaça à democracia. Empresários, clérigos, mulheres, militares e intelectuais se lançaram numa paranóica campanha anticomunista.

O golpe de 1964 significou, naquele momento, para os anticomunistas católicos a redenção do Brasil, o acontecimento ganhou uma simbologia sagrada, a proximidade com os feriados da semana santa levou os religiosos a associarem a “revolução” a “ressurreição” do Brasil, à semelhança da ressurreição de Cristo. O golpe significou o fim do calvário, o medo do comunismo ateu estava se dissipando. Em Blumenau os comunistas foram presos, suas trajetórias pessoais foram alteradas pela repressão que se abateu não apenas sobre eles, mas sobre todos os que tinham qualquer relação com movimentos de esquerda.

O mês de abril de 1964 começou com um clima de vitória dos movimentos reacionários. Em Blumenau os setores conservadores e dominantes se enfileiravam na Marcha da Família com Deus e pela Liberdade. Este evento congregou as diversas forças que estavam empenhadas na defesa do *status quo* vigente no tradicional palco político de Blumenau, a rua XV de novembro.

O golpe civil-militar significou uma dura derrota para as esquerdas naquele momento. Para os diversos sujeitos envolvidos nas lutas sociais daquele contexto o golpe significou uma ruptura. De

maneira autoritária, sindicalistas, estudantes, professores e políticos foram mandados para o exílio, aqueles que tentaram resistir ainda carregam no próprio corpo as marcas da repressão. Sonhos, idéias e utopias foram detidos nos porões da ditadura.

Para concluir devemos assinalar que nosso objetivo não foi instituir um tribunal da história, pelo contrário, nossa pretensão foi fugir de maniqueísmos reducionistas e encarar as ações dos sujeitos no contexto histórico dos anos iniciais da década de 1960 segundo as contingências do próprio tempo. Procuramos dar pistas de que o golpe de 1964 e a subsequente ditadura militar foram uma construção social, que contou com a colaboração e o consentimento de vários grupos sociais. Que este trabalho contribua para que esta “pagina infeliz da nossa história” – para repetir e parafrasear o poeta – não se torne uma “passagem desbotada na memória das nossas novas gerações”.

REFERÊNCIAS

JORNAIS

A Nação. Coleção de periódicos. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

A Tribuna. Coleção de periódicos. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Cidade de Blumenau. Coleção de periódicos. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Lume. Coleção de periódicos. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Folha Catarinense. Coleção de periódicos. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

O Combate. Coleção de periódicos. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Ronda Barriga-Verde. Coleção de periódicos. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Mensageiro Artex. Coleção de periódicos. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

Elo. Coleção de periódicos. Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

ENTREVISTAS

GONÇALVES, Alfredo. Depoimento concedido ao autor. Blumenau, 13 de agosto de 2008.

PEREIRA, Francisco José. Depoimento concedido ao autor. Florianópolis, 08 de maio, 2005.

REBELO, Horácio dos Santos. Depoimento concedido ao autor. Blumenau, 4 de março de 2010.

FOTOGRAFIAS E MATERIAL ICONOGRÁFICO

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva. Fundo Memória Catarinense/Militar. Acervo iconográfico.

TESES, DISSERTAÇÕES, LIVROS E ARTIGOS.

ALMEIDA, Maria Isabel de Moura. **O anticomunismo na imprensa goiana: 1935-1964**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003;

ALVES, Rosilene. Bugres: As notícias correm! In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Meri. **Visões do Vale**: Perspectivas Historiográficas recentes. Blumenau: Nova Letra, 2000.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.) **Memória e (res)sentimento**. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

_____. **Ideologias, conflitos e poder**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

ANSART, Pierre. Em defesa de uma ciência social das paixões políticas. **História: Questões & Debates**, nº 33, 2001.

ANNUSECK Ellen. **Nos Bastidores da Festa**: outras histórias, memórias e sociabilidades em um bairro operário de Blumenau (1940-1950). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História: Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. **Enciclopédia Einaudi**. Portugal: Imprensa Nacional; Casa da Moeda. 1985.

BALANDIER, Georges. **O poder em cena**. Brasília: UNB, 1982.

BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. In: RÉMOND, René (org.) **Por uma História Política**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: UFRJ; FGV, 1996.

BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização. In FAUSTO, Boris. **História Geral da Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, Tomo 3, vol. 4;

BERGER, Peter. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1985.

BERNSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: **Para uma História Cultural**. RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean- François (Org). Lisboa: Editorial Estampa, 1999.

BONET, Luciano. Anticomunismo. In: BOBBIO, Norberto (org.) **Dicionário de Política**. Brasília: UNB, 1986.

BOURDIEU, Pierre. “Fieldwork in philosophy”. In: _____. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. Espaço social e poder simbólico. In: _____. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **O poder simbólico**. 6ª ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2003.

_____. **A economia das trocas lingüísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1996.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BRESCIANI, Maria Stella; SAMARA, Eni de Mesquita; LEWKOWICZ Ida (Orgs.). **Jogos da Política**. Imagens, Representações e Práticas. São Paulo: ANPUH; Marco Zero; FAPESP, 1992.

BRUNEAU, Thomas. Catolicismo brasileiro em época de transição. Petrópolis: Vozes, 1979.

CALIL, Gilberto G. **O Integralismo no pós-guerra**: a formação do PRP (1945-1950), Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CAMPOS, Cynthia Machado. **A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil.** Campinas, SP: Editora Unicamp, 2006.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O Bravo Matutino: Imprensa e Ideologia no Jornal O Estado de São Paulo.** São Paulo: AlfaOmega, 1980.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição imaginária da sociedade.** 3^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CHARTIER, Roger. **A história cultural.** Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1990.

COLOMBO, Eduardo. et al. **El imaginario social.** Buenos Aires; Montevideo: TUPAC-ediciones; NORDAN-Comunidad, 1989.

CORDEIRO, Janaína Martins. **Direitas em movimento: a Campanha da Mulher pela Democracia e a ditadura no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História.** V. 1.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil.** O longo caminho. 8^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CAREZIA, Roberto Marcelo. **Ícones da Vida Moderna: Tecnologia e Saúde nos Anúncios Publicitários Veiculados em Blumenau.** (1935-1955). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

CAREZIA, Roberto Marcelo. Blumenau e a modernização urbana: alterando costumes (1940-1960). In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Meri. **Visões do Vale: Perspectivas Historiográficas recentes.** Blumenau: Nova Letra, 2000.

CODATO, Adriano Nervo; OLIVEIRA, Marcus Roberto de. A marcha, o terço e o livro: catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964. **Revista Brasileira de História.** V. 24, nº 47, 2004.

COUTROT, Aline. Religião e política. in: RÉMOND, René (org.) **Por uma História Política**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: UFRJ; FGV, 1996.

COLOMBI, Luiz Vendelino. **Industrialização de Blumenau: O Desenvolvimento da Gebrüder Hering (1880/1915)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1979.

CYTRYNOWICZ, Roney; MAIO, Marcos Chor. Ação Integralista Brasileira: um movimento facista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida N. (Org.). **O Brasil Republicano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DE SANDRE, Ítalo. Carisma. In: BOBBIO, Norberto (Org.) **Dicionário de Política**. Brasília: Unb, 1986

DREIFUSS, René A. **1964: A conquista do Estado**. Ação política, poder e golpe de classe. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

FERREIRA, Cristina. **Cidadania e identidade na sociedade teuto-brasileira: José Deeke e os embates interétnicos no Vale do Itajaí**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1998.

FERREIRA, Jorge. O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964. In: _____; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DIAS, Maria de Fátima Sabino. **Sindicalismo e Estado corporativista: o caso do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Blumenau- 1941-1950**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1985.

DUTRA, Eliana Freitas. **O ardil totalitário**. Imaginário político no Brasil dos anos 30. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. UFMG, 1997.

FALCÃO, Luiz Felipe. A guerra Interna (integralismo, nazismo e Nacionalização). In BRANCHER, Ana Alice. **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

FALCÃO, Luís Felipe. **Entre o ontem e amanhã: diferença cultural tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX**. Itajaí: Editora da Univalli, 2000;

FALCON, Francisco. História e poder. In. CARDOSO, Ciro Flamarion, & VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FALCON, Francisco. História e Representação. In: MALERBA, Jurandir; CARDOSO, Ciro Flamarion. (orgs.). **Representações: contribuição a um debate transdisciplinar**. Campinas: Papyrus, 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A Nova “Velha História”: O Retorno da História Política. **Estudos Históricos**. V. 5, n. 10, 1992.

_____. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v.94, nº 3, maio/jun., 2000.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Oktoberfest**. Turismo, Festa e Cultura na estação do chopp. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

FROTSCHER, Méri. **Etnicidade e trabalho alemão: outros usos e outros produtos do labor humano**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1998.

FROTSCHER, Méri. **Da celebração da etnicidade teuto-brasileira à afirmação da brasilidade: ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950)**. 2003. Tese de Doutorado. Programa de pós-graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003

GAY, Peter. **O estilo na história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GERTZ, René. **O fascismo no Sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

GONÇALVES, Marcos. Para nunca mais esquecer: elementos do mito da conspiração no imaginário anticomunista brasileiro. **Revista História Hoje**. Nº 4, 2004.

_____. **“Os Arautos da Dissolução”**: Mito, imaginário político e afetividade anticomunista, Brasil 1941-1947. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

GRINBERG, Keila. Processos Criminais. A história nos porões dos arquivos judiciais. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HILLESHEIM, Anselmo Antônio. **O crescimento do Mercado Interno numa Colônia do Império** - O Caso de Blumenau (1850-1880) Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1979.

HOBSBAWN, Eric J. **Era dos extremos**. O breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KASPARY, Alceu. **O discurso católico em Santa Catarina no período de 1960/1964 e sua relação com a legitimação do golpe de Estado**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2ª ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Estampa, 1994.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas: Papyrus, 1986.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

LUSTOSA, Oscar F. **A Igreja Católica no Brasil República**. São Paulo: Paulinas, 1991.

MACHADO, Ricardo. **De Colônia a Cidade: Propriedade, Mobilidade e Ordem Pública em Blumenau de Fins do Século XIX**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História: Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**. n.º 15, agosto 2001.

MAIA, Pedro Américo. **História das congregações Marianas no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1989.

MAGALHÃES, Marionilde Brepohl. **Pangermanismo e Nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa**. Os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAMP, 1998.

MARTINS, Celso. **Os comunas: Álvaro Ventura e o PCB catarinense**. Florianópolis: Paralelo 27; Fundação Franklin Cascaes, 1995.

MAUAD, Ana Maria Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**. V. 1, n.º. 2, 1996.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**. O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2002.

NOGUEIRA, Maristel Pereira. **O anticomunismo nos jornais: Correio do Povo, Diário de Notícias e Última Hora, Uma perspectiva de análise.** Tese de Doutorado em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História.** (10), dez. 1993.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso.** 2ª ed. revista e aumentada. Campinas: Pontes, 1987.

PESAVENTO, Sandra J. em busca de uma Outra História imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História.** V. 15, nº 29. São Paulo, 1995.

PESAVENTO, Sandra J. **História & História Cultural.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos.** V. 2, n. 3, 1989.

PETRY, Sueli Maria Vanzuita. **Os Clubes de Caça e Tiro em Blumenau.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1979.

PIAZZA, Walter F. **A Igreja em Santa Catarina.** Notas para sua história. Florianópolis: FCC, 1977.

PIERUCCI, Antônio Flávio de; SOUZA, Beatriz M. de; CAMARGO, Cândido P. de. Igreja Católica: 1945-1970. In FAUSTO, Boris (org.). **História Geral da Civilização Brasileira.** São Paulo: Difel, 1986, vol. 11.

PINTOS, Juan Luis. **Los imaginarios sociales.** La nueva construcción de la realidad social. Madrid: Sal Terrae; Instituto “Fe y Secularidad”, 1995.

RÉMOND, René (org.) **Por uma História Política.** Rio de Janeiro: UFRJ; FGV, 1996.

_____. Por que a história política? **Estudos Históricos**. V. 7, n. 13, 1994.

RENAUX, Maria Luiza. **Colonização e Indústria no Vale do Itajaí: O modelo catarinense de desenvolvimento**. Blumenau: Editora da FURB, 1987.

RENAUX, Maria. Luiza. **O Outro Lado da História: O papel da mulher no Vale do Itajaí 1850-1950**. Blumenau: Editora da FURB, 1995.

RECKZIEGEL. Ana Luíza Setti. **História Regional: dimensões teórico-conceituais. História: debates e tendências**. V. 1, n. 1, 1999

RIBEIRO, Manoel Alves. **Caminho**. Edição do autor, Florianópolis 1990.

RICHARD, Pablo. **Morte das cristandades e nascimento da Igreja**. Análise histórica e interpretação teológica da Igreja na América Latina. São Paulo: Paulinas, 1982.

RODEGHERO, Carla S. **O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul, 1945-1964**. Passo Fundo: EDIUPF, 2003.

ROSANVALLON, Pierre. Por uma história conceitual do político (nota de trabalho). **Revista Brasileira de História**. V. 15, nº 30. 1995.

SANCTIS, Antônio de. (org). **Encíclicas e documentos sociais**. Da Rerum Novarum a Octagesima Adveniens. São Paulo: LTR, 1991.

SCHMIDT, Benito Bisso. 2007. Cicatriz aberta ou página virada? Lembrar e esquecer o Golpe de 1964 quarenta anos depois. **Anos 90**, 14 (26).

SCHWAB Aparecida Beduschi. **O Movimento Operário: Evolução do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Blumenau (1950-1988)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1991.

SEGATTO, José Antonio. **Reforma e Revolução**. As vicissitudes políticas do PCB (1954-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e Identidade Étnica**. A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

SILVA, Carla Fernanda da. **Grafias da luz**: A Narrativa Visual Sobre a Cidade na Revista Blumenau em Cadernos. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008

SILVA, Carla Luciana. **Onda Vermelha**: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001

SIMÕES, Solange de Deus. **Deus, pátria e família**. As mulheres no Golpe de 1964. Petrópolis: Vozes, 1985.

SIMÃO, Vilma Margarete. **Blumenau**: da indiferenciação étnica à diferenciação de classe. Dissertação de mestrado em Serviço Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1995.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana**. Análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Editora da Universidade de São Paulo, 1968.

SOUZA, Rogério Luiz de. **A Reforma Social Católica e o Novo Limiar Capitalista (1945-1965)**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em História. Curitiba, 2001

SOUZA, Rogério Luiz de. **ÉTICA CATÓLICA E CAPITALISMO**. Desenvolvimento e bem-estar social após a Segunda Guerra Mundial. **REB. Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 70, 2010.

SWAIN, Tânia Navarro. Você disse imaginário? In: ____ (Org.). **História no plural**. Brasília: UNB, 1994.

THEIS, Ivo M.; MATTEDI, Marcos Antonio; TOMIO, Fabricio Ricardo de Limas.(Orgs). **Nosso passado (in) comum: contribuições para o debate sobre a historia e a historiografia em Blumenau.** Blumenau: Ed. da FURB, 2000.

TOLEDO, Caio Navarro de. **O governo Goulart e o golpe de 64.** 15ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

TOMIO, Fabricio Ricardo de Limas. Breve história da burguesia industrial têxtil blumenauense (constituição, ação política e organizações de classe) In: THEIS, Ivo Marcos; MATTEDI, Marcos Antonio; TOMIO, Fabricio Ricardo de Limas.(orgs). **Nosso passado (in) comum: contribuições para o debate sobre a historia e a historiografia em Blumenau.** Blumenau: Ed. da FURB: 2000.

TORRES, Mateus Gamba. “**A justiça nem ao diabo se há de negar**”: a repressão aos membros do partido comunista brasileiro na Operação Barriga Verde (1975-1978). Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em história. Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história.** Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora da UnB, 1982.

VIANNA, Marly A. G. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida N. (Org.). **O Brasil Republicano.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

VIEIRA, Jaci Guilherme. **História do PCB em Santa Catarina:** Da sua gênese à Operação Barriga Verde – 1922 a 1975. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1994.

VIZENTINI, Paulo G. F. Do nacional-desenvolvimentismo à Política Externa Independente (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida N. **O Brasil Republicano.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

VOIGT, André Fabiano. **Imigrantes entre a Cruz e a Espada.** Imigração alemã, confissão religiosa e cidadania no Vale do Itajaí/SC

(1847 - 1863) Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1999.

VOIGT, André Fabiano. A invenção do teuto-brasileiro: imagens discursivas de uma construção identitária (1930-1946). **Anais do III Simpósio Nacional de História Cultural**. Florianópolis, 2005.

WERNET, Augustin. **A Igreja Paulista no século XIX**. São Paulo: Ática, 1987.

WOLFF, Cristina Scheibe. **As mulheres da Colônia Blumenau**. Cotidiano e trabalho. 1850-1900. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. PUC/SP. São Paulo, 1991.

ZENDROM, Rute. Anarquismo e anarquistas em Blumenau. In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Méri (Orgs.) **Visões do Vale**. Perspectivas historiográficas recentes. Blumenau: Nova Letra, 2000.